

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

JILTON MORAES DE CASTRO

O PENSAMENTO DE UM HOMILETA BRASILEIRO

Apresentação e autoavaliação da obra acadêmica, científica e literária de Jilton Moraes

São Leopoldo
2013

JILTON MORAES DE CASTRO

O PENSAMENTO DE UM HOMILETA BRASILEIRO

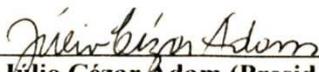
Apresentação e autoavaliação da obra acadêmica, científica e literária de Jilton Moraes

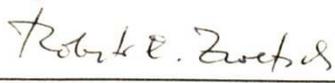
Relatório apresentado
para obtenção do título de *Notório Saber*
Programa de Pós-Graduação
da Faculdades EST
Área de concentração: Teologia Prática

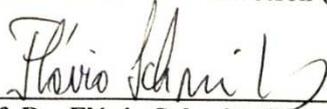
Orientador: Júlio Cezar Adam

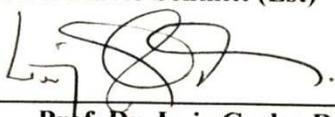
São Leopoldo
2013

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador: 
Prof. Dr. Julio César Adam (Presidente)

2º Examinador: 
Prof. Dr. Roberto E. Zwetsch (Est)

3º Examinador: 
Prof. Dr. Flávio Schmitt (Est)

4º Examinador: 
Prof. Dr. Luiz Carlos Ramos (Umesp)

5º Examinador: 
Prof. Dr. Lourenço Stelio Rega
(Faculdade Teológica Batista De São Paulo)

AGRADECIMENTOS

Ao nosso Deus, que na sua Graça tem me concedido a bênção de servir na pregação do evangelho, atuando no púlpito e na academia, e me tem honrado permitindo-me viver esse momento de concretização do anseio de reconhecimento e validação da minha obra acadêmica, científica e literária.

Ao Dr. Júlio Cezar Adam e ao Dr. Roberto Ervino Zwetsch pela iniciativa de formular ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade EST o pleito, propondo estudar a possibilidade da concessão do título de *Notório Saber* a um homileta brasileiro. À comissão de Pós Graduação sob a coordenação do Prof. Dr. Rudolf Von Sinner, Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa, ao Dr. Wilhelm Wachholz, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia da EST e aos membros do PPG-EST pela análise e aprovação do pleito de concessão desse título de *Notório Saber*.

Aos membros da banca examinadora: Dr. Júlio César Adam (presidente), Dr. Flávio Schmitt, Dr. Roberto Ervino Zwetsch, Dr. Lourenço Stelio Rega (Faculdade Teológica Batista de São Paulo) e Dr. Luiz Carlos Ramos (Universidade Metodista de São Paulo), por sua atuação.

A Deus toda honra, glória e louvor.

RESUMO

Abordagem sobre o contexto histórico, motivação, objetivos, conteúdo e a relevância do trabalho acadêmico, científico e literário de Jilton Moraes de Castro¹, no campo religioso da América Latina. O ponto de partida é uma visão histórica dos anos sessenta e setenta, tempo de carência de literatura na área da homilética, quando as cobranças dos alunos para que as anotações das pesquisas apresentadas em sala de aulas fossem transformadas em livro. Descreve como a partir do surgimento do seu primeiro livro, a primeira trilogia em homilética do Brasil foi publicada. Relata, também, a origem de mais cinco livros voltados para a ciência da pregação, formando um total de oito volumes nesta área da teologia prática e da pregação cristã, em particular. Menciona a publicação do livro **Homilética**: da pesquisa ao púlpito em espanhol. Oferece uma rápida visão de dez novos títulos em preparo, alguns dos quais contando com a contribuição de outros homiletas do Brasil e da América Latina. Menciona a utilidade dos livros escritos por Jilton Moraes de Castro não só no Brasil, mas na América Latina e nos Estados Unidos; e finaliza buscando responder algumas questões pertinentes ao assunto, como: por que e para que pregamos? Qual o lugar da pregação na atualidade? Como pregar a esta geração digital? De que modo a cristocentricidade deve estar presente na pregação cristã? O que caracteriza a pregação protestante no Brasil? A teologia e a prática da pregação no Brasil e na América Latina precisam ser questionadas.

Palavras chaves: homilética, homileta brasileiro, pregação cristã.

¹ Curriculum Lattes <http://lattes.cnpq.br/1331384652376992>. Nome em citações bibliográficas: MORAES, Jilton.

ABSTRACT

The present text constitutes an overview of the historical context, motivation, objectives, content and relevance of the academic, scientific and literary production of Jilton Moraes de Castro as it concerns the religious field in Latin America. The starting point is a historical view of the sixties and seventies, a time of shortage of literature in the field of Homiletics. As a seminary faculty, the lack of adequate textbook in the classroom coupled with the demands of the students led to the production of the needed textbook. Next, it describes how, after the onset of the first book a trilogy of Homiletics followed. Thirdly, it recounts the origin of five books geared toward the science of preaching, yielding a total of eight volumes in this area of practical theology and Christian preaching, in particular. In the fourth place, it points out to the publication of **Homiletics**: from research to the pulpit, in Spanish. Fifth, the text provides a glimpse of ten new titles in the pipeline, some of which with input from other researchers on the subject from Brazil and Latin America. Next to last, it mentions the usefulness of the literature published by Jilton Moraes de Castro reaching his birth country, Latin America and the United States of America. Finally, the text concludes with an attempt to answer some questions relevant to the subject: why and what we preach? What is the place of preaching today? As preach this digital generation? How to cristocentricidade must be present in Christian preaching? What characterizes the protestant preaching in Brazil? The theology and practice of preaching in Brazil and Latin America need to be questioned.

Key words: Homiletics, Brazilian Homiletics, Christian preaching.

ABREVIATURAS MAIS FREQUENTES

ASTE	Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos
CAB	Colégio Americano Batista
CBB	Convenção Batista Brasileira
CBP	Casa Bautista de Publicaciones
CC	Cantor Cristão
CEP	Casa Editora Presbiteriana
CPB	Casa Publicadora Batista
EST	Escola Superior de Teologia
Est.	Estrofe
Estríb.	Estrilho
FACETEN	Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil
FATEBE	Faculdade Teológica Batista Equatorial
FE	Faculdade Evangélica
FTBB	Faculdade Teológica Batista de Brasília
FTBP	Faculdade Teológica Batista do Paraná
HCC	Hinário Para o Culto Cristão
IES	Instituição de Ensino Superior
M	<i>A Mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea</i>
Metodista	Imprensa Metodista
ICT	Ideia central do texto
PB	Propósito básico
PE	Propósito específico
PIB	Primeira Igreja Batista
SBB	Sociedade Bíblica do Brasil
SEBI	Sociedade de Estudos Bíblicos Interdisciplinares
SPB	Seminário Presbiteriano de Brasília
STBE	Seminário Teológico Batista Equatorial
STBSB	Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil
STBSB	Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil
STF	Seminário Teológico de Fortaleza
TI	Tradução Interconfessional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. UMA TRILOGIA EM HOMILÉTICA.	19
1.1 Valorizando o gabinete para alcançar o ouvinte	19
1.2 Transformando o esboço em um discurso oral.	32
1.3 Trabalhando do discurso às ações práticas	36
2. NOVAS FORMAS SERMÔNICAS NA ATUALIDADE.	41
2.1 Trabalhando a utilização da música no púlpito	41
2.2 Utilizando o monólogo como pregação	46
3. ALCANCE E APRIMORAMENTO DA PRÉDICA.	51
3.1 Equipando pregadores leigos	51
3.2 Ilustrando para alcançar os ouvintes.	55
3.3 Dando voz aos ouvintes.	57
3.4 Olhando o pregador das gentes.	63
4. NOVOS TÍTULOS NA TEOLOGIA PASTORAL.	67
4.1 Aventuras de um novo cristão	69
4.2 Teologia na prática da pregação	70
4.3 Pregação na América Latina	70
4.4 Podemos pregar melhor: aprendendo com o Senhor da Pregação	73
4.5 Pregando melhor em menos tempo	73
4.6 Pedro, o pregador	74
4.7 Grandes pregadores e sua pregação	74
4.8 Pregando na parábola do pródigo	75
4.9 Esboços para ocasiões especiais	75
4.10 O pastor no seu dia a dia	76
CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	93
ANEXO A: Professor no STBE.	95
ANEXO B: Mestrado livre em Teologia	97
ANEXO C: Professor no STBNB	99
ANEXO D: Doutorado livre em Teologia STBNB	101
ANEXO E: Declaração do orientador do doutorado livre em Teologia, STBNB	103
ANEXO F: Declaração do coordenador do doutorado livre em Teologia, STBNB	105
ANEXO G: Doutorado livre em Teologia, STBNB	107
ANEXO H: Doutorado livre em Teologia, STBNB.	109
ANEXO I: Doutorado livre em Teologia, STBNB.	111

ANEXO J: Coordenador dos cursos livres de Teologia STBNB.	113
ANEXO K: Diretor geral e professor da FTBB	115
ANEXO L: Professor e capelão da FE	117
ANEXO M: Professor da SEBI, Taguatinga	119
ANEXO N: Professor do SPB.	121
ANEXO O: Professor visitante no curso de mestrado livre em Teologia, STBE. . .	123
ANEXO P: Professor visitante no curso de mestrado livre em Teologia, STF, CE. .	125
ANEXO Q: Professor visitante no curso de mestrado em Teologia, Campbellsville University, KY, USA.	127
ANEXO R: Professor visitante no curso de mestrado livre em Teologia, FTBP, Curitiba, PR.	129
ANEXO S: Professor visitante no curso de mestrado livre em Música Sacra, STBSB, Rio de Janeiro, RJ	131
ANEXO T: Bacharel em Teologia, FACETEN, parecer 063/2004.	133
ANEXO U: Utilização do livro Homilética: da pesquisa ao púlpito em curso nos Estados Unidos.	135

INTRODUÇÃO

Agosto de 1974 marca o começo do meu trabalho docente: uma classe de Homilética I, no Seminário Teológico Batista Equatorial, hoje FATEBE, em Belém, PA. A partir dessa experiência notei a ausência de uma bibliografia na área da homilética em português. Buscava uma literatura básica ao programa da disciplina, apresentando-a não como um conjunto de regras a determinar a forma da prédica, mas capaz de habilitar pregadores a, primeiro, conhecer o que diz o texto, interpretá-lo à luz do seu contexto e aplicá-lo às necessidades dos ouvintes. Esse tempo era marcado por uma escassez de livros apropriados à bibliografia dos cursos de homilética. Eram apenas dois os mais completos disponíveis em português:

- (1) BROADUS, John. **O preparo e entrega de sermões**. Rio:CPB,1960.380 p.
- (2) BLACKWOOD, A. W. **A preparação de sermões**. São Paulo: ASTE. 1965. 284 p.

Além desses livros, outros menores, porém úteis à formação de acadêmicos de Teologia também podiam ser encontrados:

- (1) BROADUS, **A arte de pegar**. São Paulo: Metodista. 1928. 243 p.
- (2) BURT, G. **Manual de Homilética**. São Paulo: Metodista.1954. 155 p.
- (3) LEHMAN, H. I. **Prega a Palavra**. São Paulo: Metodista. 1965. 128 p.
- (4) MUNGUBA SOBRINHO, José. **Esboço de Homilética**. Rio: CPB. 1956. 100 p.
- (5) KNOX, John. **A integridade da pregação**. São Paulo: ASTE, 1964. 94 p.
- (6) JOWETT, John Henry. **O pregador**, sua vida e sua obra. Campinas: CEP. 1969. 158 p.
- (7) NORTH, Stafford. **Pregação**, homem & método. São Paulo: Vida Cristã. 1971. 165 p.
- (8) CLAY, Charles Wesley. **Sermões dramatizados**. São Paulo. Metodista. 1972. 163.
- (9) GOUVÊA JR, Herculano. **Lições de retórica sagrada**. Campinas: Maranata. 1974. 102 p.

Algumas destas obras, contudo, mesmo procedendo de sérias pesquisas e sendo úteis à formação de acadêmicos de Teologia, pelo fato de não serem manuais de homilética, não reuniam condições para figurar como bibliografia básica. E, também, alguns títulos destinados mais à formação de pregadores leigos surgiram entre os quais podem ser destacados:

- (1) SHEPARD. J. W. **O pregador**. Rio: CPB. 1959. 193 p.
- (2) LEITÃO, Edgar. **Ajuda a pregadores leigos**. Rio: CPB. 1962.202 p.
- (3) PORTER, Paulo C. **Cartilha do pregador**. Rio: CPB. 1962. 91 p.
- (4) KEY, Jerry Stanley. **José da Silva um pregador leigo**. Rio: CPB. 1973. 110 p.
- (5) HAWKINS, T. **Homilética Prática**. Rio: CPB. 1975. 108 p.

É relevante destacar que à época do surgimento desses títulos, os livros de homilética eram, na sua quase totalidade, produzidos fora do Brasil e outros, mesmo sendo originalmente surgidos no Brasil, tinham como autores missionários estrangeiros que aqui serviam. Uma análise da procedência dos livros lançados nesse longo período de quase meio século (1928-1975)² comprova esta realidade, como demonstra o quadro a seguir:

<p>Sete livros oriundos dos Estados Unidos (dois títulos de Broaduse um de Blackwood, Burt, North, Knox e Jowett);</p> <p>Um livro oriundo da América Latina (Hawkins);</p> <p>Dois livros de procedência não indicada (Clay e Lehman);</p> <p>Três livros escritos no Brasil por autores estrangeiros (Porter, Key e Shepard);</p> <p>Três livros escritos por brasileiros (Munguba Sobrinho, Leitão e Gouvêa Jr.)</p> <p>Total de dezesseis livros</p>
--

Entre os livros alistados, os que mais se notabilizaram foram: o clássico de John Broadus, **O preparo e entrega de sermões** e o trabalho de A. W. Blackwood, **A preparação de sermões**. Pequenos livros, como o de Munguba Sobrinho e outros escritos de autores nacionais nesse período marcam a formação de pregadores e de homiletas brasileiros. Sem ofuscar a atuação dos escritores e professores de homilética estrangeiros, precisamos registrar que livros de homilética escritos por especialistas que desconhecem a realidade brasileira correm sério risco de formar pregadores com um padrão mais condizente com a nacionalidade e realidade do professor e, conseqüentemente, desconectado do contexto brasileiro.

Para melhor compreensão deste trabalho de apresentar o meu pensamento como um homileta brasileiro, a partir de uma autoavaliação da minha obra acadêmica, científica e literária divido minha atividade como docente e pesquisador em quatro períodos, aliando a atividade acadêmica à prática pastoral. Isso permitiu o contato com os alunos e os ouvintes, a sala de aula e o culto, a cátedra e o púlpito, os livros e o Livro.

No primeiro período ensinando Homilética, no STBE (Anexo A), além dos livros de Broaduse Blackwood, dois outros títulos me foram muito úteis, ajudando bastante na formação do meu pensamento nesta área:

- (1) CRANE. James. **El sermón eficaz**. El Paso: CBP. 1961. 306 p.
- (2) BROWN JR., H. C., CLINARD, H. Gordon, NORTHCUTT, Jesse. **Steps to the Sermon**. Nashville: Broadman Press. 1963. 202 p.

² Os títulos aqui indicados são obras do conhecimento do autor deste trabalho. Certamente outros livros de homilética foram publicados neste período.

O fato desses livros não estarem traduzidos para o português dificultava as pesquisas e uma melhor assimilação do alunado. Mesmo que os dois títulos constavam no acervo da biblioteca da IES, ainda assim ficava difícil para uma parte dos alunos o acesso a tais fontes. Esse fato me forçava a algumas vezes repetir as ideias com eles partilhadas, para que completassem suas anotações, obtendo acesso ao conteúdo ministrado em classe.

Nesse contexto surgiu a sugestão de que eu escrevesse um livro. Apesar dos vários apelos, completei meu tempo no STBE sem efetivar tal ideia. Além das responsabilidades docentes e pastorais, dirigindo a Primeira Igreja Batista do Pará, eu cursava o Mestrado livre em Teologia, tornando-me sem tempo para tal produção.

O segundo período começa em janeiro de 1983, com a minha mudança para Teresina (PI). Nesse período (1983–1984) completei meu curso livre de Mestrado. A dissertação foi: A Pregação Neotestamentária: uma nova dimensão à mensagem do Antigo Testamento (Anexos B e C). À época pastoreei em tempo integral a Primeira Igreja Evangélica Batista em Teresina.

No final de dezembro de 1984 teve início o terceiro período quando passei a residir em Recife (PE) para seguir no trabalho pastoral, na Igreja Batista Imperial. Sendo esta cidade a sede do STBNB, em agosto de 1986 voltei à academia, assumindo as cadeiras de Homilética naquela instituição (Anexo D). No interregno de três anos e meio, entre minha saída do STBE e a volta à docência, a bibliografia na área foi acrescida com pelo menos doze novos títulos:

- (1) BROSE, Reinaldo. **Cristãos usando os meios de comunicação Social**: Tele-homilética. São Paulo: Paulinas. 1980. 203p.
- (2) SPURGEON, C. H. **Lições aos meus alunos**, vol. I. São Paulo: PES. 1980. 200 p.
- (3) _____. **Lições aos meus alunos**, vol. II. São Paulo: PES. 1980. 244 p.
- (4) SILVA, Plínio Moreira Da. **Homilética**: A arte de pregar o evangelho. Mogi das Cruzes: ABECAR. 1982. 122 p.
- (5) TEIXEIRA, Nereu. **A comunicação libertadora**. São Paulo: Paulinas, 1983.
- (6) SPURGEON, C. H. **Lições aos meus alunos**, vol. III. São Paulo: 1983. 124 p.
- (7) ROBINSON, Haddon W. **A Pregação bíblica**. São Paulo: Vida Nova. 1983. 151 p.
- (8) JONES, D. Martin Lloyd. **Pregação & pregadores**. São Paulo: Fiel. 1984. 240 p.
- (9) KOLLER, Charles W. **Pregação expositiva sem anotações**: como pregar sermões dinâmicos. São Paulo: Mundo Cristão. 1985. 132 p.
- (10) LIEFELD, Walter L. **Exposição do Novo Testamento**: do Texto ao Sermão. São Paulo: Vida Nova. 1985. 155 p.
- (11) KIRST, Nelson. **Rudimentos de Homilética**. São Paulo. Paulinas/Sinodal. 1985. 216 p.
- (12) BRAGA, James. **Como preparar mensagens bíblicas**. Miami: Editora Vida. 1986. 263 p.

Esse acréscimo bibliográfico abrandou a cobrança dos alunos pela produção de um texto. A publicação de **Rudimentos de homilética** foi um marco para a pregação e o ensino da homilética no Brasil. Obra de qualidade, produzida no Brasil, por um teólogo brasileiro. Esse livro tem figurado entre os títulos nas bibliografias básicas e complementar em

programas de homilética. Nos anos seguintes, pelo menos mais quatro livros ligados à pregação surgiram:

- (1) CRANE, James. **O sermão eficaz**. Rio de Janeiro: JUERP. 1988. 205 p.
- (2) PERRY, Lloyd & SELL, Charles. **Pregando sobre os problemas da vida**. Rio de Janeiro: JUERP. 1989. 244 p.
- (3) STOTT, John. **O perfil de pregador**. São Paulo: SEPAL. 1989. 166 p.
- (4) LACHLER, Karl. **Prega a palavra**. São Paulo: Vida Nova. 1990. 131 p.

Nesse tempo os livros produzidos por editoras não evangélicas não eram tão aceitos, pelo fato de originar-se de um selo alheio ao mercado livreiro protestante ou meramente por não ser literatura produzida com a chancela de uma denominação.

Segui ensinando Teologia Pastoral, especialmente homilética, no STBNB. Em 1990 fui selecionado para participar, como bolsista, de um programa de doutoramento promovido pela instituição, visando à melhor capacitação da docência. Meu orientador foi o Dr. Jerry Stanley Key (Anexo E). No ano seguinte fiz um estágio de três meses nos Estados Unidos, objetivando aprofundar a pesquisa para o trabalho parcial de conclusão de curso.

Em julho de 1993 coleí grau no curso livre de doutor em Teologia no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, Recife. Mais uma vez a homilética esteve bem presente, como minha principal área de concentração; o assunto discorrido em minha tese foi: **O Valor da Brevidade Para a Relevância da Pregação**: ensaio a partir de uma análise crítica no trabalho homilético de David Mein (Anexos F, G e H). Em 1995 assumi a coordenação dos cursos livres de Teologia no STBNB, função exercida até janeiro de 2001 (Anexo I).

O avanço da bibliografia na área da pregação, porém, não deteve as cobranças e incentivos para eu escrever um livro sobre homilética. Ainda assim, seis anos se passaram desde a conclusão do doutorado livre para eu atualizar as anotações de mais de 25 anos (1974 a 1999), objetivando a produção de um livro. Somente a partir da conclusão desse doutorado livre aceitei ministrar disciplinas nos cursos de livres de doutorado e mestrado em Teologia.

No quarto período dessa trajetória acadêmica – fevereiro de 2001 ao presente – servi inicialmente como diretor geral da Faculdade Teológica Batista de Brasília (2001- 2006), atuando também na docência (Anexos J e K). Deixando a direção e docência da FTBB, tenho servido às seguintes IES:

- Professor e capelão da FE, Taguatinga, DF (Anexo L);
- Professor da SEBI, Taguatinga, DF (Anexo M);
- Professor do SPB, Brasília, DF (Anexo N);

Nesse tempo tenho servido ainda como professor visitante em IES, em vários locais:

- Curso de mestrado livre em Teologia, STBE, Belém, PA, 2000 (Anexo O);
- Curso de mestrado livre em Teologia, STF, CE, 2001 (Anexo P);

- Curso de mestrado em Teologia, Campbellsville University, KY, USA 2003 (Anexo Q);
- Curso de mestrado livre em Teologia, FTBP Paraná, Curitiba, PR, 2003 (Anexo R);
- Curso de mestrado livre em Música Sacra, STBSB, Rio de Janeiro, RJ, 2007 (Anexo S).

Nesse mesmo tempo cursei o bacharel em Teologia, pela FACETEN, conforme o procedimento do parecer 063/2004 (Anexo T). Este tem sido o tempo de maior produção bibliográfica, com sete livros publicados, elevando o acervo a oito livros. Apresentá-los como expressão do meu pensamento é minha responsabilidade neste trabalho, onde busco oferecer uma visão dos oito livros.

Seria inadequado discorrer sobre o meu pensamento como homileta sem uma menção honrosa aos meus principais mestres. Registro o meu reconhecimento e gratidão aos meus professores de Homilética: Dr. Charles W. Dickson (*In memoriam*) dos cursos de bacharelado e mestrado livres em Teologia, no STBNB e Dr. Jerry Stanley Key, professor e orientador no curso de doutorado livre de Teologia também na mesma IES.

Algumas indagações inerentes ao tema surgem refletindo sobre homilética no contexto Latino americano, objetivando focalizar um homileta brasileiro: Por que e para que pregamos? Qual o impacto da prédica na vida de quem prega? A pregação continua relevante no culto, na atualidade? Como as pessoas veem a pregação em nossos dias? Como podemos pregar para ouvintes na era digital? O que pode ser um adequado conceito de cristocentricidade na prédica? O que deve caracterizar a prédica cristã no Brasil? Temos homiletas brasileiros; mas o que é homilética brasileira? Quais as marcas distintivas da prédica protestante em nosso país? Como deve ser a teologia da pregação no Brasil?

Antes de oferecer um vislumbre dos capítulos deste trabalho, apresentando os livros e buscando formular respostas às questões levantadas, exponho alguns dos meus principais conceitos como pregador e homileta.³

³ Dois detalhes comumente evitados em escritos acadêmicos, em especial nas teses e dissertações, são encontrados neste trabalho. A presença deles aqui se justifica pela natureza deste escrito, não só relatório para obtenção do título de *notório saber* e, mais ainda, objetivando uma apresentação e autoavaliação da minha obra acadêmica, científica e literária. Para a realização desta empreitada, toda pesquisa foi realizada dentro de bibliografia da minha própria autoria: 2.043 páginas, em 8 livros; 47 páginas do capítulo de um livro; 209 páginas de minha tese do doutorado livre em Teologia; 87 páginas de um trabalho inédito, não publicado, mais 13 páginas de um artigo e mais 6 páginas de um “Auxílio Homilético” escrito para o livro *Proclamar Liberdade*, publicado pela EST e IECLB. Minha responsabilidade foi pesquisar este acervo para apresentar o tema a mim proposto. Isso explica a repetição do nome MORAES, na quase totalidade das notas de rodapé. Nos poucos casos quando citações de outros autores ocorrem, vêm pelo fato de trazerem conceitos que ajudam a subsidiar o relatório: são conceitos geralmente citados nas mais de duas mil páginas aqui diretamente pesquisadas. E isso explica também a ocorrência da expressão *apud*. Não eram os autores das obras que estavam sendo pesquisados, mas quem os citou.

Pregação Cristã

O que é pregação? Minha definição da pregação cristã abrange três tempos: passado, presente e futuro. Pregamos baseados em textos bíblicos escritos no passado, transportamos esse texto para alcançar os ouvintes no presente e os desafiamos a mudanças comportamentais que envolvem o seu futuro. A partir da admissão desses três tempos, afirmo: Pregação é a comunicação da Palavra de Deus com aplicação para o presente e desafios para o futuro.⁴

Homilética

O pregador precisa levar a sério a pregação da Palavra e isso envolve mais que dividir um assunto em tópicos visando à elaboração de uma prédica ou simples exercício hermenêutico ou exegético. Homilética é uma ciência que se une a várias outras ciências para cumprir o seu papel.

Homilética é a ciência que nos ajuda a amar a Palavra de Deus, nela meditando, estudando e assimilando os seus princípios, para sermos edificados e capacitados a, em aprendizagem constante, construir uma pregação bíblica, atual e desafiadora objetivando apresentar Jesus, poder e sabedoria de Deus para a salvação dos que creem.⁵

Homileta

Pregador (pregadora) apaixonado pela pregação, que prioriza o ministério da Palavra, na vida e nas atividades pastorais; professor (professora) que, além do simples ensino em sala de aula tem a convicção e o entusiasmo de poder participar da formação de pregadores; teólogo (teóloga) que se alegra não em teologizar, mas em fazer teologia que, transformada em chamadas, alcance as pessoas com a proposta de adesão ao Reino de Deus; escritor (escritora) que produz livros, artigos e trabalhos diversos na área da pregação, objetivando através da incansável pesquisa, transpor barreiras, para o melhoramento constante do desempenho no púlpito; pesquisador (pesquisadora) que alegremente produz trabalhos acadêmicos (tese, dissertação ou monografia), não apenas cumprindo exigências acadêmicas, mas no propósito de atualizar e ampliar seus conhecimentos para crescer na arte da pregação; alguém que busca conhecer a realidade, os mecanismos e os desafios da comunicação na atualidade, assim como conhece a comunidade e o grupo específico, ao qual a pregação cristã se dirige.⁶

⁴ MORAES, Jilton. **Homilética**: da pesquisa ao púlpito. São Paulo: Editora Vida. 2005, p.51.

⁵ MORAES, Jilton. **Homilética**: do ouvinte à prática. São Paulo: Editora Vida. 2013b.p.293.

⁶ Conceito por mim elaborado, apresentado e discutido em um dos primeiros encontros da RedLAH, onde recebeu sugestões, em especial de Júlio Cezar Adam e Luiz Carlos Ramos.

O texto bíblico

Sendo bíblica a pregação, a tentativa de dissociá-la do texto bíblico será insensata. Como trabalhar uma comunicação da Palavra, sem a Palavra? Essa reflexão me fez pensar na figura de alguém que trabalha com o bastidor construindo o seu bordado e só consegue fazê-lo a partir de um tecido. Sem esse tecido qualquer tentativa de executar o seu bordado será inútil. Essa é a melhor figura que tenho encontrado para a indispensabilidade do texto na prédica: O texto bíblico está para o sermão assim como o tecido está para o bordado. Assim como é impossível fazer o bordado sem o tecido, é impossível elaborar um sermão sem o texto bíblico.⁷

Compreensão do texto bíblico

Sem que o pregador compreenda o texto bíblico que utilizará, toda tentativa de pregar uma mensagem bíblica, atual e desafiadora será inútil. Só depois de compreender o real sentido do texto sobre o qual vou pregar é que terei condições de ajudar os meus ouvintes a compreendê-lo. É impossível esclarecer o que ainda não está claro para mim.⁸

Eloquência na prédica

O que todo pregador almeja é alcançar a melhor desenvoltura possível no púlpito, mas isso só é possível quando nos dispomos a dar o máximo de nós mesmos no preparo para pregar. A fluência no púlpito abrange muito mais a elaboração de um bom esboço: requer que o transformemos em um discurso oral.

Sermão eloquente é um discurso que, partindo de sua base bíblica atrai e mantém a atenção, por construir uma ponte que, transpondo a barreira do tempo e do espaço, entra no mundo significativo do ouvinte com a sensibilidade de confortar os perturbados e a coragem de perturbar os confortados: faz diferença na vida dos ouvintes, da igreja e da sociedade.⁹

Pregação e música

Amo a música porque amo a Palavra. O livro de onde extraímos a base para as nossas prédicas não apenas fala da música, mas realça o seu encanto; destaca a presença da música em momentos notáveis da história cristã. Essa constatação me tem feito sistematizar alguns conceitos e ideias para a prédica segmentada, onde as palavras do pregador e os cânticos dos fiéis se unem em harmonioso trabalho objetivando anunciar a Palavra.

⁷ MORAES, Jilton. **O clamor da igreja:** em busca de excelência no púlpito. São Paulo: Mundo Cristão. 2012b. p. 66.

⁸ MORAES, Jilton. **Aventuras de um pregador iniciante:** aprenda a pegar. São Paulo: Vida. 2012 a.p. 39.

⁹ MORAES, Jilton. **Homilética:** do púlpito ao ouvinte. São Paulo: Vida. 2008. p. 106.

Unindo palavra e música na proclamação da Palavra, o sermão segmentado faz o pregador e o músico interagirem em uma só atividade, tornando-os, ambos, arautos e artistas, com a oportunidade e o privilégio de servirem juntos para o louvor da glória de Deus.¹⁰

A felicidade do pregador

A indagação às vezes levantada é: pode o pregador ser feliz? Ou, quando é que o pregador se torna feliz? Com essa indagação diante de mim, em pleno exercício do ministério pastoral, escrevi *As bem-aventuranças do pastor*, que hoje figura no livro **Ilustrações e poemas para diferentes ocasiões**, onde, em resumo, afirmo:

Feliz o pastor que prega com a autoridade do Senhor, sem a preocupação de agradar aos homens; ele é chamado porta-voz de Deus. [...] Suas ovelhas o ouvem atentamente e em suas mensagens encontram o alimento; ele recebe a bênção de ser forte. [...] Ele se preocupa em anunciar com fidelidade a mensagem do Senhor; ele recebe a honra de ser chamado profeta.¹¹

A esperança em termos de pregação no Brasil

O duro questionamento levantado por ouvintes frustrados com as prédicas que ouvem é sobre o futuro do púlpito. Para escrever o livro, **O clamor da igreja**: em busca de excelência no púlpito, mantive contato com várias pessoas desesperançadas com o descaso de alguns pregadores. Sobreviverá o púlpito? Clyde Fant, em seu livro **Preaching for Today**, incluiu um capítulo intitulado “O púlpito teimoso”, no qual afirma: “A pregação é a parte do culto que tem sido mais criticada e castigada, apesar de ser, também, a que tem sido mais universalmente praticada”.¹² Diante desse questionamento escrevi uma paráfrase de Jó 14.7-9:

Há esperança para o pregador que, mesmo abatido pelas circunstâncias, busca crescer na graça do Senhor: novos frutos da sua pregação aparecem. Por mais que esteja tão desatualizado e debilitado que pareça morto, em comunhão com o Senhor ele brotará e pregará entusiasticamente como um pregador renovado pelo Espírito.¹³

Conhecidos estes meus conceitos, apresento, em resumo, uma visão do conteúdo deste trabalho para, em seguida entrarmos em seu desenvolvimento:

No primeiro capítulo – Uma trilogia em Homilética – tento desenvolver os temas: valorizando o gabinete para alcançar os ouvintes; transformando o esboço em um discurso oral; e trabalhando do discurso às ações práticas. Nesse capítulo apresento os livros

¹⁰ MORAES, Jilton. **Púlpito**: pregação e música. Rio de Janeiro: Convicção. 2010b. p. 51.

¹¹ MORAES, Jilton. **Ilustrações e poemas para diferentes ocasiões**. São Paulo: Editora Vida. 2010 a.p. 106.

¹² FANT, *apud*: MORAES, 2012b, p. 16.

¹³ MORAES, 2012b, p. 153.

Homilética: da pesquisa ao púlpito, **Homilética:** do púlpito ao ouvinte e **Homilética:** do ouvinte à prática.¹⁴

No segundo capítulo – Novas formas sermônicas na atualidade – trato dos temas: trabalhando o uso da música no púlpito e utilizando o monólogo no púlpito. Os livros apresentados são: **Púlpito**, pregação e música e **Restaurado por Jesus**: histórias bíblicas, prédicas, monólogos.

No terceiro capítulo – Alcance e aprimoramento da pregação - exponho alguns recursos para o desejado aperfeiçoamento na comunicação da Palavra: equipando pregadores leigos; ilustrando para alcançar os ouvintes; dando voz aos ouvintes; e olhando para o pregador das gentes. Neste capítulo, além de apresentar os meus livros: **Aventuras de um pregador iniciante**: aprenda a pregar; **Ilustrações e poemas para diferentes ocasiões** e **O clamor da igreja**: em busca de excelência no púlpito, exponho também o décimo capítulo do livro: **Paulo**: sua vida e sua presença ontem, hoje e sempre. Esse capítulo, de minha autoria, aborda a pregação da Palavra em Paulo.¹⁵

No quarto capítulo – trabalhando para um futuro próximo – apresento dez títulos em planejamento para os próximos anos. São trabalhos não apenas como autor, mas como organizador, em algumas obras, empreitadas conjuntas com outros homiletas, especialmente com os Drs. Júlio Cezar Adam e Luiz Carlos Ramos.

¹⁴ Pelo fato de a biblioteca da Faculdade EST possuir em seu acervo exemplar de todos os meus livros apresentados neste trabalho, considerei desnecessária a apresentação de anexos comprobatórios, com os respectivos dados internacionais de catalogação na publicação (CIP).

¹⁵ MORAES, Jilton. Paulo e a pregação da Palavra. In: REGA, Lourenço Stelio, org. **Paulo**: sua vida e sua presença ontem, hoje e sempre. São Paulo: Vida. 2004, p. 245-292.

1. UMA TRILOGIA EM HOMILÉTICA

A *Coleção Homilética* é a primeira trilogia nesta área, produzida por um homileta brasileiro. São três livros dedicados ao labor sermônico. Na conclusão do último volume, afirmo:

O sentimento de completude para o autor, não obstante, é acompanhado da antagônica sensação de algo ainda não totalmente concluído. E assim acontece ao pesquisador. Completar os três volumes desta coleção não significa encerrar a pesquisa no que diz respeito ao tríplice labor: *Da pesquisa ao púlpito* → *do púlpito ao ouvinte* → *do ouvinte à prática*. Há muito mais em que se aprofundar em termos de pesquisa sermônica, enunciação da prédica e seus resultados na vida do ouvinte.¹⁶

Ainda acrescentei: “quanto mais se aprofundarem as pesquisas, mais campos de estudos surgirão e mais espaço haverá para divulgação e experimentos de novos conceitos e técnicas”.¹⁷ A afirmação condiz com algo que havia alegado ao começar a escrever o primeiro volume. E é significativa a presença desta declaração na abertura e no encerramento da trilogia, por expressar bem o meu conceito da homilética e sua aprendizagem:

O estudo da homilética é uma bênção a todos quantos desejam dedicar-se à comunicação da Palavra de Deus. Para um melhor aproveitamento de tudo o que esta disciplina oferece, precisamos conhecer o que vem a ser esta ciência, determinar a importância de seu estudo e pensar, também, em alguns perigos que devem ser evitados.¹⁸

1.1 Valorizando o gabinete para alcançar o ouvinte

MORAES, Jilton. **Homilética**: da pesquisa ao púlpito. São Paulo: Vida. 2005. 231 p.

A série Homilética começou em 2005, com a publicação do **Homilética**: da pesquisa ao púlpito. A obra, lançada inicialmente com o selo STBNB Edições,¹⁹ foi transferida para a editora Vida, visando expandir o seu alcance.²⁰

O livro apresenta um programa para elaboração de sermões, ressaltando a importância da hermenêutica e da exegese, aliadas à homilética para permitir ao pregador

¹⁶ MORAES, 2013b, p. 291.

¹⁷ MORAES, 2013b, p. 291.

¹⁸ MORAES, 2005, *apud* MORAES, 2013b, p. 293.

¹⁹ MORAES, Jilton. **Homilética**: da pesquisa ao púlpito. Recife: STBNB Edições; MORAES, Jilton. **Homilética**: da pesquisa ao púlpito. Recife: STBNB Edições. 2ª Edição, 2002.

²⁰ MORAES, 2005.

trabalhar o texto bíblico com fidelidade e atualidade. O modo como esse método trabalha a homilética associada a essas duas ciências, demanda uma definição de termos para melhor compreensão dessa conexão a serviço da comunicação da Palavra.

Entendemos exegese como a detalhada interpretação de um texto bíblico ou de uma palavra. A homilética lança mão da exegese bíblica, onde o pregador geralmente utiliza o método histórico gramatical visando extrair do texto o seu sentido primário, objetivando descobrir o seu significado para os ouvintes aos quais comunica a Palavra.

Temos, portanto, duas tarefas: primeiramente descobrir o que o texto significava originalmente - esta tarefa é chamada exegese. Em segundo lugar, devemos aprender a escutar esse mesmo significado na variedade de contextos novos ou diferentes dos nossos próprios dias; chamamos a esta segunda parte de *hermenêutica*.²¹

No livro **Homilética**: da pesquisa ao púlpito menciono que a tarefa de interpretar o texto é denominada hermenêutica. Essa palavra provém do grego ερμενευω (*ermeneúo*), que significa interpretar. O vocábulo refere-se a todo o trabalho de “transporte” do texto desde sua origem até o leitor. Por essa razão, o estudo da hermenêutica inclui três elementos que se complementam:

- *Noemática* – que se preocupa com o sentido que há no texto;
- *Heurística* – que estuda as ferramentas a serem utilizadas para a descoberta deste sentido do texto;
- *Proforística* – é o modo ou forma como é exposto o sentido encontrado nas Escrituras; trata da extração e aplicação da mensagem encontrada.²²

Severino Croatto²³ teve o cuidado de diferenciar a exegese da hermenêutica, lembrando que a primeira procura identificar o sentido do texto, considerando o que há “por trás” dele (autor, ocasião, tradição, figuras literárias, etc.), enquanto a outra inclui a percepção do sentido que há “adiante” do texto.

No trabalho hermenêutico é preciso considerar todo o processo decorrido até que o texto esteja diante de nós. Jerry Key afirmou que: “a interpretação correta do texto significa o esforço mental e espiritual do intérprete para captar o fio do pensamento e a maneira de pensar do autor do texto, que foi inspirado por Deus”.²⁴ Como pregadores não podemos esquecer que o texto teve uma significação para seus primeiros destinatários: Nossa preocupação inicial deve ser descobrir esse significado primário, seminal. Somente

²¹ FEE, Gordon D. & STUART Douglas. **Entendes o que lês?** Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova. 1984. p. 11.

²² MORAES, 2005, p. 55

²³ CROATO, *apud* MORAES, 2005, p. 56.

²⁴ KEY, *apud* MORAES, 2005, p. 56.

conhecendo a significação do texto no passado, podemos contextualizá-lo e corretamente aplicá-lo ao momento presente.²⁵

Além de aliar a prática homilética à exegese e à hermenêutica, a linguagem simples do **Homilética**: da pesquisa ao púlpito possibilita a esta obra ser útil a pastores, estudantes de Teologia, pregadores leigos, professores de classes bíblicas e ao público em geral.

H. C. Brown Jr. o pioneiro no estudo da elaboração de sermões a partir de passos e uma correta interpretação do texto,²⁶ é o principal referencial teórico que utilizo nesse livro. A ideia é que o labor sermônico não começa com o título, divisões, introdução ou conclusão, mas em preparar a pesquisa que antecede a essa tarefa. O pregador só está apto a iniciar o trabalho das divisões, introdução e conclusão depois desse estudo preliminar, envolvendo a exegese e a hermenêutica, possibilitando a elaboração de sermões relevantes, por serem bibliocêntricos e contextualizados. O livro está dividido em quinze capítulos:

Primeiro capítulo: Para compreender a tarefa

Começo apresentando a pregação como árdua e gloriosa tarefa: o labor da *pesquisa ao púlpito* faz o pregador crescer espiritualmente, dando-lhe condições de conhecer e aplicar as técnicas mais adequadas à elaboração e à comunicação sermônica. Para uma compreensão do que vem a ser homilética, afirmo:

A Homilética é ciência, quando vista sob o prisma de sua fundamentação teórica: é a ciência que se ocupa com o estudo da comunicação da Palavra de Deus. Por isso, Nelson Kirst definiu Homilética como “a ciência que se ocupa com a pregação e, de modo particular, com a prédica proferida no culto, no seio da comunidade reunida”.²⁷

Vista ainda sob outro prisma, a Homilética é também arte, uma vez que trabalha artesanalmente, passo a passo, os elementos que formam o sermão. É por isso que Ilion Jones declara que Homilética “é a arte da pregação”.²⁸

Além de alguns conceitos, os seguintes tópicos são expostos: Deus fala através da pregação; O pregador e sua missão; Interdisciplinaridade, estudos e vida; e Humildade: do coração para a relevância.

Segundo capítulo: Antes de tudo

Sigo mostrando que para cumprir a tarefa de se colocar diante das pessoas e falar em nome de Deus, o pregador precisa primeiramente colocar-se diante dele. Só conhecendo Deus

²⁵ MORAES, 2005, p. 56.

²⁶ CRANE, James, D. **O sermão eficaz**. Rio de Janeiro: JUERP. 1989. p. 9

²⁷ KIRST, *apud* MORAES, 2005, p. 20.

²⁸ JONES, *apud* MORAES, 2005, p. 20.

podemos pregar em Seu nome; na dependência dele e conhecendo as necessidades do povo é que o pregador será útil e pregará com relevância.

Em se tratando de elaboração, não podemos nos esquecer de que conteúdo e forma fazem um bom sermão. A preocupação com a forma é o desejo de tornar mais claro e objetivo o conteúdo da mensagem, tornando a comunicação mais agradável e penetrante. Entretanto um sermão com uma boa forma e sem conteúdo é como algodão-doce: pode até impressionar a alguns, mas não permanece; pode até ser bonito, mas não alimenta; pode até atrair, mas não passa de água com açúcar.²⁹

Terceiro capítulo: Uma ideia a comunicar

Destaco que a pregação bíblica começa em uma ideia: ponto de partida de onde desenvolvemos o trabalho. Brown Jr. a definiu como “a verdade que constitui o ponto de partida do sermão e seu vínculo de unidade”.³⁰ Menciono o lugar das séries de sermões, em livro bíblico ou assunto e o valor de se elaborar um calendário de pregação. Ainda destaco que o pregador precisa cultivar um arquivo de ideias sermônicas.

Ele tem sido chamado de *celeiro homilético* ou *sementeira homilética*. Uma vez que nele as ideias são cultivadas até frutificarem na elaboração de sermões. [...] algumas vezes tais ideias chegam inesperadamente e, do mesmo modo como surgem, desaparecem, se não forem imediatamente anotadas.³¹

A partir deste capítulo os passos para a elaboração de uma prédica são apresentados. A figura a seguir oferece ideia dessa trajetória.



²⁹ MORAES.2005, p. 23.

³⁰ BROWN JR, *apud* MORAES, 2005, p. 33.

³¹ MORAES, 2005, p. 43.

Quarto capítulo: A base sólida da pregação

Realço que a pregação relevante tem base bíblica: boas definições evidenciam que pregação e Bíblia são inseparáveis. Sem interpretação, sem aplicação e sem desafios não há pregação. Destaco algumas definições de pregação, que confirmam esta realidade.

Harwood Pattison afirmou: Pregação é a comunicação verbal da verdade divina, com o propósito de persuadir³². Bernardo Manning declarou: Pregação é a manifestação do Verbo Encarnado, desde o Verbo escrito, pelo Verbo falado.³³ Para Martyn Lloyd Jones, pregação é teologia em chamas; é teologia que extravasa de um homem que está em chamas.³⁴ Charles Koller define: Pregação é o processo único pelo qual Deus, mediante seu mensageiro escolhido, se introduz na família humana e coloca pessoas perante si, face a face.³⁵ W. T. Purkiser afirma que a pregação é a extensão da salvação e do trabalho santificador de Cristo, que é a essência do evangelho, até o nosso tempo.³⁶ Para Pierre Marcel, pregar é tomar parte na Palavra de Deus, é tornar-se cooperador de Deus.³⁷

Quinto capítulo: Considere o que o texto diz

Enfatizo que a correta interpretação é indispensável para conhecimento do sentido claro do texto. Pena que alguns pregadores ignorem esta verdade, assomando ao púlpito sem uma correta interpretação do que eles próprios chamam de texto básico. A partir da interpretação, preparamos a ideia central do texto – ICT – devendo ler o texto repetidas vezes; anotar vocábulos e expressões; assinalar verdades e desafios; considerar o gênero do texto; trabalhar textos veterotestamentários à luz do Novo testamento; considerar a importância da revelação progressiva; tentar descobrir a razão de ser do texto; personalizar a leitura; fazer uma pesquisa histórica; buscar detalhes geográficos; ler com olhos homiléticos; escrever um resumo em, no máximo, 16 palavras; pesquisar em comentários bíblicos e em toda literatura pertinente; elaborar a ICT: uma frase breve, (16 a 18 palavras), capaz de traduzir a mensagem como expressão exata da que o texto encerra. Sendo, por isso, imprescindível à unidade, objetividade e à síntese na pregação. O exemplo a seguir ilustra esta verdade:

TEXTO BÍBLICO: Lucas 15:11-16	FOCO	ICT
Jesus continuou: 'Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao seu pai: 'Pai, quero a minha parte da herança'. Assim, ele repartiu sua propriedade entre eles. Não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha, e foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente. Depois de ter gasto tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade. Por isso foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos. Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada'.	A falta delimites do pródigo	O filho pródigo, ignorando seus limites, afastou-se do pai e tentou exceder, mas fracassou terrivelmente.

³² PATTINSON, *apud* MORAES, 2005, p. 50.

³³ SANGSTER, *apud* MORAES, 2005, 50.

³⁴ LLOYD-JONES, *apud* MORAES, 2005, p. 50.

³⁵ LOLLER, *apud* MORAES, 2005, p. 50.

³⁶ WISEMAN, *apud* MORAES, 2005, p. 50.

³⁷ MARCEL, *apud* MORAES, 2005, p. 50.

Capítulo sexto: A contextualização

Apresento a prédica como elo entre o texto bíblico e os ouvintes. Ao descobrir o significado original do texto o pregador finaliza metade de sua tarefa.³⁸ Para contextualizar é importante a formulação de uma proposição central ou tese, capaz de resumir o que pretendemos falar. Ela surge da atualização da ICT. Para consegui-la devemos ter em mente a ICT e as necessidades dos ouvintes e atentar para os seguintes detalhes:

- Ter o verbo no presente,
- Ter o sentido completo;
- Ser clara e objetiva;
- Ser breve e enfática, resumindo a ideia a ser pregada;
- Ser coerente com o texto e dirigida ao momento atual.

A tese é indispensável à unidade e essencial à objetividade e à apresentação no púlpito, por expressar o sentido do texto hoje. É uma frase com, no máximo, 16 palavras; mas tão enfática quanto um provérbio, sem divagação ou adjetivação e, com a exclusão das palavras dispensáveis. Ela é a essência do texto aplicada às necessidades contemporâneas. Uma vez que a tese veio da ideia central do texto e esta veio do texto, as palavras que compuserem a tese devem ser o menor resumo da verdade a ser pregada. A mensagem da tese é a mesma da ideia central do texto e conseqüentemente a mesma do texto bíblico. Veja no exemplo a seguir:

TEXTO BÍBLICO: Lucas 15:11-16	ICT	TESE
Jesus continuou: 'Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao seu pai: 'Pai, quero a minha parte da herança'. Assim, ele repartiu sua propriedade entre eles. Não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha, e foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente. Depois de ter gasto tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade. Por isso foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos. Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada'.	O filho pródigo, ignorando seus limites, afastou-se do pai e tentou exceder, mas fracassou terrivelmente.	Somente considerando os limites e vivendo diante do Pai, em obediência a ele, somos vitoriosos.

Sétimo capítulo: Aonde chegaremos?

Para pregar com objetividade precisamos trabalhar com um propósito claro, conhecer o rumo a seguir na prédica e saber aonde pretendemos chegar na comunicação. Nelson Kirst fala do propósito como a linha de intenção da prédica.³⁹ O pregador precisa fixar com clareza a intenção que o faz dirigir-se ao auditório: aonde quer chegar com os ouvintes.

A partir da pesquisa, com a ICT encontrada e a tese definida, é hora de estabelecer o propósito básico e o propósito específico. O PB é o rumo a ser seguido na mensagem: a linha

³⁸ KELLEY, *apud* MORAES, 2005, p. 71.

³⁹ KIRST, Nelson. **Rudimentos de Homilética**. São Paulo/São Leopoldo: Paulinas/Sinodal. 1985. p. 77.

sobre a qual os elementos funcionais (explanação, ilustração e aplicação) caminharão para que o propósito específico seja realmente alcançado. O quadro a seguir mostra-nos uma visão desses PBs.

Os principais propósitos básicos

Evangelístico – Ajuda os não convertidos a firmar um compromisso com Jesus, aceitando-o como Senhor e Salvador pessoal. *É a prédica de salvação.*

Devocional – Motiva os cristãos a aprofundar seu relacionamento com Jesus, amando-o mais e mais e buscando crescer na graça e conhecimento dele; apresenta os desafios do seguir a Cristo. *É a prédica da comunhão com Deus.*

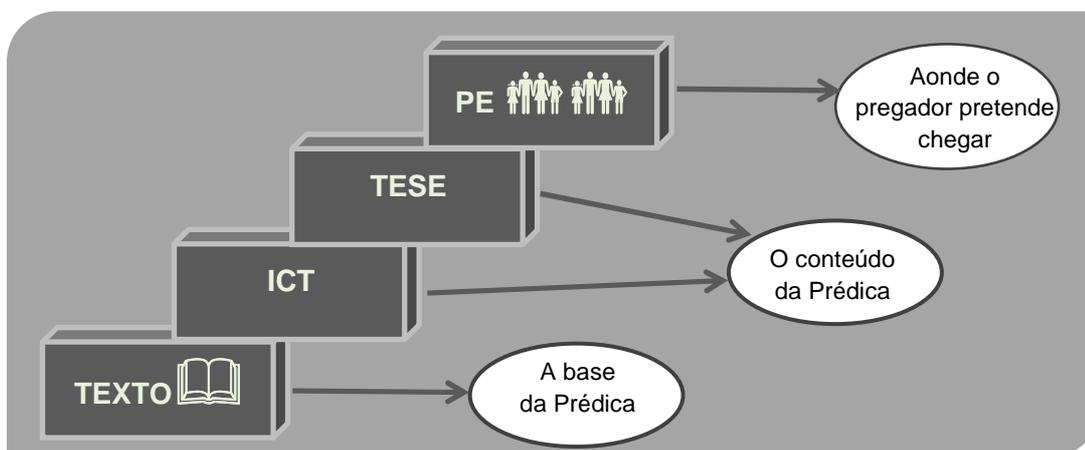
Missionário – Desafia os crentes a uma entrega de seus dons e talentos a serviço do Senhor, a uma resposta missionária. *É a prédica da consagração.*

Pastoral – Apresenta o bálsamo de Cristo nas dificuldades e crises; tem grande alcance. Deve ser pregado sempre e não apenas nas catástrofes. *É prédica de conforto.*

Ético – Persuade a uma melhor comunhão com o próximo, pelo exemplo de Cristo, desafiando os ouvintes a vivenciarem o amor e a justiça em seus relacionamentos. *É a prédica do amor ao próximo.*

Doutrinário – Enfoca, de modo especial, uma doutrina bíblica. Tem sido chamado de informativo, uma vez que visa informar, esclarecer, infundir convicção bíblica. *É a prédica elucidadora.*⁴⁰

OPE é o ponto de chegada da prédica, o alvo a ser alcançado. Enquanto a ICT está no passado e a tese no presente, ele estará no futuro: é o alvo a ser alcançado. Observe a ilustração:



Oitavo capítulo: O menor resumo

O título da prédica é considerado nesse capítulo, onde mostro que ele deve ser um fiel resumo da tese. Uma vez que a tese vem da ICT e a ICT vem do texto, o título será o menor resumo da ideia correta e contextualizada da verdade do texto. Os tópicos apresentados são: como conseguir um bom título; características e vantagens de um bom título.

⁴⁰ MORAES, 2005. p. 82.

Nono capítulo: Dividir bem para pregar melhor

Aqui argumento que por mais que o pregador valorize as divisões não deverá escravizar-se a elas a ponto de prejudicar a sua pesquisa. Não basta ter divisões, é preciso que elas contribuam para a profundidade, unidade, objetividade e maior alcance da prédica. Veja os elementos que formam a pesquisa, do texto ao título:

TEXTO	ICT	TESE	TÍTULO
2Samuel 16.5-14	Simei atirou pedras, em Davi que reagiu com coragem, fé e visão do futuro.	Quando o mundo atira pedras, devemos reagir com coragem, fé e visão do futuro.	Pedras no Ungido do Senhor

Ainda sobre o título, a próxima ilustração mostra que ele deve funcionar qual alicerce sobre o qual será erguida a estruturação necessária ao desenvolvimento da mensagem. O título nem sempre é repetido em cada tópico, mas, caso seja, dará sentido lógico e claro ao enunciado.



Décimo capítulo: Uma casa com janelas

As ilustrações são a abordagem deste capítulo. O pregador deve ser hábil em contar histórias e buscar crescer nesta arte. Tipos de ilustrações, sua importância e onde podem ser encontradas são tópicos neste capítulo, acompanhado, também, de exemplos de ilustrações em diversas categorias extraídas de diferentes fontes.

Décimo primeiro capítulo: A boa mensagem fala aos ouvintes

A importância da aplicação é aqui tratada. A partir do exemplo do profeta Natã e sua parábola, vemos que, a prédica alcança quando penetra o mundo significativo do ouvinte, razão porque, tanto maior a aproximação com as pessoas que nos ouvem, tanto mais condições temos, como comunicadores da Palavra de fazê-las se aproximar da mensagem e se envolver com o que está sendo apresentado.

Décimo segundo capítulo: É preciso conquistar o ouvinte

Só depois de ter a pesquisa pronta é que devemos elaborar a introdução: é difícil determinar o início do discurso se ainda não sabemos o que dizer: só depois de conhecer o

conteúdo da prédica podemos determinar o melhor jeito de iniciá-la. A fórmula para uma boa introdução vem de componentes já conhecidos: Texto + ICT + Tese + Título = Introdução.

Décimo terceiro capítulo: Afinal, o final

Mostra que saber terminar no momento certo é uma das grandes habilidades que o pregador deve desenvolver. Alguns cuidados são lembrados: apelar sem apelação; ser objetivo; considerar a unidade; parar sem medo; evitar o humor; seguir rumo ao propósito específico; ser breve e trabalhar o apelo. O capítulo segue destacando alguns tipos de conclusão, acompanhados de exemplos práticos.

Décimo quarto capítulo: Antes de assomar ao púlpito

Alguns tópicos, às vezes esquecidos, são lembrados aqui, como: o toque final no esboço; o preparo físico; a aparência pessoal e o uso da voz.

Décimo quinto capítulo: No púlpito

Finalizo o livro colocando o pregador diante do seu auditório. Aqui mostro que não existe fórmula mágica para o bom desempenho no púlpito. Além do preparo, alguns passos ajudam: apresentar-se sem ostentação; dominar o esboço; ter cuidado com o humor; começar sem medo; ler o texto com entusiasmo; usar a linguagem não verbal; motivar para conseguir a atenção; utilizar argumentos persuasivos; e considerar o tempo dos ouvintes.

A utilidade do livro **Homilética**: da pesquisa ao púlpito se torna evidente quando tomamos o labor sermônico passo a passo. Vejamos o exemplo a seguir, atentando inicialmente para a introdução.⁴¹

<p>Texto: 1Pedro. 1.3,4</p>	<p>“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Conforme a sua grande misericórdia, ele nos regenerou para uma viva esperança por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança que jamais poderá perecer macular-se ou perder o seu valor. Herança guardada nos céus para vocês”.</p>
<p>Ilustração (1º segmento)</p>	<p>Conheci uma senhora que, ainda jovem, contraiu hanseníase. Com a falta de recursos da época, perdeu a visão, ficou paraplégica e com os dedos das mãos sem movimento. Ela era pianista e seu sonho era tornar-se concertista.</p>
<p>Perguntas retóricas ligando a ilustração ao assunto proposto para introduzir o sermão.</p>	<p>Que esperança podia ainda ter alguém assim?... Esperar é um dos verbos que mais conjugamos. Mas, o que esperamos? Quais as nossas esperanças para o momento atual? O que esperamos para este ano?</p>
<p>Ideia</p>	<p>Bendizendo ao Senhor, Pedro afirmou que a transformação vem pela</p>

⁴¹ Análise de prédica do meu arquivo homilético; elaborada de acordo com os princípios que apresento nos livros **Homilética**: da pesquisa ao púlpito, **Homilética**: do púlpito ao ouvinte, **Aventuras de um pregador iniciante**: aprenda a pregar e **Homilética**: do ouvinte à prática.

central do texto	misericórdia divina, para uma esperança sem fim.
Aplicação – elo entre a ICT e a tese.	Na qualidade de servos de Jesus precisamos ter capacidade de sonhar, de esperar mesmo na desesperança, sabendo que o Senhor a quem servimos é o Deus dos Impossíveis.
Tese	Somente pela fé na misericórdia de Deus somos transformados para uma esperança sem fim.
Título	ESPERANÇA SEM FIM

Observando as indicações à esquerda contamos nesta introdução a presença dos elementos da pesquisa: Texto, ideia central do texto, tese, e título. No desenvolvimento da prédica vamos constatar que a pesquisa, mais uma vez, ocupa lugar de destaque:

Enunciado do 1º tópico	VEM PELA MISERICÓRDIA DE DEUS
Base textual do 1º tópico	(v. 3): “Conforme a sua grande misericórdia, ele nos regenerou PARA UMA VIVA ESPERANÇA...”.
Ênfase de parte do texto	“Conforme a sua grande misericórdia”
Explicação	O que é misericórdia? “Ter lugar no coração para os que são vítimas da miséria”; “Tratar o inimigo com benevolência”. A misericórdia de Deus é o amor que insiste em amar quando teria tudo para deixar de amar.
Texto paralelo: ilustra trazendo o argumento da explicação para o mundo dos ouvintes	(Lm 3.22,23): “Graças ao grande amor do Senhor é que não somos consumidos; pois as suas misericórdias são inesgotáveis. Renovam-se a cada manhã; grande é a sua fidelidade”.
Ilustração mais Aplicação	Nós cantamos “Tu és fiel, Senhor! Tu és fiel, Senhor!” O que isso significa para nós? Faz diferença no nosso viver?
Explicação	A melhor descrição da misericórdia de Deus está João 3.16. O Deus que ama tanto as pessoas a ponto de doar o seu único filho para morrer em lugar de todas elas.
Contextualização com o uso de texto paralelo	Sem o amor de Deus, revelado em Cristo a vida é vazia e sem esperança (Ef. 2.12) “Naquela época vocês estavam sem Cristo... sem esperança e sem Deus no mundo”.
Explicação, ênfase parte do texto básico.	É Deus quem toma a iniciativa: Em Cristo, ele torna possível a nossa esperança. “Ele nos regenerou”
Ênfase à parte do texto analisada.	“Ele nos fez renascer” (versão católica); “Ele nos gerou” (Almeida, Fiel).
Contextualização, aplicação.	A pessoa regenerada por Jesus aprende a ter esperança, aprende a andar no tempo de Deus.
Texto paralelo, usado para reforçar o	A fórmula vem de Pedro: PRECISAMOS VIVER DIANTE DO SENHOR Humildes e pacientes – (1Pd 5.6): “Humilhem-se debaixo da poderosa

argumento.	mão de Deus, para que ele os exalte no tempo devido”; Suplicantes e confiantes - (1Pd 5.7): “Lancem sobre ele toda a sua ansiedade, porque ele tem cuidado de vocês”.
Contextualização	Há uma pregação, hoje, contrária a esse princípio bíblico, é a fórmula das facilidades e não da busca humilde. Ensina a exaltação (dar ordens ao Senhor) e apropriação das bênçãos materiais a qualquer custo.
Pergunta retórica	O que tem determinado a nossa conduta? Seguimos a fórmula bíblica ou a das facilidades?
Aplicação	Precisamos reconhecer, seja qual for a circunstância, que só o Senhor é Deus.
Texto paralelo	(Sl 90.2): “De eternidade a eternidade tu és Deus”.
Explicação	Sem a misericórdia de Deus, sem Jesus, não haveria esperança sem fim.
Ilustração	Mylon Lefevre escreveu o Hino 254 Hinário Para o Culto Cristão: “Sem Cristo eu nada seria, sem Cristo não sei andar, sem Cristo eu vagaria qual barquinho no imenso mar”. “Sem Cristo eu morreria, Sem Cristo preso estou, sem Cristo eu desistiria, mas com ele, salvo e livre sou”.

É no desenvolvimento da prédica que a verdade central é trabalhada, de modo a detalhar a tese. No caso desta prédica, a tese – *Somente pela fé na misericórdia de Deus somos transformados para uma esperança sem fim*– foi desenvolvida inicialmente neste primeiro movimento: a esperança sem fim vem pela misericórdia de Deus. O segundo tópico vai agregando mais argumentos para que a tese se torne ainda mais clara:

Repetição do título	A ESPERANÇA SEM FIM
2º tópico	É POSSÍVEL PELA FÉ NO CRISTO VIVO
Base textual do 2º tópico	“Conforme a sua grande misericórdia, ele nos regenerou para uma viva esperança por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos”.
Explicação+ texto paralelo para reforçar o argumento	A nossa fé se baseia no Cristo que morreu, mas ressurgiu (1Co 15.17): “Se Cristo não ressuscitou é inútil a fé que vocês têm”.
Ilustração	Os dois discípulos no caminho de Emaús, antes de aceitar a realidade da ressurreição de Jesus caminhavam dominados pela tristeza e pelo desânimo. Seguiam com os olhos presos na morte de Jesus, quando o Cristo Vivo caminhava ao lado deles!
Aplicação	Muitas pessoas têm perdido a esperança porque a fé no Cristo Vivo está abalada: confiam mais nas suas forças, nos seus planos e investimentos – A vida cristã é um caminhar pela fé!
Texto paralelo, para reforçar o argumento	Um princípio bíblico bem conhecido: (Hc 2.4; Rm.1.17; Gl 3.11): “O justo viverá pela fé”
Aplicação	E quem vive pela fé é capaz de esperar. Quem perde a esperança, perdeu a fé, deixou de ser crente: perdeu a capacidade de crer e

	esperar pacientemente pelo Senhor.
Texto paralelo	(Sl 27.3). “Ainda que um exército se acampe contra mim, meu coração não temerá; ainda que se declare guerra contra mim, mesmo assim continuarei confiante”.
Aplicação	Quem assim confia em Deus tem esperança sem fim! Por isso somos desafiados a seguir seus passos:
Texto paralelo	(Rm 6.4) “Fomos sepultados com ele na morte pelo batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova”.
Argumento finalizando o tópico e preparando para o tópico seguinte	Um dos maiores destruidores da esperança hoje é o imediatismo: as pessoas querem o que querem a seu tempo. Não podemos perder a perspectiva de que <i>estamos aqui de passagem</i> .
Ilustração breve, mais aplicação	Abraão viveu pela fé, esperando uma pátria melhor e nós devemos viver pela fé, esperando morar com Jesus.

A exposição deste segundo tópico vai tornando ainda mais clara a tese da prédica – *Somente pela fé na misericórdia de Deus somos transformados para uma esperança sem fim*. Isso acontece (1) pela misericórdia de Deus e (2) é possível pela fé no Cristo vivo. Os tópicos vão completando o assunto em pauta e isso se torna ainda mais claro a apresentação do terceiro movimento:

3º tópico, precedido pelo título	A ESPERANÇA SEM FIM TEM VALIDADE ALÉM DESTA VIDA
Base textual do 3º tópico	“Conforme a sua grande misericórdia, ele nos regenerou PARA UMA VIVA ESPERANÇA por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança que jamais poderá perecer, macular-se ou perder o seu valor. Herança guardada nos céus para vocês”.
Ilustração, utilizando adágio popular e textos paralelos	Conhecido adágio popular afirma: “ <i>Enquanto há vida há esperança</i> ” (essa não é a ideia cristã). A esperança do cristão não termina na morte... No culto fúnebre de minha mãe preguei sobre este assunto, com base em Provérbios e Romanos: (Pv 14.32): “O justo, ainda morrendo tem esperança”; (Rm 5.5): “A esperança não decepciona, porque Deus derramou o seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu”.
Aplicação	A validade da nossa esperança não é só no presente, mas alcança o futuro: “herança guardada nos céus para vocês”.
Contextualização	Há pessoas na atualidade confundindo igreja como um supermercado, onde bênçãos materiais podem ser encontradas. Elas dizem: “Eu determino”, “eu asseguro”.
Aplicação e texto paralelo	O cristão que aprendeu a viver pela fé sabe que não determina nada, porque a atitude sensata é esperar pacientemente pelo Senhor. (Salmo 40.1): “Coloquei toda minha esperança no Senhor; ele se inclinou para mim e ouviu o meu grito de socorro”.
2º segmento da ilustração iniciada na	Eu era um jovem pastor quando me tornei o pastor daquela senhora com hanseníase. Em 1974, eu a visitei, pela primeira vez, na colônia

introdução destinada aos portadores de hanseníase, em Marituba, Pará. Apesar do meu treinamento pastoral, estava perplexo diante de tanta provação, de tanto sofrimento. Pensava: “Como pode alguém assim ainda ser capaz de esperar?” Eu não sabia o que lhe dizer para ministrar conforto e esperança. No entanto, eu não precisei falar. Ela falou e glorificou ao Senhor em todo o tempo. Disse que lá fora tinha saúde e tudo o mais, porém não tinha Jesus. Ela realçou todas as suas limitações para falar de sua esperança sem fim: “Pastor, eu gostava de andar, de ler e de tocar o meu piano e hoje não posso, porém, dou graças a Deus porque foi aqui, nesse lugar, quando aparentemente perdi tudo, que encontrei Jesus, o bem mais precioso. Tenho certeza de que um dia eu estarei com Ele e terei um corpo perfeito”.

A ilustração iniciada na introdução cumpriu o seu papel ali e, sem promessas, sem falsas expectativas, ela voltou naturalmente já no final da apresentação desse terceiro tópico. Tenho utilizado esse recurso e incentivado os meus alunos a, quando possível, apresentar suas ilustrações em mais de um segmento. Esse movimento foi menor que os dois anteriores, mas cumpriu sua função de completar o assunto, acrescentando, inclusive, uma dimensão escatológica: *a esperança sem fim tem validade além desta vida*. O desenvolvimento desse último tópico é concluído com a utilização de textos paralelos e uma aplicação, motivada pela apresentação da narrativa; vindo de imediato a conclusão.

Explicação com o uso de texto paralelo	A esperança sem fim não se limita às bênçãos do presente (Rm 8.18): “As aflições do tempo presente não são para se comparar com a glória que em nós há de ser revelada”.
Aplicação	Esperança sem fim é crer que aconteça o que acontecer, Deus está agindo. E a vontade de Deus é boa, agradável e perfeita.
Perguntas retóricas; início da Conclusão	Quais as nossas esperanças para o momento atual? O que esperamos para este e para os próximos anos?
Aplicação	É possível vivermos dias melhores, não pelas promessas de políticos, em tempos eleitorais, mas pela fé no Deus a quem servimos. Vamos continuar conjugando o verbo esperar na certeza que o Senhor tem um futuro e uma esperança para nós.
Tese	Somente pela fé na misericórdia de Deus somos transformados para uma esperança sem fim.
Repetição dos tópicos	Esperança sem fim vem pela misericórdia de Deus; é possível pela fé no Cristo vivo e tem validade além desta vida.
Aplicação final	Quem ainda não tem a fé firmada em Jesus precisa assumir um compromisso com ele, precisa entregar a vida a ele. E nós, que já o conhecemos como Salvador, precisamos nos aproximar mais e mais dele, precisamos fortalecer a nossa fé nele.

Que a nossa esperança seja firmada no Cristo vivo. Amém.

Na conclusão, o elemento da pesquisa mais em evidência é o propósito específico. O pregador traçou sua meta de chegada – *motivar os ouvintes a assumir um compromisso com*

Jesus para experimentar a esperança sem fim. É uma breve conclusão, como entendo que deva ser sempre. Se o pregador já apresentou bem o seu material ao longo do desenvolvimento do seu discurso, não há razão para uma longa conclusão.

1.2 Transformando o esboço em um discurso oral

MORAES, Jilton. **Homilética:** do púlpito ao ouvinte. São Paulo: Vida. 2008. 416 p.

O lançamento desse livro evidenciou a necessidade de outro volume para aprofundar o enfoque do labor sermônico. A luta *da pesquisa ao púlpito* não é única; há continuidade no processo: a homilética está com o pregador *do púlpito ao ouvinte*. Não basta ter um precioso material, fruto da pesquisa no gabinete, é preciso apresentá-lo aos ouvintes. Assim veio a lume este 2º volume da trilogia. Está dividido em dezesseis capítulos, distribuídos em três partes: encurtando a distância, à busca da forma adequada e pregação: um relacionamento.

Primeira parte: Encurtando a distância

Aqui mostro o grande abismo entre o texto e a atualidade, a verdade que comunicamos e as pessoas que nos ouvem: o pregador é responsável em unir dois mundos, encurtando a distância entre o púlpito e os ouvintes. Nos capítulos desta parte apresento alguns tópicos que nos ajudam a cumprirmos a missão de encurtar a distância, tornando possível chegarmos ao mundo dos ouvintes com a verdade que comunicamos.

Primeiro capítulo: Os compromissos do pregador

Abordo as considerações para comunicar com integridade: ter compromisso com o Senhor, onde o conceito de Deus é essencial; o compromisso com a Palavra: a verdade bíblica no seu todo e a utilização de um texto bíblico, em particular; o compromisso com os limites do sermão: título, unidade e desafios; e o compromisso com os ouvintes: auditório e ocasião, imprevistos e mudanças, seriedade nas promessas e cuidado com as palavras.

Segundo capítulo: Com Deus e com os ouvintes

Lembro aqui que bons pregadores reconhecem que precisam viver com Deus e com os ouvintes. Esse binômio de verticalidade e horizontalidade representa a cruz: Jesus morreu e ressuscitou para possibilitar o encontro com Deus e com o próximo. A responsabilidade do pregador é grande, uma vez que o modo como a comunidade vê a igreja depende da mensagem proclamada e da vivência com as pessoas desafiadas ao arrependimento.

Terceiro capítulo: No púlpito e no culto

Advirto que o pregador não está no culto porque vai pregar, mas sim, adorar. Cultuar é indispensável; é impossível viver uma vida cristã sem cultuar: ser adorador é a condição

fundamental para ser pregador. Não é possível se pensar no liturgista como alguém ministrando a Palavra e os cânticos, sem compromisso com Jesus.

Quarto capítulo: O momento da Palavra

Destaco as chances do pregador para alcançar e envolver os ouvintes, comunicando a Palavra com clareza: a missão é cumprida alcançando, restaurando e marcando os ouvintes, comunicando a graça divina no poder do Espírito Santo.

Quinto capítulo: Comunicando com eloquência

Conceituo o que é eloquência no púlpito e como pode ser vista; destaco a arte, vida e alegria na comunicação; o estilo pessoal; e mostro que a capacitação do Senhor supera as limitações do pregador.

Sexto capítulo – Mais próximo dos ouvintes

Falo do abismo que distancia o púlpito dos bancos se apresento a cumplicidade como uma comunicação mais próxima; mostro Jesus, exemplo de proximidade; e ofereço recursos para uma pregação mais próxima.

Sétimo capítulo: Equilíbrio uma importante questão

Falo do equilíbrio como a manutenção dos diversos componentes e partes do sermão no volume e lugar apropriados, formando uma unidade capaz de alcançar e manter a atenção do ouvinte; desafio o pregador a buscar, além do equilíbrio aparente, o equilíbrio real, só encontrado em sua própria vida.

Segunda parte: À busca da forma adequada

Apresenta cinco diferentes formas sermônicas, dando a pregadores a oportunidade de escolha da forma mais adequada, dependendo das possibilidades do texto e dos limites da pesquisa; do local onde pregamos e dos ouvintes a quem pregamos; da ocasião em que comunicamos e do propósito do culto.

Oitavo capítulo: O sermão expositivo

Afirmo que o expositivo é o método por excelência para comunicar a Palavra: sendo capaz de pregá-lo, o pregador terá condições de se sair bem em qualquer outra forma. Aqui uso conceituar essa forma sermônica:

O sermão é expositivo quando, independentemente do tamanho da passagem bíblica em pauta, tem, não apenas as divisões principais procedendo do texto, mas todo material sermônico explanando constantemente esse texto básico. Quanto mais o pregador se aprofunda, estudando o texto numa perspectiva exegética e hermenêutica, mais condições tem o sermão de ser expositivo.⁴²

⁴² MORAES, 2008, p. 173.

Nono capítulo: A opção pelo sermão biográfico

Menciono que o modelo biográfico é um dos trabalhos homiléticos mais aceitos pelos ouvintes, uma vez que comunica de forma atraente profundas verdades sobre personagens da Palavra de Deus.

Uma grande razão para pregarmos sermões biográficos é que a história de uma vida fala de um modo todo especial. Sempre que lemos ou ouvimos sobre uma personagem, recebemos o impacto das peculiaridades daquela vida. Quer positivas quer negativas, as qualidades de uma personagem, nos falam sempre. Eis a razão que faz do sermão biográfico uma forma mais aceita pelos ouvintes.⁴³

Décimo capítulo: Sem preocupação com os tópicos

Pregar um sermão narrativo não significa livrar-se da preocupação com os tópicos, mas encontrar a forma eficaz de dar vida à comunicação seguindo a estrutura do texto.

O sermão narrativo foi o modelo usado pelos primeiros cristãos. Pedro, no Pentecostes pregou usando a narrativa da promessa de Deus, apresentada por Joel, do derramamento do Espírito (Jl 2.28-32). E a partir dessa profecia, ele apresentou Cristo (Atos 2.22)⁴⁴

Décimo primeiro capítulo: Na trilha do monólogo narrativo

O monólogo é um sermão biográfico narrativo onde o pregador, assumindo o papel da personagem, apresenta a mensagem como se estivesse contando sua própria história.⁴⁵ Uma vez que este assunto é tratado no livro **Restaurado por Jesus**, no subtópico 2. 2 trataremos mais detalhadamente sobre a utilização do monólogo no púlpito.

Décimo segundo capítulo: Pregando um sermão segmentado

O assunto que trato neste capítulo é a possibilidade de união da palavra e da música na proclamação da Palavra. Sendo que o assunto é abordado no livro **Púlpito, pregação e música**, no subtópico 2.1 trataremos mais detalhadamente sobre a utilização da música no púlpito.

Terceira parte: Pregação – um relacionamento

A boa pregação acontece quando o pregador sai de si mesmo e caminha rumo aos que o ouvem para, sob a direção do Espírito Santo, propagar-lhes a Palavra. Quando isso acontece, os ouvintes, tocados por esse mesmo Espírito, caminham na direção do pregador e respondem aos desafios que foram apresentados no sermão [...] A elaboração de cada prédica é importante, mas não é tudo: o final da elaboração do esboço é simplesmente o começo da jornada. O mais difícil ainda está por vir. Não basta a habilidade de extrair de um texto bíblico as verdades mais profundas e contextualizá-las ao auditório, precisamos de sabedoria do Alto para chegar ao mundo significativo dos ouvintes, tanto que, toda erudição e conhecimento terão

⁴³ MORAES, 2008, p. 190.

⁴⁴ MORAES, 2008, p. 227.

⁴⁵ MORAES, 2008, p. 244.

pouco proveito se não formos capazes de amar e verdadeiramente chegar ao coração das pessoas.⁴⁶

Décimo terceiro capítulo: Pregando na alegria e na tristeza

Aqui apresento orientações e ideias sermônicas para a pregação nas diferentes ocasiões do calendário secular, do calendário eclesiástico, nas ocasiões marcadas pela tristeza e nos momentos de grande alegria.

Décimo quarto capítulo: Quanto tempo pregar?

Discorro sobre o tempo de duração da prédica, com os destaques: aprimorando a pregação; a capacidade de atenção dos ouvintes; a gravidade da situação; a importância da brevidade e como elaborar sermões breves.

Décimo quinto capítulo: A ética no púlpito

Em uma época quando os valores têm sido postos à margem, a abordagem desse capítulo é de grande importância. Utilizando respostas de pregadores e ouvintes, em pesquisa de campo, tento responder à indagação: o que vem a ser ética no púlpito. Os destaques são: o caráter do pregador; o respeito aos ouvintes; a teologia do pregador; a complexidade da pregação, a maturidade para guardar sigilos e alguns conselhos para alcançar o padrão ético no púlpito. Para mim, a ética e a homilética são inseparáveis.

A ética e a Homilética andam juntas. A ética cristã é a resposta à atividade divina⁴⁷ e a pregação é a comunicação da verdade divina. “A ética cristã se baseia na teologia cristã e deriva seu conteúdo dessa fonte”. E a pregação tem sua base na Palavra, visando mudanças comportamentais, o que a torna em um discurso ético. Tanto que Lloyd Jones referiu-se à pregação como teologia em chamas.⁴⁸

Décimo sexto capítulo: Apelo e *feedback* na pregação.

A abordagem final trata deste assunto. É importante que o pregador elabore o seu apelo, buscando torná-lo relevante, apresente-o com clareza sem insistência, e objetividade sem inconveniência; atrações devem ser honestas e o convite sem ameaças. “Não é amedrontando as pessoas que se consegue um bom apelo. É melhor pregar sobre a graça salvadora de Deus, deixar que o Espírito Santo persuade as pessoas ao arrependimento e convidá-las a uma decisão, entregando a vida a Jesus”.⁴⁹

⁴⁶ MORAES, 2008, p. 287.

⁴⁷ GARDNER, *apud* MORAES, 2008, p. 353.

⁴⁸ LLOYD-JONES, *apud* MORAES, 2008, p. 353.

⁴⁹ MORAES, 2008, p. 389.

1.3 Trabalhando do discurso às ações práticas

MORAES, Jilton. **Homilética**: do ouvinte à prática. São Paulo: Vida. 2013. 320 p.

Este livro procura tratar objetivamente uma questão nem sempre objetiva: Que diferença a palavra pregada pode fazer nos ouvintes? Qual o impacto do ouvir sermões hoje? O que fazer para que as palavras do pregador não fiquem perdidas no tempo e no espaço?

Primeiro capítulo: As aparências enganam

Esse enfoque pode ser resumido nas seguintes proposições que utilizo para iniciar a abordagem deste assunto:

O valor da pregação não está no *feedback* momentâneo, mas nos resultados permanentes.

Não é a aparente aceitação da mensagem que autentica o pregador, mas a sua fidelidade em comunicar a Palavra do Senhor.

Mais que *feedback* de porta do templo, nós, pregadores da Palavra, carecemos de maturidade para criar mecanismos que nos permitam ser avaliados pelos ouvintes. Só assim poderemos melhorar.⁵⁰

Segundo capítulo: Vocabulário, retórica e alcance

Enfatizado neste capítulo que os ouvintes não são marcados por um turbilhão de palavras, mas pela palavra calma, que lhes atrai a atenção; pela palavra bondosa, que não os deixa prostrados; pela palavra oportuna que lhes fala ao coração e pela palavra sábia que aponta o caminho.⁵¹ Nesse contexto, apresenta os ouvintes como fiéis, porém exigentes e enfatiza o desafio da comunicação adequada.

Terceiro capítulo: Para que o sermão sirva realmente

Aqui mostro que a prédica que transforma e desafia à prática não é marcada pela sofisticação do pregador, mas pela simplicidade da Palavra.⁵² O paralelo entre a didática e a homilética é apresentado para mostrar que assim como é impossível a um professor ensinar bem e marcar com o seu ensino sem didática, é de igual modo estranho querer que um pregador comunique sermões capazes de alcançar e mudar os ouvintes sem os recursos da homilética. A didática capacita o professor a utilizar métodos e técnicas que facilitem o ensino e a aprendizagem; a homilética capacita o pregador a, partindo de uma interpretação correta do texto e sua atualização, sistematizar seu discurso, objetivando alcançar os ouvintes com uma explanação capaz de desafiá-los a transformar a teoria em prática. Assim como o professor é responsável em fazer seu plano de disciplina que, em outras palavras, é o início

⁵⁰ MORAES, 2013b, p. 16.

⁵¹ MORAES, 2013b, p. 32.

⁵² MORAES, 2013b, p. 44.

para o planejamento de um semestre, o pregador deve declarar seus objetivos, com base nas necessidades dos seus ouvintes.⁵³

Quarto capítulo: Uma voz e algo mais

Aqui procuro deixar claro que “se o amor e a fidelidade a Cristo não forem a razão que nos faz pregar, será melhor nos mantermos em silêncio”⁵⁴. Lembro que o pregador esbarra em suas limitações marcantes; tem uma importante missão a desempenhar e conta com uma insubstituível conexão que o capacita a falar em nome do Senhor.

Quinto capítulo: O que falar para marcar?

Diante desta indagação, respondo:

Não é a sabedoria, piedade ou cultura que marca os ouvintes, mas a humildade de saber que a Palavra vem do Senhor, a sabedoria para buscar nele o que dizer e a sensatez de comunicar com base na Palavra. [...] A preocupação com o que dizer deixa de ser aflitiva quando é efetiva a nossa comunhão com o Senhor que nos manda pregar.⁵⁵

Sexto capítulo: Além das palavras

Para realçar a necessidade de comunicarmos com todo o corpo, com criatividade e vida, utilizo duas afirmações iniciais:

As marcas da palavra de alguém falando são às vezes superficiais: somente as marcas da Palavra e do estilo de vida do pregador permanecem e se manifestam em novas atitudes. [...] Nossa responsabilidade no púlpito é tão grande que, se não formos além das palavras, não alcançaremos os ouvintes.⁵⁶

Sétimo capítulo: Além do púlpito

Início o assunto deste capítulo lembrando que

A força do exemplo se transforma em prática muito mais poderosamente do que a força da palavra, mesmo a mais eloquente.[...] É no contexto do culto que a prédica acontece; por essa razão, ela é indispensável à liturgia que objetiva o encontro com Deus, que passa pelo próximo, para ouvirmos a voz de Deus.⁵⁷

A partir daí apresento o desafio de transformar competidores em colaboradores e a aproveitar os recursos da igreja.

Oitavo capítulo: ouvintes prestam atenção

Observamos que as “pessoas ouvem a prédica quando são atraídas por seu encanto e vida; aqueles que pregam sem graça a mensagem que é graça precisam prestar atenção a si

⁵³ MORAES, 2013b, p. 49.

⁵⁴ MORAES, 2013b, p. 72.

⁵⁵ MORAES, 2013b, p. 88.

⁵⁶ MORAES, 2013b, p. 101.

⁵⁷ MORAES, 2013b, p. 110.

mesmos”.⁵⁸ O que motiva pessoas a ouvir sermões? Para atrair a atenção o pregador deve lembrar que “clareza e coerência andam juntas. Sem coerência na elaboração da prédica, será impossível uma apresentação clara. É simples: conteúdo lógico, coerente, representa meio caminho para uma apresentação clara e precisa”⁵⁹.

Nono capítulo: Ouvintes precisam de atenção

As ênfases são: conhecendo o ouvinte; sendo humildes no púlpito e no dia a dia; considerando a presença do ouvinte; pregando a Palavra de Deus, não a palavra humana; explorando a beleza e detalhes do texto que cativam; trabalhando explanação, ilustração e aplicação; tornando o texto mais claro com figuras empolgantes; aproveitando os recursos da exegese para ilustrar com clareza; aplicando a prédica à vida dos ouvintes; trazendo o ouvinte para dentro do assunto; transformando ouvintes em participantes; partilhando a prédica como se estivesse contando uma animada história; utilizando sabiamente o humor; evitando curvas sinuosas que atrapalham a chegada; apresentando respostas aos anseios do dia a dia e valorizando o tempo do ouvinte.

Décimo capítulo: Abrasando corações

Ressalta que “sermões frios ou mornos não alcançam pessoas, tampouco movem estruturas, nem ensinam; não confortam, nem desafiam: são incapazes de mudar vidas. A palavra só aquece o coração do ouvinte quando parte de um coração em chamas”.⁶⁰

Décimo primeiro capítulo: Para onde vamos?

Destaco que “o pregador que assoma ao púlpito sem um propósito definido é semelhante a um motorista que insiste em seguir dirigindo seu veículo, sem saber para onde está indo”.⁶¹ Boas prédicas caminham em uma direção definida. Assim como nas viagens, há um ponto de chegada. Os ouvintes a cada novo culto vivem a experiência de, quais crianças, começarem a viagem com os olhos fechados.

Décimo segundo capítulo: Atentos e praticantes

Enfatizo a importância da luta pela atenção que leva à prática; a utilização de recursos valiosos, lembrando que por mais preparado que seja o pregador, não pode, por seus méritos pessoais, atrair o ouvinte ao Senhor Jesus e torná-lo praticante da Palavra. A atração a Cristo vem unicamente pela cruz.

Décimo terceiro capítulo: Em busca da praticidade

⁵⁸ MORAES, 2013b, p. 129.

⁵⁹ MORAES, 2013b, p. 129.

⁶⁰ MORAES, 2013b, p. 177.

⁶¹ MORAES, 2013b, p. 204.

Trabalho alguns passos para a consecução dessa meta: pregar para glorificar o senhor; seguir firmes comunicando a mensagem da cruz; pedir ao senhor resultados permanentes; viver na prática o que pregamos; comunicar unicamente o que é proveitoso; trazer o texto para o mundo do ouvinte; transportar o ouvinte ao mundo do texto; apresentar com exatidão o conteúdo proposto; evitar que a prédica atrapalhe a prática; envolver a igreja no ministério da pregação.

Décimo quarto capítulo: O milagre

Encerro o livro mostrando que o milagre consiste no fato de ser a pregação anúncio da encarnação daquele que desde o princípio, sendo a Palavra, estando com Deus e sendo Deus, tornou-se carne e viveu entre nós. Daquele que manifestou a sua glória, como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade. (João 1.1,14.)⁶². Esse capítulo contém o testemunho de alguns pregadores brasileiros, falando do motivo que os faz pregar.

⁶² MORAES, 2013b, p. 266.

2. NOVAS FORMAS SERMÔNICAS

Atrair o ouvinte pós-moderno e mantê-lo atento às palavras da pregação não é fácil. E essa habilidade o pregador precisa desenvolver, pois se não conseguir a atenção dos ouvintes também não será capaz de lhes comunicar, sem atenção não haverá transmissão. Conseqüentemente não haverá retenção nem aprendizagem e nenhum resultado positivo. Somente desenvolvendo a habilidade de conquistar a atenção dos ouvintes podemos crescer na arte de pregar: Uma vez que a fé vem pelo ouvir⁶³; se não há audição não há pregação.

Não tenho dúvida que o sermão expositivo é a forma por excelência; entretanto não é a única forma sermônica. Nada melhor que a variedade que possibilita a novidade, despertando no ouvinte o desejo de receber a comunicação sermônica.

2.1 Trabalhando a utilização da música no púlpito⁶⁴,

MORAES, Jilton. **Púlpito**: pregação e música. Rio:Convicção. 2010. 256 p.

Saiu do prelo em 2002 objetivando apresentar o modelo segmentado, como opção sermônica capaz de prover a variedade no púlpito. Realçando a excelência do sermão expositivo, afirmo que o pregador, somente se desenvolvendo como expositor bíblico, estará habilitado a utilizar outras formas. O mérito do modelo segmentado é ser alternativa de variedade, algo a ser usado com prudência e parcimônia; não é um modelo para ser apresentado dominicalmente. O livro, em sua nova edição, revista e ampliada, está dividido em onze capítulos⁶⁵.

Primeiro capítulo: Conhecendo a forma segmentada

Exponho aqui a minha identificação com o modelo: comecei a pregar segmentados em 1991. A leitura do livro de Harold Freeman⁶⁶desafiou-me a usar novas formas sermônicas em velhos textos bíblicos. Nessa época, tive a oportunidade de entrar em contato com alguns homiletas norte-americanos que utilizavam e advogavam o modelo segmentado. Empolgado

⁶³ MORAES, Jilton. **A fé vem pelo ouvir**: por uma teologia da proclamação. Tear Online, São Leopoldo. Vol 02, n 01, 2013a. p. 57.

⁶⁴ MORAES, Jilton. **Púlpito**: pregação e música. Rio de Janeiro: JUERP, 1ª Edição. 2002b. 223 p.

⁶⁵ A singularidade dos conteúdos dos livros, **Restaurado por Jesus** e **Púlpito**: pregação e música ocasionou uma diferença no modo de fazer citações e notas de rodapé. Preferi, mesmo fugindo do padrão apresentado no capítulo anterior, trabalhar sem forçar qualquer padronização que viesse a comprometer o conteúdo.

⁶⁶ FREEMAN, Harold. **Nuevas alternativas en la predicacion biblica**. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones. 1987. 173p.

com a ideia, passei a experimentá-la no púlpito da minha igreja, ao tempo em que fui transmitindo a *fórmula* aos meus alunos de Homilética, nos cursos de bacharelado e mestrado em Teologia, em vários seminários. Também passei a propagar a *novidade* aos participantes de algumas conferências teológicas, onde fui preleitor. Tanto no culto quanto em sala de aula o modelo foi sendo aceito e *feedbacks* significativos vieram das ovelhas e dos alunos. Foram poucos os ouvintes e pregadores a rejeitar o modelo, por confundir segmentado com fragmentado. Para eles, colocar qualquer parte entre os segmentos do sermão significava reduzi-lo a pedaços, num quebra-cabeça sem condições de ser novamente montado.

Segundo capítulo: Porque usar a forma segmentada

A abordagem mostra que a música ajuda a prender a atenção do ouvinte; as pessoas gostam de cantar; vivemos a era do louvor cantado; o sermão segmentado enseja a variedade no púlpito; no sermão segmentado os ouvintes são participantes; o segmentado torna possível um trabalho conjunto; e o sermão segmentado enseja maior retenção da mensagem;

Terceiro capítulo: Sermão segmentado e culto cantado

Apresento a diferença entre essa forma e o culto cantado. Um culto cantado pode até não ter uma mensagem em forma de pregação, mas um sermão segmentado, independentemente do culto, jamais deixará de ser pregação. Algumas diferenças fundamentais são destacadas no quadro a seguir:

CULTO CANTADO	E	SERMÃO SEGMENTADO
A base está nos hinos, dentro de um assunto;		A base é o texto bíblico, independentemente do assunto;
O ponto de partida é a determinação de um tema: o assunto do culto cantado;		Começa com a escolha de um texto, ou ideia que conduz ao texto;
Busca leituras bíblicas dentro do assunto escolhido;		Segue alguns passos próprios a qualquer labor sermônico;
Hinos, cânticos e mensagens musicais segmentados com leituras bíblicas.		Explicação bíblica, segmentada com hinos, cânticos e mensagens musicais.
Pode até nem ter uma explicação bíblica em forma de pregação.		Independentemente do número de hinos, cânticos e mensagens musicais, não deixará de ser pregação.

Quarto capítulo: Como elaborar o sermão segmentado

Aponta para uma tarefa abençoada e abençoadora, na qual precisamos encontrar os hinos certos a serem inseridos entre os segmentos. Isso exige conhecimento das letras de cada música. Mas o sermão poderá ser elaborado a quatro mãos, pelo pastor e o dirigente de música, ou alguém que conheça os hinos e cânticos. Exemplos práticos mostram como palavra e música se encaixam para a comunicação da Palavra.

Quinto capítulo: O sermão segmentado e a ordem do culto

Lembro que sem uma ordem disponível ao público será difícil uma participação efetiva; sugiro que o estilo de culto da igreja onde o segmentado será pregado seja considerado. O importante é encontrar a música adequada ao sermão: não adianta manter um hino desconhecido.

Sexto capítulo: Segmentados em diferentes ocasiões

Apresenta uma abordagem prática indicando a utilidade do sermão segmentado em qualquer ocasião, das mais alegres até o culto fúnebre. Desde que o pregador (a) e a equipe de música tenham a prudência e a habilidade de ministrar de acordo com as características do momento. O capítulo contém alguns esboços e sermões segmentados para ocasiões especiais. O leque de opções de segmentados para as diferentes ocasiões é vasto. A inspiração e a criatividade do pregador (a) e do liturgista, aliadas ao bom senso, serão determinantes.

Sétimo capítulo: Segmentados para diferentes grupos.

À semelhança dos sermões para ocasiões especiais, há grupos que demandam prédicas mais específicas e, conseqüentemente, suas ideias nem sempre são facilmente encontradas. O segmentado é um recurso disponível que provê variedade e alcance, independentemente do grupo de ouvintes. Esboços e prédicas para diferentes grupos são compartilhados neste capítulo.

Oitavo capítulo: Sermões segmentados em diferentes propósitos

Aqui explico, com exemplos práticos, que essa forma alcança qualquer propósito na pregação: serve para confortar, evangelizar, desafiar, despertar e instruir na Palavra. E uma vez que só alcançamos relevância, objetividade e vigor em nossas prédicas com a definição de um claro propósito, independentemente dele, o sermão pode ser segmentado. Esse capítulo mostra como trabalhar em cada um dos seis propósitos básicos, com um modelo segmentado.

Nono capítulo: Variações na forma que traz variedade

Mostro que essas variações se tornam possíveis trabalhando com criatividade, responsabilidade e bom senso. Assim, conseguimos algumas variações na forma segmentada. Advirto que a primeira preocupação do pregador ou do músico não deve ser em variar esta forma, mas em usá-la adequadamente para ter a variedade desejada. Diferentes modelos de segmentados são apresentados objetivando mostrar o que pode ser feito, bastando que haja estudo sério da Bíblia, identificação com o povo e suas necessidades, conhecimento dos hinos, sensibilidade para escolhê-los adequadamente, criatividade e coragem para nos lançarmos ao trabalho.

Décimo capítulo: Providências e cuidados no segmentado

Alerto que a pregação de um sermão bíblico há de ser sempre uma empreitada difícil a qualquer pessoa. É óbvio que o preparo e o treinamento ajudam, porém jamais a missão de pregar poderá ser considerada como algo fácil. Basta pensarmos que no púlpito falamos em nome do Senhor que nos envia a pregar. Por essa razão, quanto maior o preparo diante de Deus e de sua Palavra, mais condições temos de pregar uma boa mensagem. Apresento ainda alguns cuidados que não podem ser esquecidos: verificar a possibilidade de hinos e cânticos sobre o assunto; afinar os instrumentos no tempo certo; buscar o apoio da liderança; começar orando com todos; estabelecer uma parceria com o pastor; evitar avisos e hiatos; explicar a novidade em tempo hábil; facilitar a participação do povo; falar, cantar, mas saber ficar calado; orientar a equipe; firmar-se na verdade a ser apresentada; lembrar-se que o sermão segmentado pode ser um pouco mais longo, mas não deve ser interminável; manter-se atento; pregar e cantar com simplicidade; evitar a utilização de *playback*; segmentar, sem fragmentar.

Décimo primeiro capítulo: Ideias para o trabalho segmentado

Elas vêm a partir da experiência da mulher samaritana; da história do parálítico no tanque de Betesda; do milagre da multiplicação dos pães; do medo dos discípulos na tempestade; e da resposta de Pedro a Jesus.

Começando a lançar mão do modelo segmentado, o pregador tem uma rica fonte de ideias a partir, inclusive, do seu próprio acervo homilético, onde alguns sermões já anteriormente pregados poderão reaparecer no calendário de pregação, agora na forma segmentada. Para tanto, um bom exercício é tomar alguns desses sermões prediletos e transformá-los em segmentados. Naturalmente, dando preferência a sermões pregados já há algum tempo e na disposição de trabalhá-los um pouco mais, especialmente nas ilustrações e aplicação, visando adequá-los à realidade do novo tempo quando serão outra vez pregados.⁶⁷

Desse último capítulo particularizo aqui uma ideia sermônica⁶⁸ para oferecer a visão da prédica segmentada. As letras das músicas indicadas estão copiadas, tornando possível uma ideia da unidade entre a mensagem dos cânticos e o desenvolvimento da prédica. O texto de João 6.16-20 fornece a base para este trabalho segmentado. A mensagem fala dos medos dos discípulos quando, estando sem Jesus, o dia declinava, enfrentaram uma tempestade e acharam estar vendo um fantasma. As palavras encorajadoras do Mestre servem de título. No quadro a seguir vemos as sugestões para esse desenvolvimento:

⁶⁷ MORAES, 2010b. p. 237.

⁶⁸ Sendo que o exemplo apresentado foi elaborado para um contexto litúrgico da CBB, os hinos sugeridos são dos hinários utilizados por esta denominação. Obviamente o planejamento será feito de acordo com a tradição e o conhecimento musical do grupo onde a prédica será apresentada. Para este último cântico, entre outras opções teríamos: (1) A terceira estrofe do hino 408 do HCC, que afirma: “Mestre chegou a bonança”, ou um cântico que diz: “Com Cristo no barco tudo vai muito bem”.

Título **NÃO TENHAM MEDO**

Introdução Vivemos em um tempo de medo. São muitas as fobias que perturbam as pessoas. A geração presente é constituída de gente atemorizada. O nosso texto conta de um momento quando os apóstolos de Jesus viveram um grande temor. Eles tinham problemas reais e imaginários. E Jesus lhes falou: “não tenham medo”. É a mesma palavra que Ele tem para nós hoje: “não tenham medo”.

1º segmento **NÃO TENHAM MEDO DA ESCURIDÃO**

(v. 16): Ao anoitecer seus discípulos desceram para o mar

Explicar, narrando que o dia declinava e os discípulos estavam na escuridão (v. 17). Mateus e Marcos mencionam ter sido na 4ª vigília da noite (3 e 6 h da madrugada). Provavelmente no início dessa 4ª vigília, pelo fato de ainda estar escuro. Ilustrar mostrando que nas situações adversas às vezes nos sentimos no escuro, como em um túnel interminável. Aplicar apresentando a única saída: a fonte de luz que pode iluminar o barco do viver é Cristo. Ele aparece sempre que o buscamos, pela sua Palavra e pela oração e nos diz: não tenha medo.

1ª est e estrib
Hino 347 CC

Vindo sombras escuras nos caminhos teus,
oh, não te desanimes, canta um hino a Deus!
Cada nuvem escura um arco-íris traz
quando em teu coração reina perfeita paz.
Se teu coração estiver em paz,
bem contente e alegre sempre te acharás.
Se teu coração estiver em paz,
verás que um arco-íris cada nuvem traz.

2º segmento **NÃO TENHAM MEDO DA TEMPESTADE**

(v.18): “Soprava um vento forte, e as águas estavam agitadas”.

Explicar, narrando como o mar estava empolado, agitado por um forte vento. A tempestade era o problema real, com o qual os discípulos tinham que lidar e encontrar uma solução. Ilustrar com os momentos de dificuldades que vivemos e ficamos sem encontrar solução. Aplicar lembrando que o barco nem sempre navega em águas tranquilas: problemas vêm, ondas crescem e ele é jogado; mas a viagem deve prosseguir.

Hino 408HCC
1ª est e estrib

Mestre, o mar se revolta, as ondas nos dão pavor.
O céu se reveste de trevas, não temos um Salvador.
Não te incomodas conosco? Podes assim dormir,
se a cada momento estamos bem perto de submergir?

As ondas atendem ao meu mandar: “sossegai”
Seja o encapelado mar, a ira dos homens a força do mal,
tais águas não podem a nau tragar que leva o Senhor rei do céu e mar.
Pois, todos ouvem o meu mandar: “Sossegai, sossegai;
convosco estou para vos salvar, sim sossegai”.

3º segmento: **NÃO TENHAM MEDO DOS FANTASMAS**

Mateus e Marcos acrescentam um detalhe especial: os discípulos, vendo Jesus se aproximar, pensavam estar vendo um fantasma (Mt 14.26, Mc 6.49).

Explicar, narrando que os discípulos tiraram o foco do problema real que atravessavam, a escuridão e a tempestade, e, movidos pelo medo, criaram um outro problema: viram em Jesus um fantasma. ILUSTRAR, lembrando situações, quando no dia a dia criamos fantasmas que atrapalham ainda mais a solução dos problemas. APLICAR fazendo ver que a atitude correta nesses momentos é confiar no Senhor – ele nos encoraja: não tenha medo.

Hino 349CC
2ª est. e estrib

Eu sou teu Deus e para livrar-te sempre contigo eu estarei;
não temas pois, porque bem seguro eu pela mão te conduzirei.
Oh! Não temas, oh! Não temas, pois eu contigo sempre serei!
Oh! Não temas, oh! Não temas, pois eu nunca te deixarei!

Na conclusão, aplique as verdades explanadas, persuadindo os ouvintes à convicção de que hoje Jesus nos fala e nos encoraja, por isso nele devemos depositar completa confiança, jamais dispensando sua presença e ajuda.

Hino 350CC
1ª e 2ª est e estrib

Quero o Salvador comigo só com ele eu posso andar.
Quero conhecê-lo perto, no seu braço descansar.
Confiando no Senhor, consolado em seu amor,
Seguirei no meu caminho, sem tristeza e sem temor.
Quero o Salvador comigo, pois tão fraca é minha fé.
Sua voz me dá conforto, quando me vacila o pé.⁶⁹

2.2 Utilizando o monólogo como pregação

MORAES, Jilton. **Restaurado por Jesus**: histórias bíblicas, prédicas, monólogos. São Paulo: Reflexão. 2012. 136p.

Restaurado por Jesus é um livro diferente. É uma pregação que, para pregadores mais conservadores, não seria vista como pregação. Trata-se de uma coletânea de histórias bíblicas, narradas na primeira pessoa. Nesta narrativa personalizada está a diferença. As histórias, apresentadas em forma de monólogos, transpõem o tempo e o espaço, envolvendo-nos com fatos e lugares do passado que, por integrar a literatura sagrada, continuam a falar em todos os tempos e, de modo especial, no presente momento. Veja o exemplo:

NUNCA OUVI NINGUÉM FALAR COMO ESTE HOMEM

Monólogo do guarda que não prendeu Jesus

Saí para prender Jesus. Essa era a minha missão. Missão rotineira para um guarda. Parte do meu trabalho profissional era prender – levar para a prisão os que provocavam desordens, os criminosos, os indignos de liberdade. Eu e meus colegas fomos enviados naquele dia em missão especial: prender Jesus de Nazaré. Ele havia ensinado no templo, durante a Festa dos Tabernáculos. A fama dele se espalhou rapidamente por causa do poder das suas palavras e dos milagres que realizava.

A ordem de prisão para Jesus veio dos principais sacerdotes e fariseus. Eles estavam furiosos com a pregação de Jesus e com o modo como as pessoas pareciam aceitar as suas palavras e crer na sua doutrina. Era grande o número dos que diziam crer nele. Para completar a irritação das autoridades, o povo começava a ver a possibilidade de Jesus ser realmente o Cristo. As pessoas diziam: “Será que, quando Cristo vier, fará mais sinais do que este tem feito?” Com essa palavra do povo os principais sacerdotes e os fariseus mandaram que saíssemos para prender Jesus.

A festa estava chegando ao fim e nossa responsabilidade era prender Jesus e levá-lo aos sacerdotes e fariseus. “Os fariseus eram líderes da religiosidade popular, centralizada nas sinagogas, enquanto os principais sacerdotes pertenciam às famílias

⁶⁹ MORAES, 2012c, p. 233.

aristocráticas dos saduceus, que extraíam sua força do controle sobre o templo em Jerusalém”.⁷⁰ Esses dois grupos tinham autoridade para prender, uma vez que tinham juntos, o poder do sinédrio.

Prender qualquer pessoa nunca foi uma tarefa difícil para mim e meus companheiros de trabalho. Nossa responsabilidade era garantir a manutenção de ordem do templo. Éramos treinados, sustentados e equipados para prender.

Naquele dia saímos para prender Jesus. Era uma missão importante. Havia um interesse especial em que ele fosse preso; havia uma grande expectativa da parte das autoridades que nos enviaram. E havia a curiosidade do povo que se interessava em saber qual seria o destino de Jesus.

A verdade é que eu e meus colegas saímos para prender Jesus. Chegamos bem próximo dele. Nós esperávamos encontrar nele um agitador, subversivo e bagunceiro, atrapalhando a boa ordem... Ele havia escandalizado os judeus com suas palavras. A expectativa judaica era a da vinda de um Messias cercado de enigmas e mistérios. Ele haveria de aparecer de modo repentino e inesperado; sua origem seria incerta e desconhecida; e sua presença seria distante, quase inacessível.

As palavras de Jesus levavam muitas pessoas a verem nele o Messias, enviado de Deus ao mundo. Mas, para as autoridades – os principais sacerdotes e fariseus – era impossível ver em Jesus o enviado de Deus. A ideia que eles tinham de Deus era de um ser distante, quase ausente. Eles não podiam imaginar um Deus próximo, um Deus presente, como Jesus revelava.

Os sacerdotes e os fariseus ficaram furiosos quando Jesus afirmou que eles conheciam sua identidade. Ele disse isso em voz alta ensinando no templo. Ele gritou:

Vocês me conhecem e sabem de onde sou.

Eles sabiam, na realidade, que Jesus era de Nazaré e isso os irritava ainda mais. As pessoas não esperavam nada de bom vindo de Nazaré. Não dava para crer que o Messias que se esperava viesse de um lugar como Nazaré.

A ira de sacerdotes e fariseus aumentou com a afirmação de Jesus sobre sua identificação com Deus. Como um homem nascido em Nazaré podia ser o Filho de Deus? Não seria pretensão daquele carpinteiro afirmar que havia vindo da parte de Deus? Em alto e bom som ele afirmava:

Eu não estou aqui por mim mesmo,

mas aquele que me enviou é verdadeiro. Vocês não o conhecem.

E para completar, Jesus ainda disse que eles – os principais líderes religiosos –, não conheciam a Deus, mas ele o conhecia por ser seu enviado:

Vocês não o conhecem, mas eu conheço
porque venho da parte dele, e ele me enviou.

Diante de tão incisiva afirmação, para os principais sacerdotes e fariseus não restava alternativa senão mandar prender Jesus de Nazaré.

Foi assim que fomos enviados naquela missão... Eu e meus colegas saímos para prender Jesus... Para os principais sacerdotes e fariseus ele já extrapolara o limite da agitação, da subversão. Nas palavras dele havia blasfêmia. Nenhum ser humano tinha o direito de falar assim de uma possível comunhão com Deus. Eles pensavam que só mesmo colocando Jesus de Nazaré no cárcere podiam calar sua voz. Estavam enganados.

Eu e meus colegas saímos com essa missão especial: Prender Jesus... “Vamos prender Jesus. Que missão fácil!”, pensei de início; afinal, estávamos capacitados, equipados e autorizados a prendê-lo. Era só dar voz de prisão e o levaríamos; se houvesse reação, usaríamos a força.

⁷⁰ HULL e ALLEN, *apud* MORAES, 2012c, p. 88.

Não havia dúvida de que Jesus de Nazaré seria levado para a prisão. O momento chegou. Lá estávamos diante do Mestre. Quando o encontramos, ele pregava. Suas palavras eram claras, marcantes, desafiadoras. Falava com amor tal, capaz de mudar a vida das pessoas.

Nós nos aproximamos de Jesus. Chegamos perto dele. Tínhamos a missão de prendê-lo. Ele falava de um tempo quando os homens haveriam de buscá-lo e não o encontrariam. As palavras lembravam o que o Profeta Isaías havia falado muito tempo antes: “Buscai ao Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto”.

Nas palavras e nas ações de Jesus não havia nenhum indício que pudesse ser associado com subversão ou agitação da ordem. Ele falava com amor e brandura. Era impossível prender alguém assim.

No último dia da festa, ouvi Jesus falando sobre a água viva. Ele começou com um lindo convite:

Se alguém tem sede, disse ele, venha a mim e beba.
Quem crê em mim, como diz as Escrituras,
do seu interior correrão rios de água viva.

Ele falou em rios de água viva, mencionando as Escrituras. O profeta Isaías afirmara: Portanto com alegria tirareis água das fontes da salvação. [...] derramarei água sobre o sedento, e correntes sobre a terra seca; derramarei o meu espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção sobre a tua descendência.

Jesus falava com sabedoria e profundidade e sua pregação era baseada na Palavra de Deus. Ele não estava apresentando nada de blasfemo, subversivo ou mal. A mensagem dele era o cumprimento de tudo quanto os profetas haviam falado. Ele dava, com suas palavras, uma dimensão nova e sublime à mensagem pregada pelos profetas.

Eu ouvi Jesus falar e, para ser sincero, tenho que admitir que suas palavras tocassem tão profundo dentro de mim que eu nem pude cumprir a missão de prendê-lo. Com os meus colegas da guarda aconteceu também o mesmo: eles nada fizeram... E assim nós saímos sem Jesus.

Com nossas vidas tocadas pelas palavras do Mestre, e sem prendê-lo, voltamos à presença dos principais sacerdotes e fariseus que nos haviam enviado, sem compreender o fato de não haveremos cumprido a missão. Eles nos perguntaram por que não o havíamos prendido e nós respondemos: Nunca ouvimos ninguém falar como este homem.⁷¹

Assim como nesse monólogo, em todos os demais as personagens falam. O conteúdo de cada fala é apresentado de acordo com a narrativa escriturística. Mesmo sendo uma forma literária que permite aliar realidade e ficção, a parte ficcional em um monólogo bíblico não pode invadir o espaço da veracidade – só assim o selo de qualidade como pregação é mantido.

Ao escrever cada um desses monólogos procurei ficar atento a essa marca da veracidade: uma verdade bíblica é enfocada e compartilhada. Quando um monólogo é apresentado no púlpito, ou lido, uma linha ficcional aparece bem clara: alguém se apresenta como personagem principal da história, falando como se estivesse vivendo na atualidade; o conteúdo da mensagem é real, mas o tempo em que a personagem fala é ficcional. Neste sentido é preciso haver cuidado especial na construção do discurso transmitido. O escritor

⁷¹ MORAES, 2012c, p. 87.

pode e deve criar; no entanto, todo processo criativo há de ser responsável. Não cabe ao escritor/pregador, em nome da criatividade, inventar falas incompatíveis com a história da personagem em tela: As palavras do monólogo precisam ter um propósito, de acordo com a realidade vivida pela personagem e com a verdade central destacada.⁷²

Neste livro temos monólogos que abrangem a vida de personagens, em ângulos diversos: Simei, narra diferentes momentos de sua própria vida; O Filho Pródigo destaca o amor perdoador do Pai; Mardoqueu, com base em sua experiência, fala dos desastrosos desmandos de Hamã; Judas Iscariotes descreve seu contato com Jesus e fala do desatino de haver traído o Mestre; O cego de nascença (personagem de João, capítulo 9) transborda de alegria na experiência de seu encontro transformador com Jesus; Paulo, já idoso, pede a ajuda de um colega mais moço, a quem um dia desprezou; o adolescente José, procura seus irmãos e só se encontra verdadeiramente com eles vários anos depois; André, conta a maravilha de ver Jesus realizando o milagre de alimentar as pessoas famintas; a Samaritana, alcançada pelo filho de Deus, ressalta que vale a pena conhecer Jesus; um dos guardas que não consegue prender o Mestre, destaca nunca haver ouvido alguém falar como ele; a pecadora que seria apedrejada, fala de sua história, realçando o modo como Jesus a perdoou; o paralítico, que espera por uma credence, descreve o modo como Jesus mudou sua vida; Maria, uma adolescente, entrega-se completamente para que a vontade de Deus se realize na vida dela; Pedro, conta de sua vida e de como foi restaurado por Jesus; e finalmente vem Ana, narrando como sua tristeza se foi.

Lendo ou pregando monólogos precisamos considerar o momento da personagem. Quando teria refletido assim? Em que ocasião monologaria dessa maneira? Quanto mais identificação entre passado e presente, melhor; embora algumas vezes focalizemos a personagem que caminha para a execução, para cometer suicídio, ou em ocasião de profunda dor; de qualquer forma o que se pretende é um transporte positivo do texto bíblico para o nosso momento, trazendo aprendizagem e desafios.

Neste livro mostro que a leitura do texto bíblico antes da apresentação do sermão é opcional. Uma longa leitura poderá fazer com que os ouvintes percam o interesse pela história antes mesmo de sua apresentação. O importante é que o monólogo retrate um personagem bíblico. Se houver leitura bíblica antes da apresentação do monólogo, deverá ser feita pelo dirigente do culto. Depois da leitura ele explicará que a mensagem será pregada em forma de monólogo, pedindo a todos que, em atitude de oração, aguardem. O texto bíblico pode ser

⁷² MORAES, 2012c, p. 9.

apresentado também em forma de jogral. Lembrando que, independentemente da forma escolhida, a apresentação do texto deve ser feita com todo esmero. Uma leitura mal feita é um convite à desatenção. Depois da leitura bíblica (quando houver), o monólogo deve ser apresentado e logo a seguir (sem brechas e sem avisos) o pregador entrará devidamente caracterizado.⁷³

Falo também que, antes de se dispor a apresentar um monólogo, é necessário estudar bastante sobre a vida da personagem em destaque, para poder desempenhar bem a função de falar como se a personagem mesmo estivesse falando. Um bom monólogo é apresentado sem que o pregador dependa de quaisquer anotações. Um bom manuscrito deve ser elaborado e bem memorizado para que o pregador apresente a mensagem com segurança. Nada de pedir desculpas ou alegar que não memorizou direito. Se não está completamente seguro para apresentar o monólogo, é melhor não fazê-lo.

É preciso lembrar que nada substitui a devida caracterização do pregador, ela deve ser feita com seriedade, considerando o tempo do personagem representado e evitando exageros que fazem o ouvinte rir e desviar a atenção. Em alguns monólogos, o apresentador, além da caracterização, utiliza algum recurso para dar mais vida à sua personagem, como no caso do monólogo de Judas, onde o pregador fica o tempo todo segurando uma corda.⁷⁴

E uma palavra sobre a aplicação. Lembrando as principais questões a serem levantadas: Que lições podemos extrair desta experiência? Que desafios ela traz para o nosso dia a dia? Não há um modelo para a aplicação; o mais importante é conservar a clareza, a objetividade e a síntese; qualidades que devem estar presentes ao longo de toda a narrativa. Se após a apresentação vier uma aplicação que despenda quase o mesmo tempo da exposição anterior, os ouvintes sairão com a ideia de terem ouvido duas prédicas, o que com certeza causará rejeição a esta forma sermônica.

Ao apresentar um monólogo é preciso que se viva os dramas enfrentados pela personagem: expressando com arte e vida os momentos e situações contrastantes apresentados na história.

⁷³ MORAES, 2012c, p. 10.

⁷⁴ MORAES, 2008, p. 244-266.

3. ALCANCE E APRIMORAMENTO DA PRÉDICA

Somente desenvolvendo a habilidade de conquistar a atenção dos ouvintes podemos crescer na arte de pregar: “A fé vem pelo ouvir”. Se não há audição não há pregação. A boa comunicação requer não só ouvintes, mas pregadores atentos. Pensando na necessidade de equiparmos a liderança leiga para o púlpito, na relevância, na importância de ilustrar para conseguirmos a atenção dos ouvintes, na oportunidade de darmos voz aos ouvintes e, ainda, de conhecermos a pregação Paulina, três livros publicados e mais um capítulo, como participação especial, foram publicados.

3.1 Equipando pregadores leigos

MORAES, Jilton. **Aventuras de um pregador iniciante**: aprenda a pregar. São Paulo: Vida. 2012. 200 p.

Escrito em linguagem simples, esse livro difere dos tratados de homilética geralmente escritos, por ser em forma de parábola. Conta a história de alguém que deseja aprender a pregar e que, passo a passo, ajudado por um amigo, tem a oportunidade de elaborar o seu sermão. Nesse trabalho busco oferecer aos iniciantes uma visão do que vem a ser homilética, de modo diferente do que usualmente fazem os manuais para pregadores. Os princípios básicos para o labor do gabinete ao púlpito são oferecidos enquanto a história se desenvolve.

A introdução apresenta Adolfo, homem simples que trabalha como motorista em uma empresa e nas horas vagas fabrica e vende pães. Na sua simplicidade, ele é fiel cumpridor de suas obrigações e as desempenha com alegria e prontidão, sendo respeitado e querido por todos os que o cercam. Na rua onde mora, reside o pastor Josias, um professor de homilética. Aqui e acolá os dois conversam e o pastor fala de Jesus e da fé nele, que mudou a sua vida. Adolfo parece se interessar, ainda que seu real interesse esteja em vender pães. Josias, apesar disso, não desiste e vai aos poucos conquistando a amizade de Adolfo. Assim consegue evangelizá-lo, motivando-o a um encontro com Jesus; por fim ele firma o compromisso de tornar-se cristão.

Primeiro capítulo: Vou pregar: o que devo fazer?

Focaliza Adolfo, vivendo a tensão de quem está escalado a pregar pela primeira vez. Ele procura o amigo que o evangelizou e Josias se dispõe a ajudá-lo; então, acertam que nos próximos quinze dias, Adolfo irá cada dia em sua casa para receber uma nova lição. Nesse primeiro encontro a verdade maior que ele aprendeu foi: a tensão inicial de todo pregador é determinar a ideia a ser pregada. Só na oração e no estudo bíblico podemos encontrar a resposta e começar a nossa árdua tarefa.

Segundo capítulo: Preciso mesmo de um texto bíblico?

O professor fala da importância do texto na prédica, uma vez que ele é a base para o seu preparo e proclamação; não dá para prosseguir sem ele. Eles começam a trabalhar um texto surgido de acordo com a ocasião onde a prédica será proferida.

Terceiro capítulo: Como posso compreender o texto bíblico?

Adolfo aprende que o sentido claro do texto é descoberto quando consideramos detalhes importantes que estão atrás dele: autor, contexto, ocasião, gênero literário, localização no livro, propósito etc. Professor e aluno trabalham na interpretação do texto escolhido, formulando a sua ideia central – ICT.

Quarto capítulo: O que o texto tem a dizer hoje?

A questão da contextualização e a nova lição aprendida. A Palavra de Deus é atual quando a contextualizamos ao momento presente. Há um abismo entre o texto e os ouvintes: é preciso atualizá-lo para se tornar significativo para eles. Os exercícios seguem e agora eles têm o texto devidamente interpretado e contextualizado.

Quinto capítulo: Qual o meu alvo?

Eles aprendem que além de partir de um texto bíblico, o pregador precisa saber aonde pretende chegar; que rumo tomará para alcançar o seu propósito; precisa se firmar no seu alvo para não perambular em círculos intermináveis. Novos exercícios prosseguem no texto que está sendo trabalhado.

Sexto capítulo: O sermão precisa mesmo ter um título?

Adolfo descobre que o pregador que estabelece bons títulos encontra mais facilidade para prosseguir nas demais etapas sermônicas. O bom título, entretanto, não é a primeira frase que vem à mente do pregador, e sim o menor resumo da verdade a ser comunicada. Por essa razão não dá para o pregador determinar o título do seu sermão, sem antes ter estudado em profundidade, interpretado e contextualizado o texto bíblico que servirá de base ao seu sermão.

Sétimo capítulo: Desenvolvendo o assunto

Josias ensina a Adolfo o porquê das divisões: para não perder o foco, para facilitar a elaboração e a apresentação da prédica.

Oitavo capítulo: Ilustrações são mesmo necessárias?

Adolfo aprende o que é ilustrar; trabalha a ideia que ilustrações nem sempre vêm em forma de história; como devem ser as ilustrações e o que fazer para ter boas ilustrações.

Nono capítulo: Aplicação, o que é isso?

Josias recebe a resposta a essa indagação e aprende que aplicar é trazer ao momento do ouvinte a verdade sermônica, apresentada com base em um texto bíblico do passado e uma tese no presente, desafiando o ouvinte a uma decisão que envolve todo seu futuro.

Décimo capítulo: O que faço para terminar?

A finalização da prédica é analisada e os conselhos apresentados são: termine sem prometer terminar, fuja da tentação de ampliar, evite repetições desnecessárias e alcance o seu propósito específico.

Décimo primeiro capítulo: Qual a melhor maneira de começar?

Questões referentes à introdução são ensinadas no capítulo décimo primeiro — onde aprendemos sobre a importância da introdução, alguns recursos para elaborá-la bem e o emprego de introduções criativas.

Décimo segundo capítulo: O esboço está terminado... E agora?

Adolfo aprende mais uma lição: Josias fala do momento quando, ainda que o trabalho pareça estar pronto, o pregador deve lembrar que o desafio de transformar palavras escritas em um discurso oral está apenas começando. Esta é a ocasião quando o pregador dá um toque a mais no esboço e internaliza a verdade que deseja passar aos ouvintes.

Décimo terceiro capítulo: Estou realmente aqui?

O impacto do pregador na presença do auditório é considerado: Diante dos ouvintes, ele sente ainda mais o peso da responsabilidade de falar em nome do Senhor; ele está entre as carências do povo e a suficiência do Deus que os ama e em nome de quem ele pregará.

Décimo quarto capítulo: Os ouvintes ou o esboço?

Aqui Adolfo aprende que erudição e conhecimento terão pouco ou nenhum proveito se o pregador não for capaz de amar sinceramente e de fazer o máximo para chegar ao coração dos ouvintes com o sermão que transmite. Para tanto ele precisa: evitar esboços

pesados, enxugar o seu esboço e ser capaz de aliar relevância com simplicidade e objetividade.

Décimo quinto capítulo: Como melhorar o desempenho no púlpito?

Pregadores responsáveis, tanto iniciantes quanto experientes esbarram sempre diante da indagação aqui tratada. O objetivo é deixar claro que o desenvolvimento da atuação no púlpito é um processo que acontece à medida que o pregador, reconhecendo suas falhas e limitações, trabalha para superá-las dando o seu melhor por essa causa.

Décimo sexto capítulo: O preparo do pregador

A principal lição aqui é que a capacitação para alguém pregar vem de um encontro pessoal com o Senhor; contudo, não dispensa a busca pelo aperfeiçoamento. O bom pregador procura ser piedoso, sem descuidar de ser estudioso.

Décimo sétimo capítulo: Mais esboços

O livro finaliza com novos textos bíblicos esboçados. Considerando que já um texto havia sido trabalhado, temos um total de 21 esboços disponibilizados neste livro, sendo um deles de autoria de James Crane.⁷⁵

O livro **Aventuras de um pregador iniciante** tem narrativa inovadora e formato que favorecem o aprendizado: capítulos curtos em forma de aula; um tópico tratado por capítulo; questões-resumo ao final de cada capítulo para o aluno reter o que aprendeu; respostas às dúvidas mais simples que todo pregador iniciante tem; definições simples e pontuais; bibliografia básica e indispensável para o pregador aprendiz e mais: vinte esboços para serem desenvolvidos.

As ilustrações exercem um papel extraordinário para o alcance e aprimoramento da prédica. Sermões sem ilustrações dificilmente prendem a atenção; elas servem para tornar mais claras as ideias que estão sendo comunicadas. James Crane disse que a ilustração ajuda a congregação a ver com a mente.⁷⁶

3.2 Ilustrando para alcançar os ouvintes

MORAES, Jilton. **Ilustrações e poemas para diferentes ocasiões.**⁷⁷ São Paulo: Vida. 2010. 295 p.

⁷⁵ CRANE, *apud* MORAES, 2012a, p. 168.

⁷⁶ CRANE, 1989, p. 129.

⁷⁷ **Ilustrações e poemas para diferentes ocasiões** é outro livro que, por seu conteúdo, inviabiliza sua apresentação capítulo por capítulo.

Por que um livro de ilustrações?

Tenho afirmado aos meus alunos que as melhores ilustrações são as mais próximas do pregador. Neste sentido, as ilustrações de livro perdem bastante de sua força e alcance. Ainda assim publiquei esse livro de ilustrações e algumas razões me motivaram a fazê-lo. A primeira foi considerar que a falta de ilustrações compromete a clareza, a atração e a penetração da mensagem. Falando ou ouvindo somos favorecidos pelo emprego de uma boa ilustração. Assim acontece tanto nas conversas informais entre poucas pessoas quanto na comunicação formal a grupos maiores. Mesmo o interlocutor ou o ouvinte mais desatento se dispõe a ouvir uma ilustração pertinente e de bom gosto.

A outra razão é que por ser este livro organizado considerando as diferentes ocasiões, certamente servirá como incentivo aos pregadores para, não apenas se desenvolverem como contadores de histórias, mas primeiramente como colecionadores de boas histórias. A maior dificuldade não é encontrar boas ilustrações: elas estão presentes a toda hora e em todo o lugar. O problema reside em saber aproveitá-las. Geralmente há uma inabilidade do pregador em anotar, classificar e arquivar ilustrações. É isso que veremos a seguir.

A ilustração *a justiça boa começa em casa*, foi anotada em uma ocasião que nada tinha a ver com sermões. Eu visitava o museu Graciliano Ramos, em Palmeira dos Índios, Alagoas, quando li uma narrativa que me chamou a atenção de modo especial; na convicção de que serviria como excelente ilustração eu a anotei imediatamente e, além de utilizá-la em minha pregação, acabou sendo inserida neste livro.

A JUSTIÇA BOA COMEÇA EM CASA

Em 1927 Graciliano Ramos era prefeito de Palmeira dos Índios (Alagoas). Um agricultor pobre foi procurá-lo na prefeitura. Estava desesperado porque o gado do poderoso coronel da região havia invadido suas terras e destruído sua roça. Graciliano Ramos mandou chamar o coronel, advertiu-o severamente, cobrou-lhe dois contos de réis pelos prejuízos, multou-o e o ameaçou de que numa segunda vez, se isto viesse a se repetir, poderia ser preso. O detalhe é que o coronel era Sebastião Ramos, pai de Graciliano Ramos. A justiça boa começa em casa.⁷⁸

A lição que nós pregadores devemos aprender envolve atenção: precisamos estar atentos aos fatos ao nosso redor e que servem como ilustrações, para anotá-los à medida que ocorrem. Todo fato relevante precisa ser, não apenas redigido, mas bem classificado e arquivado em local acessível ao uso quando necessitarmos. O Pastor Alfredo Oliveira, depois de assistir ao filme *O naufrago*, anotou excelente ilustração sobre a solidão:

⁷⁸ MORAES, 2010 a,p. 91.

DIANTE DA SOLIDÃO

Uma das piores sensações que o ser humano experimenta é sentir-se solitário, sem irmãos, sem amigos, sem ninguém: carente de fraternidade, na mais completa solidão. No filme *O Náufrago* o personagem de Tom Hanks, sozinho por um longo tempo em uma ilha deserta, após sobreviver a um acidente aéreo, tenta escapar da solidão dialogando com uma bola, chamada de Wilson.⁷⁹

Essa história focalizando essa figura da ficção, conhecida como “Wilson” está inserida no meu livro de ilustrações.⁸⁰ É importante o pregador adquirir o hábito de escrever sobre os acontecimentos ao seu redor; assim terá condições de formar um arquivo de ilustrações, com histórias que lhe serão úteis em todo o ministério.⁸¹

As fontes das ilustrações

Ilustrações vêm de diferentes fontes e o devido crédito deve ser dado a cada autor, sempre que utilizarmos algum fato ou experiência que envolva terceiros e cujos nomes podem ser mencionados. A fonte mais aceita pelos ouvintes é a Bíblia, mas precisamos cuidado para não apresentarmos tantos personagens e fatos bíblicos, além daqueles já pertencentes ao texto, de modo a deixar os ouvintes confusos entre tantos fatos e personagens.

Poemas como ilustrações

A inserção de poemas como parte de um livro de ilustrações aconteceu pela necessidade da pregação lançar mão de ilustrações em forma de poesia ou em linguagem poética. Não significa utilizar a poesia sempre, mas saber que o recurso é válido quando oportuno. Alguns poemas apresentados no livro ilustrações e poemas são baseados em personagens bíblicos, ex. *Coragem para fugir* → José do Egito⁸²; *Pronto a perdoar* → Jesus perdoando a pecadora flagrada em adultério⁸³; etc. Há também os poemas enfocando uma recomendação: é o caso de *Onde está o teu pensamento* → Fl 4.8⁸⁴.

A utilização da linguagem poética é um recurso negligenciado na atualidade; Alberico Alves de Souza⁸⁵ figura entre os expoentes nesse estilo. A inserção de pequeno trecho de uma prédica de sua autoria mostra como a sua linguagem era pura poesia.

⁷⁹ Do arquivo pessoal de ilustrações do Reverendo Alfredo Oliveira (Recife, 2010).

⁸⁰ MORAES, 2010a p, 92.

⁸¹ MORAES, 2005, p. 124.

⁸² MORAES, 2010a, p.99.

⁸³ MORAES, 2010a, p.87.

⁸⁴ MORAES, 2010a, p.80.

⁸⁵ Pastor Batista (CBB). Bacharelou-se em Teologia pelo STBNB, Recife; pastoreou igrejas em Aracajú (SE), Rio Largo (AL), Teresina, (PI), Maceió, (AL), Rio de Janeiro, (RJ), e Recife (PE). Foi capelão do CAB, no Recife e Secretário Regional da SBB. Consagrado ao Ministério da Palavra em 1934, pregou por mais de 50 anos. Faleceu em 1988.

OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO

“Olhai para os lírios do campo, como eles crescem...” (Mateus 6.28)

Olhando ainda os lírios nós recebemos deles o sermão da confiança. O próprio Cristo usou uma expressão bem significativa quando disse: como crescem! As tempestades que caem sobre os jequitibás enormes, caem também sobre os lírios. Os ventos impetuosos não cortam caminho por causa de um lírio. A chuva quando cai na sua abundância, não se desvia do caminho onde nasceu o lírio. Também eles enfrentam e sofrem dos seus inimigos, ou da ingratidão do terreno, mas há sempre lírios. Lírios brancos como copos de leite ou estrelas do céu. Lírios amarelos como topázios enormes que esparramam perfumes, lírios roxos como gigantescas ametistas. Lírios de todos os tamanhos, lírios de cálices os mais diferentes. “Como crescem!” Lá pelo meu país, o nordeste, nas regiões mais ingratas nós encontramos sempre um lírio vermelho, enfeitando as estradas. Lá nas regiões do Cariri, na Paraíba, desabrocham os junquinhos, numa abundância sublime enfeitando os campos. “Como crescem!” Esqueçamos a bomba atômica, os teleguiados, os fabricantes de guerras, e confiemos.⁸⁶

A força da ilustração

A melhor ilustração é a que está mais próxima do pregador. Quanto mais próxima do acontecimento, tanto mais força e encanto oferecem. Uma das melhores ilustrações do meu arquivo particular é a história da irmã Carmem Guarita da Silva, uma senhora acometida de hanseníase, que perdeu a saúde, mas fortificou a fé em Jesus. Um amigo meu publicou um livro de ilustrações e me pediu autorização para inserir essa história em seu livro. Quando abri aquele livro e vi minha ilustração predileta escrita, tive um sentimento de perda. Pensei: “Foi-se embora minha ilustração. Agora ela é de domínio público; tornou-se ilustração de livro”. Refletindo melhor, porém, cheguei à conclusão de que jamais a referida história será para mim uma ilustração de livro. Afinal, eu conheci dona Carmem, fui seu pastor por vários anos, visitei-a muitas vezes na comunidade dos hansenianos, onde residia; ninguém me falou de sua experiência, mas eu a conheci; ouvi suas palavras, senti o seu sofrer e com ela convivi. E esta proximidade autentica a ilustração, tornando-a mais atraente, mais penetrante.⁸⁷

O alcance e o aprimoramento da prédica se tornam mais exequíveis quando o pregador tem a maturidade para considerar o *feedback* dos seus ouvintes.

3.3 Dando voz aos ouvintes

MORAES, Jilton. **O clamor da igreja**: em busca de excelência no púlpito. São Paulo: Mundo Cristão. 2012. 185 p.

⁸⁶MORAES, Jilton. **Grandes Pregadores e sua Pregação**. Coletânea de textos. Brasília. 2006. (Trabalho inédito, digitalizado).

⁸⁷ MORAES, 2005, p. 122.

Sempre pensei na necessidade de darmos voz aos ouvintes da pregação na igreja evangélica. Dirce de Carvalho, pensando na mesma necessidade, no tocante à pregação na igreja católica escreveu o seu livro **Homilia: a questão da linguagem na comunicação oral**.⁸⁸

Porque dar voz aos ouvintes?

Introduzindo este livro tento responder a esta indagação, ao afirmar:

Nos primórdios do cristianismo, o púlpito ocupou lugar de relevância e destaque; a pregação dos apóstolos e dos pais da igreja foi proclamada com força e poder. No decorrer da história da pregação, especialmente na época da Reforma, o púlpito se destacou como importante e respeitado meio de comunicação, de onde se lia e interpretava a Palavra de Deus [...] Os sermões sempre contribuíram de modo significativo para a formação dos fiéis. A situação agora infelizmente já não é a mesma. Antes, algumas pessoas caíam no exagero de considerar o sermão como “a parte mais importante do culto”. Hoje em dia muitos foram para o outro extremo, classificando a pregação como “a parte mais irrelevante do serviço religioso”.⁸⁹

Desconstruindo para construir

Os pensamentos de abertura do livro deixam claro a atual situação do púlpito:

Pregadores negligentes têm ouvintes indolentes; aqueles fingem pregar e estes fingem escutar. Para ser valorizado pelo ouvinte, o sermão precisa antes ser valorizado pelo pregador.

Sábio é calar e considerar o grito dos ouvintes; eles se mantêm calados enquanto lhes falamos.

O melhor desempenho vem do pregador que, escondido atrás da cruz e consciente de que a Palavra é do Senhor, busca o poder do Espírito para alcançar os ouvintes com a mensagem que transforma.⁹⁰

Conversei com evangélicos, pessoas piedosas que ouvem sermões, sobre a realidade do púlpito no presente momento. O que eles dizem diante da realidade da pregação hoje? A indagação feita a cada um desses ouvintes foi: “O que mais lhe desagrada ao ouvir sermões?” Os capítulos do livro foram formatados com base nas respostas obtidas e os comentários dos respondentes acompanham os capítulos. Em alguns casos houve uma junção do pensamento de vários entrevistados em um mesmo tópico, visando sintetizar e dar mais clareza. Para este trabalho, conceitos de eruditos na área da Homilética foram também agregados.⁹¹

O objetivo desse livro é alertar a todos os pregadores quanto à necessidade de darmos voz aos ouvintes. Vale a pena fechar os lábios e abrir os ouvidos para escutar o que diz a igreja: há um clamor em busca de excelência no púlpito.

Primeiro capítulo: De onde vem esse grito?

⁸⁸ CARVALHO, Dirce de. **Homilia: a questão da linguagem na comunicação oral**. São Paulo: Paulinas. 1993. 352 p.

⁸⁹ MORAES, 2012b, p. 15.

⁹⁰ MORAES, 2012b, p. 5.

⁹¹ MORAES, 2012b, p. 22.

Falo da dificuldade de encontrarmos pregadores dispostos a escutar. Eles se tornaram especialistas no exercício da Palavra, mas ainda não aprenderam a ouvir criativamente; faltam-lhes a capacidade de escutar o pouco que o ouvinte diz e encorajá-lo a dizer o que ficou nas entrelinhas. Pregadores precisam ter maturidade para ouvir críticas — por mais pesadas que sejam —, sem enxergar na pessoa que faz ecoar o seu grito a figura de um opositor, mas de alguém interessado em aprender mais. Devemos, como pregadores, desenvolver a capacidade de receber críticas como oportunidades de crescimento no ministério da pregação.

“Ninguém escuta o meu grito” Essa tem sido a queixa de ouvintes que se sentem solitários diante do desgosto de ouvir sermões desprovidos de biblicidade, atração, seriedade, atualização, vida, conteúdo, praticidade e desafios.⁹² Alguns ouvintes afirmaram⁹³:

“O meu pastor, diante de qualquer crítica ou sugestão para melhorar, simplesmente finge que ninguém está falando com ele.”⁹⁴

Outro presente nas queixas é a simulação. Queixa que bem pode ser resumida neste grito:

“Já tentei falar com o pastor sobre a pobreza dos sermões dele, mas, antes que eu terminasse o raciocínio, ele fingiu estar passando mal; quando eu mudei de assunto, não crítico, ele se recuperou automaticamente”.⁹⁵

Segundo capítulo: Chega de despreparo.

Quando um sermão começa mal, caminha mal e, de tão ruim, parece interminável, mesmo os ouvintes mais piedosos têm dificuldade em prestar atenção, sem que o pensamento divague. [...] Sermões não descem do céu, prontos. O Senhor nos dá a palavra, mas precisamos de preparo sério, o que demanda tempo: tempo diante dele e de sua Palavra, tempo diante dos livros e das pessoas. Só assim poderemos comunicar com vida a mensagem da vida.⁹⁶

Os ouvintes protestam:

“Faltou ordem ao sermão; tudo parecia fora de lugar”.⁹⁷

“Para onde a mensagem caminha? Prolonga-se e não chega a lugar nenhum”.⁹⁸

Terceiro capítulo: “Dois sermões ao mesmo tempo?”

Um sermão não deve ser um amontoado de peças fora do lugar, mas, sim, um discurso completo que será introduzido, desenvolvido e finalizado. O ouvinte quer receber o sermão com todas as partes no seu devido lugar. Até mesmo as pessoas que gostam de montar

⁹² MORAES, 2012b, p. 22.

⁹³ As ocorrências das queixas dos ouvintes, expressando clamor, aparecem centralizadas.

⁹⁴ MORAES, 2012b, p. 22.

⁹⁵ MORAES, 2012b, p. 23.

⁹⁶ MORAES, 2012b, p. 29.

⁹⁷ MORAES, 2012b, p. 33.

⁹⁸ MORAES, 2012b, p. 35.

quebra-cabeças ficam insatisfeitas quando, na condição de ouvintes, precisam juntar as peças do sermão. E quando uma dessas “peças” assume proporções exageradas, o discurso perde o equilíbrio e surgem as queixas.⁹⁹

“Houve uma longa introdução, sem qualquer ligação com o texto, na qual o pregador falou de tudo, até de pessoas no templo; só depois, parecendo lembrar-se do texto, começou a apresentá-lo, como se fosse um estudo à parte do sermão”.¹⁰⁰

Quarto capítulo: Onde está o texto bíblico

Para que o sermão alcance o ouvinte, não basta que o pregador exponha o texto bíblico; ele tem a responsabilidade de transpor a mensagem para o presente. Para possibilitar transposição, a homilética se associa à hermenêutica. [...] O anseio do ouvinte é que o pregador traga a mensagem para o seu cotidiano, aproxime o sermão das coisas que lhe acontecem na sucessão dos dias. É justamente essa aproximação que faz alguém ouvir o sermão com prazer, tornando-se assim um ouvinte atento.¹⁰¹

“O sermão não trouxe nada de prático; de tudo que ouvi, não aproveitei nada para a minha vida pessoal”.¹⁰²

Quinto capítulo: Onde está o texto bíblico?

A queixa mais reiterada entre os respondentes diz respeito à ausência de embasamento bíblico.

“O pregador passou todo o tempo falando do crescimento de sua igreja, de suas viagens e de sua família. Ele leu um texto bíblico, mas não o explicou, nem sequer fez qualquer referência a ele ao longo do sermão”.¹⁰³

Sexto capítulo: Por que tão distante?

O pregador que não tem prazer em se aproximar das pessoas, que não se alegra em se envolver com o auditório, não consegue ter ouvintes atentos: além de ser incapaz de comunicar a mensagem do Cristo que tanto se envolveu conosco a ponto de doar a vida por nós. Um pregador que não se envolve incomoda os ouvintes.¹⁰⁴

“Não só o sermão é distante, mas o pregador também é; ele fala como se não tivesse ninguém para ouvi-lo”.¹⁰⁵

⁹⁹ MORAES, 2012b, p. 46.

¹⁰⁰ MORAES, 2012b, p. 46.

¹⁰¹ MORAES, 2012b, p. 63.

¹⁰² MORAES, 2012b, p. 63.

¹⁰³ MORAES, 2012b, p. 69.

¹⁰⁴ MORAES, 2012b, p. 78.

¹⁰⁵ MORAES, 2012b, p. 79.

Sétimo capítulo: Fique ligado que eu me ligo

O sermão alcança verdadeiramente quando é comunicado por alguém que vive o que prega e prega o que vive: alguém que ama o ministério da pregação e que se realiza em se aproximar dos ouvintes para falar em nome do Senhor.¹⁰⁶

“Quem não conhecesse o pregador até poderia se impressionar com a mensagem, mas a vida dele está totalmente distante do que ele falou”.¹⁰⁷

Oitavo capítulo: Não fuja do culto

A pregação acontece no contexto do culto e o pregador não participa do culto por sua habilidade em transmitir a mensagem, mas porque sua alma necessita ser saciada. Quem tenta pregar sem cultivar fica impedido de alcançar plenamente os ouvintes.¹⁰⁸

“O culto proporcionou o ambiente para o sermão, mas, em vez de trazer a mensagem, o pregador fez avisos e falou de assuntos alheios ao púlpito”.¹⁰⁹

Nono capítulo: Para onde vamos?

A determinação de um propósito na pregação é fundamental para que o ouvinte não se sinta como um viajante sem bússola que, por não entender a linguagem do piloto, não sabe para onde está sendo levado. E quando o pregador não consegue esse intento, os ouvintes se queixam.

“Falando para crianças, mais ou menos ao meio do sermão o pregador resolveu direcionar a mensagem também para os pais. Resultado: perdeu o público infantil e não ganhou a atenção dos adultos”.¹¹⁰

Décimo capítulo: Todos olham para o pregador

Receber respostas da Palavra do Senhor é a maior necessidade de todos nós. A queixa desse ouvinte tinha a ver com o fato de o sermão, sobre a ira divina, ter todo o foco voltado para a repreensão e o castigo, sem nada mencionar da bondade de Deus e sua prontidão em perdoar. Quando as expectativas se frustram, as queixas surgem:

“Eu esperava ser impulsionado pela mensagem, mas, quando o pregador começou a falar, percebi que ele parecia mais desanimado do que eu”.¹¹¹

Décimo primeiro capítulo: Mais alto que as palavras

Alguns pregadores vivem a exibir seu currículo de grandes experiências com Deus; poucos, porém, são os que têm coragem de falar sobre suas limitações e do quanto precisam

¹⁰⁶ MORAES, 2012b, p. 86.

¹⁰⁷ MORAES, 2012b, p. 87.

¹⁰⁸ MORAES, 2012b, p. 93.

¹⁰⁹ MORAES, 2012b, p. 97.

¹¹⁰ MORAES, 2012b, p. 102.

¹¹¹ MORAES, 2012b, p. 114.

se quebrantar diante do Altíssimo. Se não temos disposição para expor as nossas falhas e imperfeições, por que tanta disposição para expor uma situação nem sempre real? Quando a nossa fala não puder ser a expressão da verdade, é melhor não falar nada.

“Com um ar de piedade o pregador afirmou: Deus me disse agora que o sermão que eu preparei não é o que ele quer que eu comunique. Vamos ver o que ele tem para nós neste momento”.¹¹²

Décimo segundo capítulo: Inovações perigosas

Há lugar para novidades responsáveis no púlpito, porém jamais para inovações irresponsáveis. Não podemos mudar o propósito do culto e do púlpito, que é glorificar a Deus, proclamando sua supremacia e graça. Do mesmo modo, não podemos mudar a base para que esse propósito seja alcançado, que é a clara exposição bíblica, fielmente interpretada e contextualizada, a fim de alcançar e transformar as pessoas. Quando há um desvio do propósito e da base, o culto se torna um encontro qualquer e o sermão, um mero discurso. Isso desagrada ao adorador autêntico, que levanta o seu clamor:

“O culto teve tudo o que se possa imaginar, mas, para mim, faltou o principal: uma mensagem realmente bíblica”.¹¹³

Décimo terceiro capítulo: Capriche nas ilustrações

É terrível quando qualquer parte do sermão caminha na contramão: em vez de ajudar, atrapalha; em vez de simplificar, complica; em vez de apresentar soluções, aumenta ainda mais a confusão. E isso acontece geralmente quando o pregador fala além do necessário. Foi o que aconteceu a este ouvinte:

A ilustração apresentou detalhes perigosos, parecendo realçar uma ação que não devia ser imitada por nenhum cristão.¹¹⁴

Décimo quarto capítulo: Aprenda a parar

Parafraseando o apóstolo Paulo em 1 Coríntios 13, podemos afirmar que o pregador que insiste em falar quando os ouvintes perderam a capacidade de escutar é como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ele pode ter o dom da proclamação, saber todos os mistérios e possuir todo o conhecimento e ter uma fé capaz de mover montanhas mas, se não for capaz de parar antes de perder a atenção dos seus ouvintes, nada será. E ainda que dê aos pobres tudo o que possui e entregue o corpo para ser queimado, se insistir em falar sem ter

¹¹² MORAES, 2012b, p. 121.

¹¹³ MORAES, 2012b, p. 131.

¹¹⁴ MORAES, 2012b, p. 144.

ouvintes para escutar o seu sermão, suas palavras não terão qualquer proveito. Neste sentido, os ouvintes levantam seu protesto:

“Fico revoltado com tantas repetições desnecessárias. Elas aborrecem até os ouvintes mais despreparados; são um atentado à inteligência”.¹¹⁵

“O sermão foi tão longo que muita gente se retirou; e, quanto mais o povo saía, mais o pregador dizia que só ia parar no tempo certo”.¹¹⁶

Depois de tanta desconstrução, ainda que em cada capítulo haja conselhos para reverter a situação, o último capítulo do livro trabalha claramente a ideia da construção. Um longo e árduo caminho há de ser percorrido para mudar a situação. Em linguagem figurada, utilizando o livro de Jó, 14.7-9, afirmo:

Há esperança para o pregador que, mesmo abatido pelas circunstâncias, busca crescer na graça do Senhor: novos frutos da sua pregação aparecem. Por mais que esteja tão desatualizado e debilitado que pareça morto, em comunhão com o Senhor, ele brotará e pregará entusiasticamente como um pregador renovado pelo Espírito¹¹⁷.

Décimo quarto capítulo: Há esperança

Neste último capítulo apresento alguns passos a serem percorridos: Construir pontes; valorizar os ouvintes; pregar a Palavra; falar corretamente; utilizar palavras certas; fugir das lacunas e vícios de linguagem; movimentar-se na medida certa; comunicar com clareza; pintar quadros atraentes; viver como pregador; trazer o ouvinte para o púlpito; e deixar a igreja ser igreja.

3.4 Olhando para o pregador das gentes

MORAES, Jilton. Paulo e a pregação da Palavra. In: REGA, Lourenço Stelio. **Paulo**: sua presença ontem, hoje e sempre. São Paulo: Vida. 2004. 47 p.

A pregação paulina é fonte de aprendizagem quando pensamos no alcance e no aprimoramento da prédica; o décimo capítulo do livro **Paulo** sua vida e sua presença ontem, hoje e sempre oferece subsídio adequado pelo foco de sua abordagem. Paulo compreendeu que para ser relevante, a pregação há de ser bíblica. O uso que ele fez da Bíblia, o AT, como base para a sua pregação, deixou-nos a preciosa lição que, para pregar a Palavra, precisamos estar fundamentados na Palavra. “O modo como Paulo usou o Antigo Testamento mostra que ele aprendeu exegese na escola rabínica. A seleção paulina reunindo passagens e exemplos foi

¹¹⁵ MORAES, 2012b, p. 148.

¹¹⁶ MORAES, 2012b, p. 150.

¹¹⁷ MORAES, 2012b, p. 153.

uma característica do estilo rabínico”.¹¹⁸ A pregação de Paulo, entretanto, foi além: mais que bibliocêntrica ela foi cristocêntrica.

Cristocentricidade

Desde o início de seu trabalho como pregador, Paulo se mostrou cristocêntrico, focando os seus sermões na cristologia, como afirmam as Escrituras: “Logo começou a pregar nas sinagogas que Jesus é o Filho de Deus” (At 9.20). Assim, desde o princípio a pregação paulina teve um propósito bem definido: demonstrar que Jesus é o Cristo (At 9.22). C. H. Dodd afirmou: “O *Kerigma* paulino é a proclamação de fatos da morte e ressurreição de Cristo, com um enfoque escatológico que dá significação a esses fatos”.¹¹⁹

Teologia e Filosofia da pregação de Paulo

A teologia da pregação de Paulo fundamenta-se, portanto, em sua experiência com Jesus. O encontro com o Cristo ressurreto legitimou sua pregação. A filosofia da sua pregação é muito clara: pregar era a razão de ser da vida do apóstolo e para isto ele havia sido designado por Cristo (1 Co 1.17); para ele seria melhor morrer do que perder o privilégio de pregar graciosamente a mensagem da graça de Deus (1 Co 9.15). Paulo viveu convicto que Deus fala através da pregação. Ele deixou claro no modo como pregava: com simplicidade (1 Coríntios 2.1); exclusivamente a mensagem de Jesus (1 Coríntios 2.2); com humildade (1 Co 2.3); no poder do Espírito Santo: (1 Co 2.4); aguardando resultado positivo: (1 Co 2.5).

Figuras e ilustrações

Paulo lançou mão de ilustrações conhecidas para elucidar a sua pregação. Para combater a impureza, ele falou do fermento (1 Co 5.1-7); ele utilizou, também, figuras agrárias (1 Co 3.5-9). Seus conceitos escatológicos foram ilustrados com figuras relativas à habitação e vestuário: tabernáculo e casa terrestre, representando o transitório; o edifício dado por Deus, representando o permanente (2 Co 5.1) e roupas necessárias para a nova habitação (1 Co 5.3).

Morte e morrer foram figuras amplamente usadas (Ef 2.1; Rm 6.2; Rm 6.26; Rm 6.7; Rm 6.8; Rm 6.4; Rm 7.9; Rm 8.10; Gl 2.19; Cl 3.3). Outra figura utilizada foi a do vaso (Rm 9.21-23; 2 Co 4.7), para ilustrar a soberania de Deus e a finitude humana; ela vem dos profetas Isaias (30.14) e Jeremias (18.1-6; 19.1-13). Paulo empregou também figuras do atletismo: (2 Co 9.24; Fl 3.13b,14; Gl 2.2b; Gl 5.7; Fl 2.16; 2 Tm 2.5). A vida militar, de igual

¹¹⁸ BAILEY, *apud* MORAES, 2004, p. 249.

¹¹⁹ DOOD, *apud* MORAES, 2004, p. 250.

modo, forneceu ilustrações ao apóstolo: Guerra interior (Rm 7.23); o soldado que vai à guerra: (1 Co 9.7); luta em oração (Rm 15.30); combate (1Co 9.26b); (1Co 15.32a); (Fl 1.27). Armadura de Deus (Ef 6.10-17). Várias outras figuras foram usadas por Paulo: cartas: (2Co 3.2,3); compra e venda: (2 Co 2.17); pedra: (1Co 10.4; Ef 2.20); Perfume (2Co 2.14,15).

Adequação

No conceito paulino, o pregador é um intérprete da Palavra de Deus e sua aprovação está na dependência de uma vida digna e de uma pregação diligente: (2 Tm 2.15). Manejar bem literalmente tem o significado de cortar em linha reta; repartir impecavelmente; ser capaz de fazer uma exegese correta, de apresentar o sentido exato do texto. E Paulo soube manejar bem sua Bíblia, o Antigo Testamento, com exatidão. Ele considerou não apenas o sentido do texto, procurando identificar o que estava “por trás” dele, mas foi capaz de caminhar com os seus ouvintes na direção do “adiante” do texto.

Sendo profundo conhecedor do idioma hebraico, ele pode compreender com exatidão o significado autêntico dos textos veterotestamentários; capaz de não apenas compreender o que significaram aos seus primeiros destinatários, mas contextualizá-los corretamente e trazê-los, aplicando-os ao mundo dos seus ouvintes. Paulo foi exegeta e hermeneuta, com uma retórica que deu à sua pregação total clareza e profundidade. Sua mensagem caminha num sentido claro: há uma tese a ser apresentada, há um propósito a ser alcançado e movimentos ou tópicos que, juntos, completam o assunto. Uma análise homilética do acervo paulino indica que ele foi também um homileta. E essa capacidade paulina de interpretar corretamente o texto bíblico, transportando-o ao mundo significativo dos ouvintes precisa ser cultivada na atualidade.

Ao analisar a pregação paulina, John Broadus destacou o modo como o apóstolo soube adequar cuidadosamente sua mensagem a diferentes ocasiões e ouvintes. Ele viu nessa habilidade “uma insuperável e importante lição aos pregadores. Todo discurso deve ser adaptado com cuidado e exatidão para cada ocasião e auditório”.¹²⁰

A pregação paulina continua viva, relevante e atual. Através dela, Paulo tornou presente o evento salvífico na vida de seus ouvintes. Não se trata de simples relato de acontecimentos passados. Deus não apenas nos chama para anunciarmos a mensagem da luz que resplandece, mas faz essa luz resplandecer em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus em Cristo (2 Co 4.6). Significa que há um desafio maior: mais que simplesmente falar da luz, precisamos viver e falar de tal modo que os ouvintes

¹²⁰ BROADUS, *apud* MORAES, 2004, p. 269.

vejam o brilho da luz. No púlpito não estamos simplesmente narrando fatos, mas comunicando vida. Quando Paulo pregava não era só a sua palavra que alcançava os ouvintes, mas toda a sua vida.

Enquanto alguns pregadores hoje insistem em pregar sem qualquer adequação à ocasião e ao auditório, Paulo, no início da nossa era, cultivava a habilidade de falar ao coração dos ouvintes. Basta analisarmos sua prédica em Atenas (At 17.16-34). Nela podemos destacar: introdução, tópicos e conclusão. Paulo começa entrando no mundo significativo das pessoas, apresentando algo que, apesar de inusitado, fazia parte da liturgia do povo. Ele garantia tornar conhecido o Deus desconhecido. O desenvolvimento é claro: Título: O Deus Desconhecido. E o desenvolvimento: [1] Ele é criador e Senhor do mundo, não precisa de templo nem de rituais humanos (v. 24,25); [2] Fomos criados por ele e dele dependemos (v. 26,27). [3] Precisamos viver em comunhão com ele (v. 28a). No *feedback*, uns rejeitam, outros zombam e outros, felizmente, recebem a mensagem.

Aplicação

No acervo homilético de Paulo a aplicação aparece de modo claro. Paulo aplicava a mensagem à vida das pessoas, desafiando-as ao arrependimento e à fé. A objetividade foi uma das marcas principais de sua pregação, tanto que ele mesmo declarou: “A minha linguagem e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder” (1 Co 2.4).

Em outras ocasiões, Paulo aplicou com um propósito ético, evidenciando sua preocupação com a conduta cristã. Assim foi a recomendação à igreja em Roma, onde os desafios aparecem claros: (1) insatisfação com os valores do mundo: “Não se amoldem ao padrão deste mundo”; (2) empenho por mudança: “transformem-se pela renovação da sua mente”; (3) desejo de fazer a vontade Deus: “para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2).

O que não serve de modelo

Apenas um exemplo na pregação paulina não serve de modelo. O dia em que ele se deixou dominar pela prolixidade. Paulo delongou seu sermão até a meia noite. Não dá para dizer quanto tempo durou sua prédica, mas foi o suficiente para quase terminar em tragédia. Êutico, um rapaz que ouvia assentado na janela, adormeceu, caiu e morreu (At 20.7-10).

Mesmo considerando os erros do ouvinte e o fato inusitado de que o pregador Paulo o ressuscitou, o acontecimento não serve como um modelo a ser seguido na pregação.¹²¹

O preparo para pregar

As prédicas de Paulo foram fruto do mais profundo preparo. Prova do quanto ele levou a sério o estudo, está no pedido que fez a Timóteo: Solicita levar-lhe a capa, deixada em Trôade e também os livros, especialmente os pergaminhos (2Tm 4.13). O notável é que, mesmo sabendo que sua morte estava próxima (2 Tm 4.6), ele ainda mantém o interesse em suas leituras e pesquisas. O ideal maior do apóstolo era gastar-se inteiramente na pregação da Palavra. Nada lhe era mais precioso do que poder cumprir cabalmente a responsabilidade recebida do Senhor, de pregar o evangelho da graça de Deus. Para ele a obediência ao Senhor da Pregação estava acima de todos os planos do pregador e até mesmo de sua

4).

4. NOVOS TÍTULOS NA TEOLOGIA PASTORAL

No momento atual o interesse pela apresentação da prédica está desaparecendo. O púlpito, que outrora viveu seus dias de ascensão, em muitas igrejas enfrenta terrível declínio. E é lamentável vivermos dias que tomam características idênticas às dos dias da pré Reforma. Falsos pregadores erguem suas vozes como se fossem a verdade máxima e atraem multidões. Não obstante, a excelência do púlpito não resultado pretensão poder do pregador ou do crescimento numérico da igreja, mas na sua idoneidade de expor a Palavra de Deus.

Algumas prédicas não passam de propaganda enganosa. Gente capaz de lotear o céu para construir suas mansões na terra. Não há um comércio de indulgências, mas um mercado de bugigangas. Fiéis denunciam haverem sido iludidos por pastores que lhes arrancaram todo o dinheiro com falsas promessas. Livros como **Feridos em nome de Deus**¹²² entre outros denunciam, com depoimentos dos fiéis, a astúcia de profissionais do púlpito que friamente iludem os seus ouvintes. Há pregadores e pregadoras na atualidade que enfatizam mais a entrega de contribuições do que a consagração de vidas; valorizam mais a exibição impecável

¹²¹ MORAES, Jilton **O Valor da brevidade para a relevância da pregação**: ensaio a partir de uma análise crítica no trabalho homilético de David Mein. Recife: STBNB, 1993.p. 36. (Tese doutorado livre em Teologia).

¹²² CESAR, Marília de Camargo. **Feridos em nome de Deus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. 160 p.

à sociedade do que a apresentação digna ao Senhor da pregação. Eles precisam se conscientizar da mensagem bíblica: “o justo viverá pela fé” (Hc 2.4; Rm 1.17; Gl 3.11).

Ao mesmo tempo em que nos deparamos com o risco ocasionado por esta situação, alegra-nos podermos constatar, de igual modo, que o interesse pelo estudo da homilética se torna cada vez mais evidente. As IES voltadas para o ensino teológico estão sendo desafiadas a disponibilizar mais disciplinas na área da pregação para bacharelados em Teologia e a abrir cursos de especialização, mestrado e doutorado com ênfase em homilética. Uma das evidências desse novo despertar dos pregadores é o surgimento da Rede Latino Americana de Homilética, RedLAH.

O sonho de organizar a RLAH surgiu do anseio de professores de homilética de verem funcionando uma associação capaz de congregar homiletas dos vários países da América Latina. O anseio dos idealizadores era a criação de grupos de pesquisas e intercâmbio de experiências objetivando a valorização do ensino da homilética nas Instituições Teológicas; e, sempre que possível, buscando o estabelecimento da interdisciplinaridade entre Pregação, Bíblia, Exegese, Hermenêutica, Liturgia, e Comunicação.

Ao longo do ano de 2010 três homiletas, de São Leopoldo, São Paulo e Brasília, trocaram e-mails, intercambiando ideias e amadurecendo o assunto. O primeiro encontro aconteceu no dia 11 de março de 2011, na Universidade Metodista de São Paulo, no campus em São Bernardo, com a presença dos três idealizadores da Red LAH.¹²³

A partir desse primeiro encontro, membros ou líderes da Red LAH se reuniram duas vezes em São Leopoldo, uma vez em Porto Alegre e uma vez em São Paulo. Como resultado desse esforço novos rumos para a pregação da Palavra começam a se delinear: o simpósio da ASTE de 2012 teve todos os seus estudos voltados para a homilética; duas das maiores IES do Brasil tiveram simpósios da Red LAH em seus congressos de Teologia; IES, convenções, associações, ordens de pastores e igrejas começam a enfatizar a ciência da pregação em suas conferências, simpósios e jornadas.

Diante deste cenário paradoxal, antes de pensarmos em novos títulos para a Teologia Pastoral, devemos definir o nosso rumo, traçando metas que venham a ser alcançadas, permitindo que nos tornarmos participantes de um novo momento para a pregação cristã no Brasil e na América Latina.

Urge refletirmos a Teologia da nossa pregação. Ela precisa ter como base a Palavra Deus e a nossa experiência com Jesus. É o fato de haveremos nos encontrado com o Salvador que autentica a nossa pregação.

¹²³ Ata do Primeiro encontro da Rede Latino Americana de Homilética: São Paulo. 2011.

Precisamos refletir, também, sobre a glória dos resultados. A pregação inclui uma dinâmica extraordinária, que vai extremamente além da nossa capacitação e imaginação. A glória dos resultados será sempre do Senhor da Pregação! Pregamos para *que diante dele todo joelho se dobre e toda língua confesse que ele é Senhor, para a glória de Deus Pai* (Filipenses 2.8-11).¹²⁴ Precisamos reconhecer que tudo vem de Deus e somos simples instrumentos nas mãos dele, sabendo que “a eficácia da mensagem, mais que qualquer virtude do mensageiro, transforma corações”.¹²⁵

Precisamos nos focar nos grandes desafios que temos diante de nós: Primeiro: planejar a pregação a partir de fatores que a tornam bíblica, atual e desafiadora. Isto tem a ver com a questão dos três tempos na pregação: passado, presente e futuro. O segundo desafio é que devemos pregar com autoridade para restaurar pessoas caídas. E este desafio vem da pregação profética, da pregação de Jesus e da pregação dos apóstolos. Em terceiro lugar, somos desafiados a considerar o contexto de praticidade e pressa dos ouvintes. Vivemos um tempo em que as pessoas passam a toda pressa. A recomendação feita ao Profeta Habacuque (2.2) é válida: “Escreve a visão, escreve-a sobre tábuas, para que a possa ler aquele quem passa correndo.” Pregamos a ouvintes com pressa numa sociedade apressada. E mais um desafio: A pregação precisa manter o seu lugar de relevância no contexto do culto. É impossível separar a pregação do culto: Culto é pregação e pregação é culto. Knox afirmou:

A não ser que concebamos a pregação como sendo em si um ato de culto, perdemos o que há de mais essencial nela. [...] Não pode ser pregação a não ser que seja naquele contexto. Se o contexto de culto não for encontrado, o verdadeiro sermão cria-o. A pregação providencia um meio de culto - ou de maneira nenhuma é pregação.¹²⁶

Nesse contexto, a preocupação com uma bibliografia apropriada à formação e aperfeiçoamento de pregadores, com abordagens e perspectivas capazes de atender às necessidades e anseios impostos na atualidade, têm servido como motivação ao planejamento de novos títulos na área da Teologia Pastoral. Os principais livros sendo planejados no momento são os seguintes:

4.1 Aventuras de um novo cristão¹²⁷

Objetivo

¹²⁴ MORAES, 2013b, p. 23.

¹²⁵ CHAPPELL, *apud* MORAES, 2013b, p. 240.

¹²⁶ KNOX, John. **A Integridade da pregação**. São Paulo: ASTE, 1966. p. 75.

¹²⁷ Escrito em parceria com David Moraes.

Apresentar o significado de ser cristão na atualidade. A partir de uma conceituação correta desse vocábulo e da base bíblica, o texto mostra que ser cristão não é somente falar de Jesus: isso tem sentido quando diz da nossa própria experiência. Ser cristão é assumir o compromisso e o privilégio de seguir a Cristo.

Sumário

1. O valor da amizade
2. O ponto de partida
3. A inquietação
4. Ouvir para crer
5. O valor da Bíblia
6. Um compromisso com Jesus
7. Novos valores
8. Espinhos na caminhada
9. Aprendendo a orar
10. Novos amigos
11. Discipulado
12. Primeiro ser, depois fazer
13. Minha primeira tarefa
14. Vou dirigir o louvor... o que fazer?
15. Vou pregar... E agora?
16. Sou parte de um todo
17. Preparado para responder
18. Afinal, o que ganho com isso?
19. A importância do amor

Situação do projeto

Concluído. No prelo: Editora CLC. São Paulo.

4.2 Teologia na prática da pregação

Objetivo

Trabalhar a responsabilidade que o pregador tem de fazer Teologia no exercício de sua função no púlpito. O projeto se desenvolve a partir dos diferentes propósitos básicos. Cada capítulo enfoca um PB, apresentando conceitos teológicos e homiléticos que, aliados a inserção de esboços e sermões, apresentam o assunto com profundidade e praticidade.

Sumário

1. Teologia difundindo a salvação → pregação evangelística. Pregação é anunciar as boas novas; é impossível dissociar a proclamação da Palavra do anúncio salvífico.
2. Teologia persuadindo à comunhão com Deus → pregação devocional. Pregação é desafiar os cristãos a aprofundar o relacionamento com Jesus; a crescer na graça e conhecimento dele.
3. Teologia provendo consolo aos aflitos → pregação pastoral. Pregação é oferecer o bálsamo de Cristo nos problemas e crises; anunciar a mensagem da paz que excede a todo entendimento.

4. Teologia desafiando ao cumprimento da missão → prédica missionária. Pregar é convocar os fiéis a se engajar no serviço cristão; desafiá-los a entregar dons e talentos ao Senhor.
5. Teologia convocando à dignidade → prédica ética. Pregar é apresentar a possibilidade de um viver diferente onde Teologia e ética andam juntas; é um chamado à retidão e ao amor.
6. Teologia comunicando as bases da fé → prédica doutrinária. Pregar é comunicar os fundamentos da fé, oriundos da Palavra; doutrinar, esclarecer os fiéis, desfazer as dúvidas.

Situação do projeto

Apenas com a estrutura planejada. Sem previsão de conclusão.

4.3 Pregação na América Latina¹²⁸

Objetivo

Apresentar o pensamento da pregação na América Latina, através de uma coletânea de tópicos pertinentes à homilética e ao labor sermônico escritos por homiletas, pregadores e ouvintes. Os colaboradores serão de vários países da América Latina e as pesquisas objetivarão apresentar a teologia e a prática da pregação entre os latino-americanos.

Sumário¹²⁹

1. A força que vem dos bancos
2. A ética no púlpito
3. A retórica na pregação
4. A Teologia da pregação
5. Aconselhamento e pregação
6. Acorda, pregador!
7. Acústica, som e capacidade de audição
8. Ai de mim se não pregar o evangelho
9. Antropologia e pregação
10. Apelo ou apelação?
11. As emoções do pregador
12. A quem o pregador presta contas?
13. Audiovisuais na pregação
14. Bancos distantes: há diferença nisso?
15. Bom de púlpito: o que vem a ser isso?
16. Como é a sua voz?
17. Considerando o estilo pessoal
18. Contrição, sem intimidação
19. Dá agonia pela ideia a alegria do púlpito
20. Dando relevância à prédica
21. Desconstruindo para construir
22. Desenvolvendo o assunto do meu sermão

¹²⁸ A coordenação desse projeto será em parceria com os Drs. Júlio César Adam e Luiz Carlos Ramos, como contribuição à Red LAH.

¹²⁹ Os tópicos aqui apresentados serão no formato de *artigos* curtos e objetivos; eles ainda poderão sofrer ajustes. A ideia é que metade desses tópicos seja escrita pelos organizadores e a outra metade por escritores convidados.

23. Dialética e pregação
24. Didática e homilética para que servem?
25. Eloquência no púlpito: o que vem a ser isso?
26. Emoção e razão no púlpito
27. Ensino e pregação
28. Entendes tu o que pregas?
29. Entre a festa e o funeral
30. Erudição e piedade no púlpito
31. Estudando os ouvintes
32. Eu prego demais... E daí?
33. Exortação não é repreensão
34. Fogo no púlpito: igreja viva
35. Formalidade X informalidade no púlpito
36. Fuja do icabode
37. Glorificar ao Senhor: a razão maior
38. Hermenêutica e pregação
39. Homilética: ajuda ou entrave ao pregador?
40. Ilustrações: quando ajudam e quando atrapalham
41. Inspiração: do alto ou do micro?
42. Introduções que conquistam os ouvintes
43. Irreverência: de quem é a culpa?
44. Largue esse esboço e olhe os ouvintes
45. Liturgia e pregação
46. Lutando contra o tempo
47. Mexa-se, mas considere os limites
48. Missiologia e pregação na América Latina
49. Não faça do seu texto uma arma
50. Não fuja do alvo da pregação
51. Não torture seus ouvintes
52. O amor faz a diferença
53. O melhor auditório para o pregador
54. O motivo que nos faz pregar
55. O preço de um sermão
56. O pregador e a internet
57. O pregador fora do púlpito
58. O que eu tenho a ver com isso, pregador?
59. O que esse texto está fazendo aí?
60. O que você quer mesmo dizer, pregador?
61. Opções para terminar o sermão
62. Oração e pregação
63. Os ouvintes estão dormindo: o que fazer?
64. Para que servem os sermões?
65. Poderão viver estes ossos?
66. Porque não prego sermões longos
67. Pregação: bênção ou fardo no trabalho pastoral?
68. Pregação no passado X pregação no presente
69. Pregação e Teologia
70. Pregação ungida: o que significa isso?
71. Pregando em ar-livres
72. Pregando em funerais
73. Pregando nas séries de pregação
74. Pregando sermões em série
75. Pregando para crianças
76. Pregando para pequenos grupos
77. Pregando para multidões

78. Pregando para opositores
79. Psicologia e Pregação
80. Púlpito: altar ou palco e picadeiro?
81. Quando a pregação faz diferença
82. Quando a pregação perde a força
83. Quando o culto deprecia o sermão
84. Quando o sermão deprecia o culto
85. Recursos da exegese na pregação
86. Reforma do século XVI e pregação
87. Sem aplicação não dá
88. Sermões éticos: por uma sociedade melhor
89. Sermões evangelísticos que não evangelizam
90. Sermões lidos, esboçados ou improvisados
91. Sermões que maltratam os ouvintes
92. Sermões que confortam os perturbados
93. Sermões que perturbam os confortados
94. Sermões que nunca esquecemos
95. Teologia e pregação
96. Transpondo barreiras para chegar ao ouvinte
97. Teologia da pregação
98. Trazendo a música para dentro do sermão
99. Um calendário de pregações
100. Utilizando monólogos narrativos na pregação
101. Valorizando o modelo expositivo
102. Variando o cardápio
103. Vantagens e desvantagens da síntese
104. Vantagens e desvantagens do datashow no púlpito
105. Vivendo o que prega; pregando o que vive
106. Você não é um Forest Gump
107. Você prega sermões escatológicos?

Situação do projeto

Em fase de acerto dos assuntos a serem abordados e dos homiletas, pregadores e ouvintes que os escreverão.

4.4 Podemos pregar melhor: Aprendendo com o Senhor da pregação

Objetivo

Apresentar o método de comunicação de Jesus, mostrando a validade dos princípios utilizados pelo Senhor da Pregação para o momento atual, e também como recurso para melhorar a elaboração e a comunicação. Não há em português qualquer abordagem apresentando a homilética de Jesus e sua eficácia para o aprimoramento da pregação.

Sumário

1. O maior de todos os pregadores
2. Conquistando os ouvintes
3. Comunicando com um alvo
4. Aproveitando oportunidades
5. Considerando a base bíblica
6. Apresentando desafios claros

7. Desenvolvendo o sermão com lógica
8. Falando com autoridade
9. Ilustrando com pertinência
10. Proclamando com seriedade
11. Buscando ser eloquentes
12. Aplicando com relevância

Situação do projeto:

Em fase de pesquisas: 15% escrito.

4.5 Pregando melhor em menos tempo

Objetivo

Alertar os pregadores quanto ao valor da síntese no púlpito, desafiando-os a elaborar sermões com profundidade, objetividade e síntese, sabendo que a comunicação no púlpito deve ser para o louvor da glória de Deus, objetivando alcançar e restaurar pessoas pelo poder de Jesus.

Sumário:

1. Os tempos mudaram
2. Afinal, o que é pregar?
3. A pregação no contexto do culto
4. Por que alguns pregadores falam tanto?
5. Quando a prédica se torna enfadonha
6. Profundidade X brevidade
7. Rapidez e segurança
8. Quando faltam os freios

Situação do projeto:

Em fase de pesquisas: 25% escrito.

4.6 Pedro, o pregador.

Objetivo

Apresentar a vida do apóstolo Pedro, sob a ótica do pregador: o chamado para ser apóstolo; os detalhes extraordinários e ao mesmo tempo contraditórios de sua experiência; o modo maravilhoso como o Senhor o restaurou; o surgimento de um novo Pedro e o valor de sua vida e escritos para a pregação na atualidade.

Sumário:

1. De pescador a pregador
2. Limitações e capacitação
3. Um homem destemido
4. Forte, mas não imbatível
5. Restauração Completa
6. Do pior fracasso ao maior privilégio

7. A teologia da pregação de Pedro
8. A homilética de Pedro
9. Sermões biográficos em Pedro
10. Pedro na pregação hoje
11. Ideias para sermões nos Escritos Petrinus.

Situação do projeto:

Em fase de pesquisas: 30% escrito.

4.7 Grandes pregadores e sua pregação

Objetivo

Analisar as características dos grandes pregadores e sua pregação; destacando a vida e trabalho homilético de alguns vultos do púlpito evangélico do Brasil no século XX. Na construção dessa história da pregação no Brasil serão selecionados pregadores de seis denominações históricas: assembleianos, batistas, cristãos evangélicos, luteranos, metodistas e presbiterianos, de diferentes regiões do Brasil. Para a seleção dos pregadores, coleta dos dados históricos e contribuição homilética, contarei com a ajuda de alguns colegas das denominações escolhidas. Pela grandiosidade da empreitada, provavelmente se transformará em coleção, já havendo interesse de uma editora no Brasil pela publicação desse material.

Situação do projeto:

Em fase de planejamento inicial: 10% escrito.

4.8 Pregando na parábola do prodigo

Objetivo

Apresentar uma leitura comparativa e comentada da parábola do prodigo, objetivando motivar pregadores e professores de classes bíblicas a utilizarem esta parábola na pregação.

Sumário

1. Lucas e a parábola do filho prodigo
2. Rebeldia e afastamento
3. O mais terrível fracasso
4. Reflexão, arrependimento e volta
5. O encontro com o Pai
6. A atitude do irmão mais velho
7. Esboços e sermões na parábola do filho prodigo

Situação do projeto:

Em fase de finalização: 90% escrito.

4.9 Esboços para ocasiões especiais

Objetivo

Apresentar um instrumento facilitador ao exercício da Palavra nas mais diversas e extremas ocasiões vivenciadas pela igreja e pela comunidade.

Sumário:

Aniversários

1. Aproveite, enquanto é jovem (adolescente; jovem)
2. É preciso crescer (criança)
3. Oração de gratidão (adulto; ancião)
4. Razão para ser diferente (adolescente; jovem)
5. Vida de qualidade (adolescente; jovem; adulto; ancião)

Casamentos & Bodas

6. Amor sem fim (Bodas de ouro)
7. Dois é melhor (Casamento)
8. Vale a pena casar (Bodas de Prata)

Consagrações & posses

9. A preciosidade do ministério (Ministério da Palavra)
10. Façam música para Deus (Ministério de música)
11. Diáconos, para que? (Ministério Diaconal)
12. Um pastor bem sucedido (Ministério pastoral)
13. Venceremos (Diretoria da igreja)

Cultos diversos

14. Abençoando no Brasil: abençoando o Brasil (Cívico)
15. A alegria vem pela manhã (Consolo/Conforto)
16. Coragem para dizer não (Jovem)
17. Constrangidos pelo Amor (Ceia do Senhor)
18. O brilho da glória do Senhor (Evangelístico)
19. Uma vitória pra valer (Infantil)
20. Três fases, três aprovações (vestibulandos)

Dias especiais

21. Exemplo de mãe (Mães)
22. Feliz ano novo (Ano novo)
23. Mulheres cristãs em ação (Mulher)
24. O Menino sem berço (Natal)
25. Procuo meus irmãos (Confraternização Universal)
26. Vai bem o meu filho? (Pais)
27. Lembranças que trazem gratidão (Dia de ação de graças)

Ocasões especiais

28. Andar fazendo o bem (Enfermagem/Medicina/Assistência social)
29. A realidade da morte (Fúnebre)
30. Estátuas de sal (Despedida do Pastor)
31. Homem de Deus, porém, homem (Posse do Pastor)
32. Jesus, o advogado (Direito)
33. O toque de Jesus (Fisioterapia)

Situação do projeto:

70% dos esboços estão prontos

4.10 O pastor no seu dia a dia

Na área da Teologia Pastoral há uma carência de títulos que ofereçam um guia prático aos pastores e demais pessoas, enquanto na direção de igrejas, exercendo uma multiplicidade de funções para o exercício das quais algumas vezes falta orientação. O projeto está dividido em 6 partes e o sumário oferece ideia do seu conteúdo.

Objetivo

Equipar pastores e pastoras para as extremas necessidades que surgem diariamente no exercício do ministério pastoral.

Sumário

Parte I - Quem é esse desconhecido?

1. Aclamado e rejeitado
2. A esposa do pastor
3. Os filhos do pastor
4. O pastor e os voluntários
5. As limitações do pastor.

Parte II - Ministrando nas atividades especiais da igreja

6. Aniversário da igreja
7. Batismos
8. Ceia do Senhor
9. Consagrações: pastores, missionários, ministros de música, diáconos;
10. Séries de Pregações.

Parte III - Ministrando nos dias especiais do calendário:

11. Ano Novo;
12. Bíblia
13. Mães
14. Natal
15. Páscoa
16. Pais

Parte IV - Ministrando nos momentos festivos:

17. Aniversários
18. Apresentação de crianças
19. Bodas (prata, ouro, etc.)
20. Casamentos (documentos, modelos de cerimônia, variações no culto)
21. Formaturas
22. Nascimento de uma criança

Parte V - Ministrando a diferentes grupos

23. Adolescentes
24. Adultos
25. Crianças
26. Jovens
27. Melhor idade

Parte VI – Ministrando à comunidade extra eclesial:

28. Simpatia para conquistar pessoas

29. Capacidade para chegar e ajudar
30. Disponibilidade para aconselhar e evangelizar
31. Inteligência para aproveitar as ocasiões
32. Criatividade para criar oportunidades

Parte VII - Ministrando nas crises:

33. Nascimento
34. Enfermidades
35. Dificuldades financeiras
36. Desajustes familiares
37. Desentendimentos eclesiais
38. Morte.

Esse é um projeto de grande porte, por essa razão planejo utilizar outros pastores e profissionais em outras áreas para escrever alguns capítulos, ou parte deles, que sirvam como subsídios para completá-los. O trabalho está apenas iniciado.

CONCLUSÃO

Compreender a tarefa e aceitar as vindicações inerentes ao labor sermônico faz parte do nosso dia a dia como pegadores e homiletas. A esse respeito, Karl Barth declarou:

Se quisermos definir teologicamente o que ocorre quando um homem prega, não podemos fazer outra coisa que oferecer indicações, colocar pontos de referência. Acima da reflexão humana, nos vemos remetidos a Deus, que diz a primeira e a última palavra. Deus não pode ser encerrado em nenhum conceito: vive e atua com sua soberana autoridade.¹³⁰

A primeira questão a analisar é: *Por que pregamos?* A resposta a essa indagação é determinada pela teologia e pela filosofia de pregação de cada homileta. O *porquê* e o *para que* dependem do conceito que temos do Deus que nos comissiona a pregar. Tenho buscado responder a esta indagação a partir da experiência do apóstolo Paulo. Ele declarou: “Contudo, quando prego o evangelho, não posso me orgulhar, pois me é imposta a necessidade de pregar. Ai de mim se não pregar o evangelho!” (1 Co 9.16). Aqui está o ponto crucial e é impossível alguém se dedicar inteiramente à pregação cristã, sem uma experiência de encontro com o Cristo Ressurreto.

À semelhança de Paulo, pregamos porque ele nos encontra e faz de nós pregadores! Quando isso acontece, obedecendo ao chamado, pregar deixa de ser preferência e se torna obrigação. Isso tem acontecido sempre. Não obstante, cada dia de engajamento no Ministério da Palavra, nos faz agradecer a Deus o privilégio e nos motiva a uma dedicação maior ao Reino de Deus. Essa convicção nos dá o foco e nos ajuda a nos mantermos firmes: pregação é doação por inteiro ao Senhor que nos alcança e nos torna proclamadores da sua Palavra.

A respeito dessa doação do pregador, do homileta, ao Senhor da pregação, John Knox declarou:

O sermão é uma oferta a Deus — ou antes, é o pregador oferecendo-se a si mesmo a Deus — e o preparo é um ato disciplinado de devoção. Pregar é, na realidade, orar com outros, levar a outros em oração; preparar-se para pregar é, sem dúvida nenhuma, sob um aspecto importante, orar por outros e por si mesmo para o bem de outros.¹³¹

Isso envolve além do simples conhecimento de versos e perícopes da Bíblia. O labor sermônico demanda mais que o domínio dos idiomas originais; mais que a habilidade de

¹³⁰ BARTH, *apud* MORAES, 2013b, p. 279.

¹³¹ KNOX, *apud* MORAES, 2013b, p. 279.

transportar o texto para o mundo significativo dos ouvintes; mais que o domínio dos princípios da exegese, da hermenêutica e da homilética; mais que a desenvoltura em esboçar, explicar ilustrar e aplicar a Palavra; mais que a habilidade de atrair e manter a atenção dos ouvintes. Pregação é tudo isso; não obstante, é principalmente doação sem reservas.

No livro **Homilética**: do púlpito ao ouvinte deixo claro que para alcançar o padrão ético no púlpito precisamos primeiramente conhecer e glorificar o Deus em nome de quem falamos:

Conhecer Deus é imprescindível ao pregador. Só há pregação autêntica quando transmitida por alguém cujas palavras refletem um relacionamento pessoal com Deus. Temos visto que, antes de pregar, necessitamos assumir um compromisso de dependência do Senhor da Palavra, para vivermos de tal modo a glorificar o nome dele. Sem que o pregador conheça verdadeiramente o seu Deus, a pregação se resume a uma encenação.

A sociedade de consumo tem forjado um deus que atenda às suas necessidades. Para pregar a mensagem do Altíssimo a esse povo, precisamos conhecer plenamente o Deus que anunciamos.

O propósito de toda comunicação no púlpito deve ser proclamar a soberania e o amor de Deus e glorificar seu nome. Qualquer tentativa de desviar a glória do Criador para o pregador redundará em fracasso. Em Babel foi assim. O intento com a construção da torre era alcançar a fama: “Vamos construir uma cidade, com uma torre que alcance os céus. Assim nosso nome será famoso e não seremos espalhados pela face da terra” (Gn 11.4). E o que parecia ser um plano infalível, virou uma tremenda confusão. Na vida de alguns pregadores a mesma cena tem se repetido. Quando alguém começa a olhar para sua própria capacidade e erudição e pensa que pode prosseguir sem a dependência do Senhor, termina no mais completo fracasso.¹³²

Enquanto nos doamos ao Ministério da Palavra nos deparamos com outra indagação: *Para que pregamos?* A mensagem é do Senhor, mas é proclamada por um ser humano. À semelhança do profeta Jeremias, algumas vezes nos achamos desolados e questionamos o nosso labor: “Senhor, tu me enganaste, e eu fui enganado; foste mais forte do que eu e prevaleceste. Sou ridicularizado o dia inteiro; todos zombam de mim” (Jr 20.7).

A dor do profeta era tamanha que chegava a pensar em se calar. “Mas quando digo: Não quero ser mensageiro do Senhor e não falarei mais do seu nome” [TI]. “Mas se digo: Esqueça, não vou mais falar nada que venha do Eterno! As palavras queimam como um fogo no meu coração, incendeiam meus ossos. Estou exausto, tentando segurá-las dentro de mim. Já não aguento mais [M].¹³³

A pregação autêntica, antes de impactar os ouvintes, exerce verdadeiro impacto na vida do pregador. A convicção do profeta, apesar de toda desilusão, era baseada na certeza da presença e proteção do Senhor: “Mas o Senhor está comigo, como um forte guerreiro!

¹³² MORAES, 2008, p. 362.

¹³³ MORAES, Jilton. Auxílio Homilético para o 2º domingo após o pentecostes, 2014. HOEFELMANN, Verner (Ed). **Proclamar Liberdade**: auxílios homiléticos para a proclamação do evangelho. São Leopoldo: Sinodal. 2013, p. 220.

Portanto, aqueles que me perseguem tropeçarão e não prevalecerão. O seu fracasso lhes trará completa vergonha; a sua desonra jamais será esquecida.” (Jr 20.11). Só mesmo a fé no Eterno nos dá forças para seguirmos pregando em tempos difíceis. Essa fé no Senhor que nos envia a pregar nos faz compreender a grandiosidade da tarefa a nós confiada. E essa concepção realça a importância do trabalho que realizamos como pregadores. Pregador é algo que nos faz temer e tremer. Joseph Stowell declarou:

O púlpito chama para junto de si os ungidos como o mar chama os marinheiros e, também como o mar, esmurra e açoita, e não dá descanso [...], pregar de verdade é morrer nu, pouco a pouco, e saber a cada vez que terá de passar por isso novamente.¹³⁴

Foi também Stowell quem deixou claro que o objetivo da nossa pregação deve ser a glória do Senhor: “A boa pregação consiste na arte de glorificar a Deus ao transmitir a palavra dele ao seu povo de maneira que fale ao coração deles, no exato lugar em que se encontram naquele momento, e assim os conduza ao lugar para onde Deus quer levá-los”.¹³⁵

Outro tópico determinante no meu pensamento como homilista é que a pregação precisa manter o seu lugar de relevância no contexto do culto. É impossível separar a pregação do culto: Culto é pregação e pregação é culto. John Knox afirmou:

A não ser que concebamos a pregação como sendo em si um ato de culto, perdemos o que há de mais essencial nela. [...] Não pode ser pregação a não ser que seja naquele contexto. Se o contexto de culto não for encontrado, o verdadeiro sermão cria-o. A pregação providencia um meio de culto - ou de maneira nenhuma é pregação.¹³⁶

Tenho deixado claro nas aulas, livros, artigos e estudos que a pregação acontece no contexto do culto. Pensando na responsabilidade do pregador no culto, no livro, **O clamor da igreja**: em busca de excelência no púlpito, afirmo:

Estar no culto sem cultuar é fugir do mais sublime objetivo que deve nos motivar a ir ao templo; somente quando nos encontramos verdadeiramente com o Senhor e como próximo, temos condições de pregar essa realidade.

O pregador não participa do culto por sua habilidade em transmitir a mensagem, mas porque sua alma necessita ser saciada. Quem tenta pregar sem cultuar fica impedido de alcançar plenamente os ouvintes.¹³⁷

Sobre o pregador no culto, afirmo que culto é encontro. A Bíblia mostra um Deus que vem ao encontro do homem. Karl Barth afirmou que "o culto cristão é o ato mais

¹³⁴ STOWELL, *apud* MORAES, 2013b, p. 46.

¹³⁵ STOWELL, *apud* MORAES, 2013b, p. 240.

¹³⁶ KNOX, 1966. p. 75.

¹³⁷ MORAES, 2012b, p. 93.

importante, mais relevante e mais glorioso na vida do homem”¹³⁸ E nós, pregadores, não podemos prescindir desse encontro: precisamos nos encontrar com esse Deus para termos condições de ajudar nossos ouvintes a vivenciarem tal experiência. Von Allmen descreveu culto como “o lugar venturoso de encontro dos fiéis com o seu Deus, enquanto esperam a vinda de seu reino”.¹³⁹

A experiência daqueles que ministram no culto, portanto, é indispensável. O pregador não apenas proclama a possibilidade da salvação em Jesus, mas ele mesmo vive essa salvação; não somente fala da presença de Jesus, mas vive na presença do Mestre; não simplesmente anuncia a sua volta, mas aguarda e anseia por esse acontecimento; não só prega a santificação, mas procura viver para agradar ao Senhor; não apenas conduz a palavra aos ouvintes, mas vive de acordo com a Palavra; não está no culto exclusivamente para pregar, mas prega porque o culto faz parte da sua vida.¹⁴⁰

A realidade é que, pregando cultuamos e cultuando pregamos; por isso é incabível um pregador alheio à realidade do culto. Não dá para se pensar na figura do profissional do culto: alguém treinado para ministrar a Palavra e os cânticos, mas sem qualquer compromisso com o Senhor Jesus.¹⁴¹

A ênfase nesses tópicos mostra o meu pensamento como homileta buscando coerência entre a teoria e a práxis. E aqui surgem algumas indagações:

Qual o lugar da pregação na vida das pessoas no momento atual?

Tenho entrevistado ouvintes e pregadores sobre a relevância do púlpito em nossos dias. Lamentavelmente vivemos um tempo de declínio na comunicação sacra. A motivação por ouvir a Palavra está desaparecendo; os cânticos – e as falas dos músicos entre as músicas a serem cantadas – ocupam cada vez mais o tempo do culto, deixando a prédica como a parte indesejável – que acontece porque ainda tem que acontecer. Para alguns ouvintes o tempo despendido na proclamação é coisa do passado.

Essa terrível realidade tem feito o vocábulo *sermão* perder o sentido de proclamação do discurso religioso, pregação, mensagem comunicada por um pregador/pregadora, passando a adquirir a conotação de censura, carão, admoestação. A afirmação “estou cansado de ouvir sermões”, antes proferida sem qualquer referência ao púlpito, é hoje um dito comum por algumas pessoas que estão cansadas de ouvir sermões que “começam mal, caminham mal e, de tão ruins, parecem intermináveis”.¹⁴² Russell Shedd, mesmo mencionando que as igrejas no Brasil não vivenciam a mesma crise de abandono aos cultos, verificada na Europa, admite a

¹³⁸ VON ALMEN, J. J. **O culto cristão**. São Paulo: ASTE, 1968. p. 11.

¹³⁹ VON ALMEM, 1968, p. 84.

¹⁴⁰ MORAES, 2008, p. 72.

¹⁴¹ MORAES, 2008, p. 70.

¹⁴² MORAES, 2012b, p. 19.

existência do problema de insatisfação de ouvintes no Brasil. Ele menciona como os ouvintes reclamam: “Pastor, por que será que não me sinto alimentado?”, perguntam uns crentes famintos e raquíticos. Como se explica o fato do ‘banquete’ esperado ter se tornado num ‘café da manhã’ parco ou num “lanche” sem gosto?¹⁴³

A triste realidade é que alguns pregadores perderam o foco, a condição de porta-vozes de Deus, responsáveis em alimentar ouvintes com fome e sede da Palavra. E, perdendo o foco substituíram o banquete, antes preparado como fruto da devoção e meditação diárias na presença do Senhor, pelo lanche preparado às pressas e, ainda pior, com ingredientes, muitas vezes, de qualidade inadequada ao púlpito. A experiência desta ouvinte evidencia essa lamentável condição:

[...] cheguei à igreja naquele dia ansiosa pra ouvir a mensagem. Começou bem, porém levou muito tempo falando dos cursos que havia feito no exterior (que não interessava ali). Depois leu um texto que não tinha muito a ver com o que ele pretendia falar e logo começou a dizer sobre a importância da família, do cuidado com os filhos. Nesse momento ele começa a usar uma linguagem nada condizente com o púlpito. Não encontro palavras para descrever o que senti. Ao usar palavras numa linguagem mais chula que se possa imaginar, enquanto alguns no auditório sorriam, outros, como eu, se fechavam. Daí em diante nada mais me atraiu. Saí dali decepcionada, sem o alimento espiritual que esperava e, pior, com raiva de ter ido à igreja naquela manhã.¹⁴⁴

Outro questionamento é: *como pregar a ouvintes nesta geração digital?*

Falando no I Simpósio da RedLAH apresentei um quadro comparativo da realidade do púlpito no momento atual; é desalentador:

Ouvintes no passado...	Ouvintes no presente...
Tinham disponibilidade de tempo: sabiam esperar, a vida seguia sem pressa;	Não têm tempo; vivem com pressa em uma sociedade apressada.
Eram motivados a ouvir: tinham no púlpito excelente fonte de informações;	Estão informados; o púlpito raramente oferece informações relevantes.
Portavam bíblias e as manuseavam durante a pregação;	Utilizam modernos celulares e <i>tablets</i> e os acessam durante a pregação.
Iam ao templo para ouvir prédicas que os alimentavam com a Palavra;	Ouvem prédicas que, às vezes, pouco ou nada têm da Palavra.
Alguns viam o sermão como a parte mais importante do culto;	Muitos veem o sermão como a parte menos importante do culto. ¹⁴⁵

¹⁴³ SHEDD, Russell P. **Palavra viva**: extraindo o expondo a mensagem. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 11.

¹⁴⁴ MORAES, 2013b, p. 257.

¹⁴⁵ MORAES, 2013a, p. 59.

É interessante observarmos esta diferença de perspectiva: – o problema da comunicação sacra – só assim teremos condições de compreender melhor os nossos ouvintes, isentando-nos de uma interpretação unilateral do problema.

Somos tentados a dizer: “*Já não se faz ouvinte como antigamente*”. Devemos estar alertas, entretanto, porque os ouvintes também afirmam: “*Já não se faz pregador como antigamente*”. E, até a partir das queixas desses ouvintes, poderíamos também elaborar um quadro comparativo do comportamento dos pregadores do passado e no momento presente.¹⁴⁶

A realidade é que pregamos em um tempo especial, para ouvintes especiais. Portando bíblias ou acessando *tablets* as pessoas que nos ouvem precisam ter a certeza de que lhes falamos em nome de Deus. E neste sentido precisamos “ter em mente que o propósito da pregação cristã é proclamar a vida completa que só em Jesus pode ser encontrada; é oferecer aos ouvintes a oportunidade de crer no Cristo vivo e de confessá-lo como Senhor, para serem salvos”.¹⁴⁷

Mais um ponto a considerar é um adequado conceito de cristocentricidade na prédica.

Ser um pregador cristocêntrico não significa apenas utilizar os discursos de Jesus, ou textos do Novo Testamento no púlpito. O bom pregador sabe aproveitar passagens veterotestamentárias no seu programa de pregação e ainda assim proclamar as boas novas do Reino de Deus. Sidney Greidanus afirmou: “Pregar a Cristo é tão amplo quanto pregar o evangelho do Reino de Deus. [...] Ao pregar Cristo a partir do Antigo Testamento, podemos muitas vezes ligar a mensagem do Antigo Testamento, com alguma faceta da pessoa de Cristo.”¹⁴⁸

Cristocentricidade no púlpito é pregar sabendo que não são os exemplos de personagens, mesmo aquelas que muitas vezes servem de base para nossas prédicas, que têm a capacidade de transformar, mas unicamente Jesus Cristo. É no nome do Senhor Jesus que as pessoas são transformadas. É nesse nome que a pregação é capaz de ser praticada no dia a dia de quem a ouve.¹⁴⁹

A meu ver, quando pregamos os valores do Reino de Deus, independentemente do fato de ser a prédica evangelística, ética, pastoral ou tendo em mente qualquer outro propósito básico, somos cristocêntricos.

Todos os pontos anteriormente levantados são relevantes, no entanto, o assunto mais pertinente quando se analisa o pensamento de um homileta brasileiro, é a questão que diz

¹⁴⁶ MORAES, 2013a, p. 59.

¹⁴⁷ MORAES, 2013a, p. 59.

¹⁴⁸ GREIDANUS, Sidney. **Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 20.

¹⁴⁹ MORAES, 2013b, p. 139.

respeito exclusivamente à pregação da Palavra no Brasil: O que caracteriza a pregação cristã no Brasil? Quais as marcas distintivas da prédica protestante em nosso país? Temos homiletas brasileiros, mas o que uma homilética brasileira?

A mensagem evangélica em nossa Pátria começou a ser pregada no século XVI, ainda no tempo do Brasil colônia, com os franceses no Rio de Janeiro e os holandeses no Nordeste. “No dia 10 de março de 1557 esse grupo [vindo da França] realizou o primeiro culto protestante da história do Brasil e das Américas”.¹⁵⁰ Alderi Matos informa: “A Igreja Reformada realizou uma admirável obra missionária junto aos indígenas. Além de pregação, ensino e beneficência, foi preparado um catecismo na língua nativa. Outros projetos incluíam a tradução da Bíblia e a futura ordenação de pastores indígenas”.¹⁵¹

Algumas denominações históricas estão estabelecidas no Brasil há mais de um século. Basta vermos o ano de organização de suas primeiras igrejas em solo brasileiro. O quadro a seguir oferece uma visão dos possíveis dez grupos denominacionais estabelecidos há mais tempo no Brasil.¹⁵²

Grupo denominacional	Organização
Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil	1824
Igreja Evangélica Congregacional	1858
Igreja Presbiteriana do Brasil	1862
Igreja Metodista	1876
Igreja Batista (CBB)	1882
Igreja Adventista do Sétimo Dia	1895
Igreja Episcopal Anglicana do Brasil	1890
Igreja Presbiteriana Independente do Brasil 1910	1903
Congregação Cristã no Brasil	1910
Igreja Evangélica Assembleia de Deus	1911

Pelo menos dez denominações evangélicas centenárias no nosso país. É nesse contexto que a indagação deve ser levantada: O que caracteriza a pregação evangélica no Brasil? Quais as marcas distintivas da prédica protestante em nosso país? Lamentavelmente a resposta a essa indagação precisa não é tão fácil de ser formulada. Os missionários realçaram que seriam as “regras da homilética” e ofuscaram a nossa cultura. Por várias décadas a comunicação no púlpito foi tão restringida à estrutura sermônica que, para alguns pregadores,

¹⁵⁰ MATOS, Alderi de Souza. Breve história do Protestantismo no Brasil. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/6994.html>>. Dezembro de 2013.

¹⁵¹ MATOS, Alderi de Souza. História do Presbiterianismo. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/7061.html> Acesso em dezembro de 2013.

¹⁵² Sendo que este trabalho não é na área da história, algumas destas datas podem ser questionadas. A dificuldade algumas vezes é determinar entre a data de chegada dos primeiros missionários, data da organização da primeira igreja do grupo, e a data de organização oficial da denominação.

se uma prédica não tivesse três pontos não estava correta. No I Congresso da RedLAH declarei:

Pregar sem estrutura é tão tenebroso quanto viajar sem um mapa. Por outro lado, quando a estrutura ocupa o primeiro plano a prédica se torna engessada e morna. É como no nosso corpo: temos um esqueleto, mas não visível; fica bem escondido. Não podemos deixar a carcaça à mostra. De vez em quando algum pregador defende a ideia que o sermão deve ter três tópicos. E eu afirmo que a prédica não precisa de três tópicos, mas do número de tópicos necessários à satisfatória abordagem do texto, sendo o ideal não ultrapassar a seis tópicos, para evitar problema com o tempo de apresentação.¹⁵³

Precisamos considerar, também, o fato de a disciplina homilética não ocupar o seu devido lugar nos currículos dos cursos teológicos. O Rev. Prof. Herculano Gouvêa Júnior, abre o seu livro, **Lições de retórica sagrada** com declaração: “No Seminário Teológico a cadeira de homilética é o ponto para onde convergem as demais disciplinas e onde a matéria do curso se transforma em poder para o serviço do reino de Deus”.¹⁵⁴ As poucas classes de homilética oferecidas ao longo do curso ficam limitadas a apresentar princípios de elaboração e apresentação de prédicas. A realidade seria outra, se houvesse a centralidade da homilética para, a partir dela as demais disciplinas convergirem. Isso não significa necessariamente aumentar o número de créditos ou classes em homilética, mas fazer ver aos alunos que eles estão se preparando para serem comunicadores da Palavra.

É relevante pensarmos em como deve ser a pregação evangélica brasileira. O que marcará a pregação protestante no Brasil? Ouso responder a essa indagação, partindo da experiência com pregadores e futuros pregadores, nas classes de homilética, ao longo de quase quatro décadas.

A criatividade há de marcar a nossa pregação. Ela dependerá menos da estrutura e mais da narrativa. Nós, brasileiros, somos contadores de casos; razão porque algumas vezes se torna difícil manter uma linha retórica na nossa comunicação. Imagino que a pregação narrativa, mais ensinada e praticada, será uma boa opção para nós brasileiros. A prédica *Milagre da Graça de Deus* – um narrativo, segmentado, dramatizado ilustra essa verdade.¹⁵⁵

Outra marca distintiva da nossa pregação há de ser o senso de aproveitamento das oportunidades. Isso aconteceu com um ex-aluno, quando foi lançado o livro **A cabana**, de William P. Young, que mostra a realidade do mal e do sofrimento e apresenta uma imagem de Deus — Pai, Filho e Espírito Santo — de forma bem diferente. O pastor Hildebrando

¹⁵³ MORAES, 2013ap. 64.

¹⁵⁴ GOUVEA JR., Herculano. **Lições de Retórica Sagrada**. São Paulo: Maranata. 1974.p.8.

¹⁵⁵ MORAES, 2010b, p. 193

Cerqueira,¹⁵⁶ à época, transformou essa realidade em recurso para a pregação. A partir dos quadros e conceitos de Young, ele ofereceu respostas bíblicas e proclamou de modo prático o amor de Deus, em Cristo, e sua capacidade de buscar e salvar o aflito.

A pregação brasileira há de ser marcada, ainda, pela nossa cultura e a nossa linguagem. David Larsen declarou: “Assim como o pregador deve interpretar o texto a ser pregado de maneira fiel e diligente, do mesmo modo deve interpretar os padrões de pensamento e os sistemas de valores que moldam e determinam o contexto de percepção dos ouvintes”¹⁵⁷

Minha convicção é que o ouvinte precisa ser considerado.

Precisamos pedir a Deus não apenas que abra o coração, os ouvidos e a mente das pessoas, mas que nos faça instrumentos nas mãos dele, para alcançá-las. Estudo do texto, sem estudo do auditório é exercício acadêmico e a prédica é um exercício pastoral – é compartilhar a verdade que o Senhor nos tem dado: da Palavra dele ao nosso coração e ao coração dos ouvintes.¹⁵⁸

Considerar o ouvinte e sua cultura é uma marca que pode vir a se tornar distintiva em nossa pregação uma vez que nós brasileiros somos bastante criativos. Quando o Pastor Itiel Pereira de Araújo Filho era meu aluno de homilética, apresentou, como atividade acadêmica, o esboço de uma prédica, que mostra bem essa criatividade. A mensagem versava sobre adágios populares. Observe como ele desenvolveu o assunto, abordando três conhecidos ditos populares:¹⁵⁹

I — **"Pau que nasce torto não tem jeito, morre torto"**- Muito provavelmente você mesmo já utilizou esse ditado para justificar-se em algum momento de sua vida, Geralmente, quando a pessoa não quer assumir seus erros, dispara esse. É o chamado "complexo de Gabriela", para utilizar a personagem do famoso escritor: "...eu nasci assim, me criei assim, vou viver assim, sempre..."

Mas eu lhe asseguro! Há possibilidade de mudança, sim! Como já disseram: "Só morre torto se não passar pelas mãos do carpinteiro de Nazaré, Jesus Cristo," Na Bíblia Sagrada está escrito: **"...as coisas tortas farei direitas"** (Is 42.16; será que você prefere ficar com a sabedoria popular, que neste caso é fatalista e escapista? Ou quer ter uma oportunidade de uma nova vida em Cristo Jesus, onde todas as coisas são novas, inclusive o que é torto em você pode endireitar-se?

Há mais um ditado que, talvez, você conheça:

II — **"Quanto mais alto o coqueiro maior é o tombo do côco"**- Esse é verdadeiro, e reflete muito bem a sabedoria bíblica; refere-se àquele tipo de pessoa que é muito orgulhosa e cheia de si, achando que não precisa de ninguém ou de nada, o típico autossuficiente. Será que você é assim? Primeiro usa o fatalismo para justificar-se, agora pode estar negando a necessidade de mudar, Mas, novamente, veja o que a Bíblia diz: **"...digo a cada um de vos que não tenha de si mesmo mais alto conceito do que convém; antes pense de si sobriamente..."** (Rm 12. 3), Deus quer que você um tenha um conceito adequado de si mesmo: nem mais, julgando-se

¹⁵⁶ Referenciado aqui com sua permissão.

¹⁵⁷ LARSEN, David L. **Anatomia da Pregação**. São Paulo: Editora Vida. 2005. p. 43.

¹⁵⁸ MORAES, 2013a, p. 62.

¹⁵⁹ Referenciado aqui com sua permissão.

autossuficiente e sem necessidade dele, nem menos, achando-se pau torto que morre torto, que não tem mais jeito,
Diante disso, resta-nos lembrarmos de mais um ditado, provavelmente um dos mais conhecidos:

III — **"Não adianta chorar sobre o leite derramado"**— Depois de tudo, você deve estar pensando: "Para mim não tem mais jeito!", "Eu tenho apenas que aceitar, afinal não aceitei quando tive oportunidade! ' Eu quero dizer-lhe que adianta chorar sobre o leite derramado, sim! Jesus, o maior de todos os sábios, disse uma vez: **"Felizes os que choram, pois serão consolados"**(Mateus 5. 4), Chore! Chore pelo leite que derramou! Eu não sei da sua vida, talvez o seu derramar o leite foi furtrar, mentir, adulterar... ou tanta coisa pode ter sido; você e Deus somente sabem. E o que Deus quer é que você verdadeiramente chore sobre o leite derramado; reconheça que derramou o leite, resolva não mais fazê-lo; peça a Deus que endireite a sua vida torta, e, pode ter certeza, o seu choro será consolado.

Estaé uma prédica sui-generis. Fugindo ao que acontece usualmente, quando o texto bíblico fornece a ideia a ser pregada e serve como base para toda a elaboração, Itiel Filho permite que os *ditos populares* funcionem como o *embrião de sua prédica* e como a base para o seu desenvolvimento. O resultado é um discurso com atração, organização, unidade, conteúdo, desafios. A presença desses ítems, no entanto, não acontece por acaso: resulta de um sério trabalho de pesquisa, onde a seriedade na utilização de textos bíblicos e domínio dos princípios e interpretação e atualização do texto fica evidente, junto com a habilidade homilética. Observe a pesquisa inicial:

Textos bíblicos:Isaías 42, 16; Romanos 12. 3; Mateus 5, 4
(Não houve uma leitura bíblica inicial: os textos foram apresentados ao longo da prédica).

Tese: Nem sempre a sabedoria popular corresponde à verdade bíblica: A verdadeira sabedoria está na Palavra de Deus.

PB: Evangelístico.

PE: Motivar os ouvintes a confrontarem suas verdades tradicionais, advindas da sabedoria popular, com a verdade bíblica.

Título: A voz do povo é a voz de Deus.

Na introdução o pregador mostra a realidade dos adágios na comunicação, motivando os ouvintes a cotejar alguns ditos populares, objetivando constatar se a voz do povo é realmente a voz de Deus:

É comum a todas as culturas o que chamamos de sabedoria popular. São ditados e provérbios que visam ensinar algumas verdades, que, muitas vezes, tornaram-se verdades pela própria aceitação popular.

Todos nós temos em nossa memória uma série desses ditados, muitos dos quais repetimos sem ao menos pensar, automaticamente, diante de determinadas situações, A impressão que dá é que já nascemos com essa "sabedoria", de tão comum que é a todos nós, mas, alias, há um ditado que diz: "Ninguém nasceu sabendo!", o qual é uma grande verdade. Por isso é que eu chamo sua atenção agora, para vermos se realmente "a voz do povo é a voz de Deus, Vejamos o que diz um dos ditados mais populares:

A conclusão aqui cumpre o seu papel para que dentro de um PB evangelístico, o PE seja plenamente alcançado.

Está claro que nem sempre a voz do povo é a voz de Deus, O que, de fato, você deve entender é que Deus quer lhe dar uma nova vida; Deus faz renascer em você a esperança de que nem tudo está perdido. Somente nele você deve confiar; aí então você poderá experimentar a felicidade que dura para sempre, a vida eterna.

A teologia da pregação evangélica no Brasil é algo que também precisa ser questionado. O conceito de Deus é fundamental no labor sermônico: desse conceito depende o modo como pregamos. “Muitos pregadores apresentam um Deus distante e ausente, que não se importa com as pessoas, que não responde aos anseios dos fiéis”.¹⁶⁰ Precisamos apresentar o Deus soberano que ama a todas as pessoas e se interessa pelo bem estar de cada uma delas. A maior necessidade dos nossos ouvintes de crer que as misericórdias divinas se renovam a cada amanhecer e que isso pode lhes dar a capacidade de esperar. “O abismo colocado por comunicadores que mais parecem deístas que pregadores do Evangelho, tem tornado os sermões áridos, monótonos e desinteressantes. Eles têm feito a façanha de tirar a graça da mensagem que é pura Graça”.¹⁶¹ A teologia da nossa pregação precisa ir ao encontro das necessidades dos nossos ouvintes

Um sermão fúnebre, por mais rico que seja em profundos conceitos bíblicos e teológicos, se não tiver o elemento pastoral, capaz de penetrar no mundo das pessoas enlutadas, ministrando-lhes o bálsamo do conforto, será – no dizer de Paulo – como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Por mais bem elaborado e apresentado que seja tal sermão, se não for capaz de conduzir os que choram à presença do Deus que lhes enxuga as lágrimas, de nada valerá. E sabemos que, só usados pelo Espírito Santo, somos capazes de confortar.¹⁶²

Terrível problema hoje é a fraqueza teológica de muitos pregadores. Quando quem prega não está convicto do que tem a comunicar, o melhor a fazer é calar.¹⁶³

Nos dois modelos apresentados, o que me realiza é constatar a criatividade dos pregadores. Indo além dos princípios que lhes ensinei nas classes de homilética, eles estão recriando a pregação, dando-lhes uma feição *made in Brasil*. Esse é o tempo quando paradoxalmente, apesar do descaso de muitos pregadores, por outro lado, o interesse pela pregação da Palavra tem se tornado crescente. Há uma luz no final do túnel.

Respondidos os principais questionamentos devo seguir e, à guisa de conclusão, enfatizo que os pontos aqui expostos, apresentando o que tenho produzido como homileta, vêm dentro da visão pessoal das misericórdias do Senhor, que se renovam a cada dia na minha

¹⁶⁰ MORAES, 2013a, p. 60.

¹⁶¹ MORAES, 2013a, p. 60.

¹⁶² MORAES, 2013a, p. 60.

¹⁶³ MORAES; 2013b, p. 193.

vida como pregador e homileta. Constatar o que o Altíssimo tem permitido acontecer em termos de pesquisa homilética no Brasil é algo realmente maravilhoso. De um começo pequeno, sem grandes aspirações além da produção de um texto para os alunos, em sala de aula, a bênção do Senhor tem feito essa literatura *homilética made in Brasil* atravessar as nossas fronteiras. Os títulos mencionados têm no seu conteúdo, organização ou apresentação elementos que os tornam literatura diferenciada:

Homilética: da pesquisa ao púlpito – São poucos os livros no assunto apresentando os passos para a elaboração de prédicas, bíblicas e contextualizadas desde a ideia ou texto até a sua comunicação. O livro tem uma didática clara e objetiva, acessível não só a pastores e seminaristas, mas a qualquer pregador leigo; sua leitura oferece uma visão do trabalho do pregador desde o gabinete de estudos até o momento de apresentá-lo. Por essa razão esse livro tem alcançado grande aceitação entre homiletas, pregadores e professores de escolas bíblicas, e esteja sendo bem utilizado nas classes de Homilética I, havendo sido, inclusive, traduzido para o espanhol¹⁶⁴.

Homilética; do púlpito ao ouvinte – Sua preocupação é trabalhar com o ministério da Palavra como um todo; preocupando-se não apenas com uma pré-dica a ser apresentada, mas com a pessoa do pregador/a, seus compromissos, sua responsabilidade diante de Deus e do povo, sua postura como adorador, sua ética e eloquência; e, além disso, com a forma sermônica a ser utilizada e as diferentes ocasiões onde tem que pregar. Os últimos capítulos, com sistematização inédita disponibilizam ao pregador orientações para pregar em diferentes momentos da vida; apresentam ensaio sobre o tempo de duração do sermão, a ética no púlpito, apelo e feedback na pregação. Profundos conceitos, apresentados de modo simples, enriquecidos com ilustrações e exemplos, fazem essa obra servir não só a pastores e seminaristas, mas, de igual modo, a pregadores leigos.

Homilética: do ouvinte à prática – Esse livro pretende apresentar com objetividade uma questão nem sempre objetiva: o abismo entre as palavras proferidas na pré-dica e vivenciadas no dia a dia dos ouvintes e de quem prega. Ele traz uma abordagem nova: a homilética que se preocupa não apenas com as palavras que são apresentadas no púlpito, no entanto, de igual modo com os resultados advindos desse discurso: é uma alerta que a validade das palavras do pregador se completa nas ações práticas que serão vivenciadas pelos ouvintes. Em um tempo quando o relativismo religioso tem enfraquecido terrivelmente a pregação, para alguns pregadores, o que importa é o crescimento, mesmo em detrimento da

¹⁶⁴ MORAES, Jilton. **Homilética:** de la investigación al púlpito. Buenos Aires: Editorial Peniel, 2011. 237 p.

qualidade. Prédicas sobre as exigências do discipulado desapareceram; reflexões éticas estão em desuso; pouco se fala na cruz; a ênfase é no trono; aflições não existem, só bênçãos, e, em termos comportamentais, tudo parece liberado. Foi para um tempo assim que esse livro foi escrito.

Púlpito: pregação e música – Escrevi esse livro sabendo que estava trabalhando em algo novo na realidade da pregação brasileira: poucos eram os pregadores e pregadoras que utilizavam a forma segmentada no púlpito e nada até então havia sido escrito, sistematizando o assunto. A obra motiva o pregador a trazer a música para dentro da prédica, unindo-as às palavras, para a proclamação da Palavra: é algo ainda novo e que tem sido testado e utilizado em várias igrejas evangélicas no Brasil, em número cada vez mais crescente. Essa é uma das formas sermônicas que mais agradam aos ouvintes atuais. E quem for utilizá-la precisa ter em mente que só quando a palavra e a música se unem harmoniosamente para a proclamação da Palavra com o mesmo foco e um só propósito, acontece o sermão segmentado.

Restaurado por Jesus: prédicas, histórias bíblicas, monólogos – Apresenta a união da arte e da homilética, de modo que monólogos narrativos, enfocando a vida de personagens bíblicos sejam apresentados, objetivando persuadir os ouvintes a uma tomada de decisão diante da mensagem. O livro fala também dos cuidados na apresentação de monólogos. Lembrando que nem todos os pregadores se amoldarão à pregar um monólogo. Em minha própria experiência e eu os escrevo há mais de vinte anos e mesmo sendo um incentivador da utilização dessa forma sermônica, nunca fui capaz de me caracterizar e apresentar um deles. O que tem feito e recomendado é que quando a apresentação do monólogo foge do nosso estilo pessoal, podemos descobrir alguém na igreja com a capacidade de dramatizar, que pode fazê-lo bem.

Aventuras de um pregador iniciante: aprenda a pregar – Conta uma história para transmitir as primeiras lições de homilética aos pregadores noviços. O livro ao tempo em que apresenta os princípios a serem seguidos na preparação de uma prédica, narra uma história, onde professor e aluno são os principais personagens. Cada capítulo do livro enfoca um novo encontro, onde novas lições são ministradas. Pregadores e pregadoras, sem oportunidade de um treinamento formal, têm encontrado nas páginas desse livro o almejado equipamento para um melhor desempenho como comunicadores das boas novas.

Ilustrações e poemas para diferentes ocasiões – Um livro para ilustrações com detalhes que o tornam diferentes: o fato de as histórias virem juntas com poemas, colocando diante de pregadores/as a possibilidade de utilizarem a poesia ou a linguagem poética na

pregação. Outro detalhe é haver sido escrito pensando nas ocasiões especiais. Os capítulos enfocam esses momentos, dos mais alegres aos mais difíceis na vida dos ouvintes. Em um momento quando a poesia tende a desaparecer da liturgia e do púlpito em muitas igrejas, o acesso à poemas para as mas diversas ocasiões serve como incentivo para que a poesia e os sermões poéticos voltem a ser utilizados na comunicação sacra.

O clamor da igreja: em busca de excelência no púlpito – Texto produzido a partir das queixas dos ouvintes expõe vários detalhes onde a pregação precisa melhorar para alcançar a sua excelência; começando no despreparo, na ausência de biblicidade, na falta de seriedade no trato do texto básico, e na elaboração da prédica, os ouvintes reclamam até do traje do pregador, falta de postura, distância e prolixidade. A despeito da situação caótica, o livro encerra com a mensagem de esperança a todos quantos encaram com seriedade a tarefa de pregar a Palavra.

Paulo e a pregação da Palavra – Capítulo no livro **Paulo**; sua vida e sua presença ontem, hoje e sempre.¹⁶⁵ Focaliza a homilética de Paulo, destacando a atualidade de seus ensinamentos e métodos para a atualidade. Finalizando com destaque para a grandiosidade da pregação desse apóstolo e as lições por ele deixadas para nós pregadores em todas as épocas: em meio às maiores dificuldades somos motivados a seguir, sem desanimar, sabendo que o Senhor da Pregação, a razão do nosso viver, é quem nos fortalece.

Não planejei escrever. Minha paixão é a sala de aula; o Senhor, todavia, me tomou pela mão e me indicou o caminho da pesquisa e da concepção de novos textos. Escrevo em linguagem clara para desafiar os pregadores da atualidade, já que são difíceis os dias que vivemos. O labor sermônico tem se tornado cada vez mais complexo: mercenários, travestidos de pregadores, querem transformar em comércio aquilo que gratuitamente o senhor oferece — o perdão dos pecados.¹⁶⁶ No século XVI, Deus levantou Lutero e nesses dias ele tem falado a todos nós que uma nova reforma religiosa precisa eclodir, bradando aos quatro cantos do Brasil, da América Latina e de todo o mundo que a pregação não está baseada na pretensa sabedoria, é *sola scriptura*; não visa interesses materiais, é *sola gratia*; não pode ser adquirida pelos dízimos e vultosas contribuições dos ouvintes, é *sola fide*; não está sujeita à eloquência, títulos, status ou credenciais do pregador, é *solus Christus*; e não é proclamada para privilegiar e enaltecer pregadores, igrejas ou denominações, é *solus deo gloria*.

¹⁶⁵ MORAES, 2004, p. 245-292.

¹⁶⁶ MORAES, 2013, p. 181.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Júlio Cezar. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo. v. 53. N. 01. p. 160-175. 2013.
- CARVALHO, Dirce de. **Homilia**: a questão da linguagem na comunicação oral. São Paulo: Paulinas. 1993.
- CESAR, Marília de Camargo. **Feridos em nome de Deus**. São Paulo: Mundo Cristão. 2009.
- CHAPEL, Bryan. **Pregação cristocêntrica**. São Paulo: Cultura Cristã. 2007
- CRANE, James D. **El sermón Eficaz**. Rio: JUERP, 1989.
- FEE, Gordon D. & STUART Douglas. **Entendes o que lêes?** Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova. 1984.
- FREEMAN, Harold. **Nuevas alternativas en la predicación bíblica**. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones. 1987.
- GOUVEA JR., Herculano. **Lições de Retórica Sagrada**. São Paulo: Maranata. 1974.
- GREIDANUS, Sidney. **Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- HOEFELMANN, Verner (Ed). **Proclamar Libertação**: auxílios homiléticos para a proclamação do evangelho. São Leopoldo: Sinodal/EST. 2013. Vol. 37.
- KIRST, Nelson. **Rudimentos de Homilética**. São Paulo/São Leopoldo: Paulinas/Sinodal. 1985.
- KNOX, John. **A integridade da pregação**. São Paulo: ASTE, 1964. 94 p.
- LARSEN, David L. **Anatomia da Pregação**. São Paulo: Vida. 2005.
- MATOS, Alderi de Souza. **O Protestantismo no Brasil**. <<http://www.thirdmill.org>> Acesso em dezembro de 2013.
- _____. **História do Presbiterianismo**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/6994.html>> Acesso em dezembro de 2013.
- MORAES, Jilton. **Homilética**: do ouvinte à prática. São Paulo: Vida. 2013.
- _____. **Aventuras de um pregador iniciante**: aprenda a pregar. São Paulo: Vida. 2012.
- _____. **O clamor da igreja**: em busca de excelência no púlpito. São Paulo: Mundo Cristão. 2012.
- _____. **Restaurado por Jesus**: histórias bíblicas, prédicas, monólogos. São Paulo: Reflexão. 2012.
- _____. **Homilética**: de la investigación al púlpito. Buenos Aires: Editorial Peniel. 2011.
- _____. **Púlpito**: pregação e música. Rio de Janeiro: Convicção. 2010.
- _____. **Ilustrações e poemas para diferentes ocasiões**. São Paulo: Vida. 2010.
- _____. **Homilética**: do púlpito ao ouvinte. São Paulo: Vida. 2008.
- _____. **Homilética**: da pesquisa ao púlpito. São Paulo: Vida. 2005.
- _____. **Grandes Pregadores e sua Pregação**. Coletânea de textos. Trabalho inédito, digitalizado. Brasília. 2006.

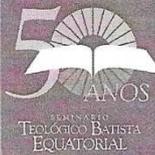
_____. O Valor da brevidade para a relevância da pregação: ensaio a partir de uma análise crítica no trabalho homilético de David Mein. Recife: STBNB, 1993.

REGA, Lourenço Stelio (Org.). **Paulo:** sua vida e sua presença ontem, hoje e sempre. São Paulo: Vida, 2004.

SHEDD, Russell P. **Palavra viva:** extraindo o expondo a mensagem. São Paulo: Vida Nova. 2000.

VON ALMEN, J. J. **O culto Cristão.** São Paulo: ASTE, 1968.

ANEXO A – Professor no STBE, Belém, PA

 <p>50 ANOS SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA EQUATORIAL</p>	<p>SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA EQUATORIAL FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL BR 316, Km 01, Nº 6241 – Castanheira – 66645-003 – Belém – PA Fones: (91)3235.1605; 3235.1522 - Fax (91) 3245.1174 E-MAIL: fatebe@stbe.org.br- HOMEPAGE: http://www.stbe.org.br</p>	 <p>CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA</p>
---	--	---

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que o Prof. Jilton Moraes de Castro compôs o Corpo Docente do Curso de Bacharel em Teologia, do Seminário Teológico Batista Equatorial, no período agosto de 1974 a dezembro de 1982, ministrando as disciplinas: *Homilética I, Homilética II, Aconselhamento Pastoral, Administração Eclesiástica, Administração Educacional da Igreja, Aconselhamento Pastoral, Dramatologia e Programa de Educação Religiosa.*

Belém, 05 de dezembro de 2007

Condurú

Prof. Gilvan Barbosa Sobrinho
Diretor Geral



ANEXO B – Mestrado livre em Teologia, STBNB, Recife, PE

**SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NORTE DO BRASIL**

Rua Padre Inglês, 243 – Boa Vista – Recife, PE – CEP: 50.050-230
 Tel.: (081) 3423-3277 - Fax: 3423-1212 - C.G.C. 10975720/0001-26
 E-mail: secgeral@seminariodonorte-stbnb.br - Fundado em 1º de abril de 1902

Nome: JILTÔN MORAES DE CASTRO

Filiação: Agenor Moraes Filho e Jovenilha Moraes de Castro

Data de nascimento: 21 de abril de 1946

Local: Maceió, AL

HISTÓRICO ESCOLAR

ANO	SEM	DISCIPLINA	HC	CH	NOTA
CURSO: MESTRADO EM TEOLOGIA					
1980	2º	Metologia da Preparação de Sermões	04	60	9,2
1981	1º	Metodologia da Apresentação do Sermão	04	60	9,4
1982	1º	Psicologia da Pregação	04	60	8,0
1982	2º	História da Pregação	04	60	9,6
1983	1º	Teologia da Pregação	04	60	8,0
1983	2º	Dissertação: “A PREGAÇÃO NEOTESTAMENTÁRIA: UMA NOVA DIMENSÃO À MENSAGEM DO Antigo Testamento.”	08	120	8,6
Banca Examinadora: Dr. Paulo Wailler da Silva (Orientador) Dr. Edward Taylor Dr. Richard Plampin					

--	--	--	--	--	--

Obs.: Data de formatura: **25 de novembro de 1983**
Grau recebido: **MESTRE EM TEOLOGIA**

REQUISITO ACADÊMICO:

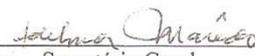
Curso anterior: Bacharel em Teologia

Ano de conclusão: **1971**

Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil
Instituição

Recife **PE**
Cidade Estado

Recife, 23 de julho de 2009



Secretária Geral



Diretor Geral

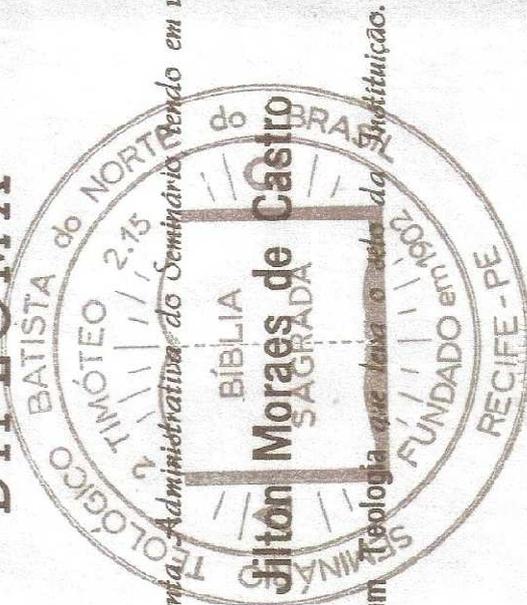
ANEXO C – Mestrado livre em Teologia, STBNB

Anexo 010

Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil

Recife - Pernambuco - Brasil

DIPLOMA



O Rector, em nome da Junta Administrativa do Seminário tendo em vista o resultado das provas a que se submeteu

confere-lhe o diploma de Mestre em Teologia que lisa o seu da Instituição.

Dado e passado nesta cidade do Recife, Pernambuco, em 25 de novembro do ano da graça de

Nosso Senhor Jesus Cristo de 1983.

Joel Guedes de S. Santos
Presidente da Junta Administrativa do Seminário

Harold Meim
Rector do Seminário

ANEXO D – Professor no STBNB



SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NORTE DO BRASIL

Rua Padre Inglês, 243 – Boa Vista – Recife, PE – CEP 50050-230.

WWW.seminariodonorte-stbnb.br – e-mail: secgeral@seminariodonorte-stbnb.br

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que o Professor Dr. JILTON MORAES DE CASTRO integrou o Corpo Docente do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, no período agosto de 1986 a janeiro de 2001, lecionando as seguintes disciplinas: Administração Eclesiástica, Administração Educacional da Igreja, Homilética I, Homilética II, Jornalismo Cristão, Laboratório de Pregação, Ministério Pastoral, Orientação de Monografia, Mordomia e Finanças da Igreja, Planejamento no Ministério da Pregação e Pregação Evangélica, Pregação para Ocasões Especiais.

Recife, 21 de fevereiro de 2008

4º OFÍCIO

Prof. Dr. Roberto José Schuler
Diretor Geral

<p>TABELIONATO JOSAPHAT ALBUQUERQUE - 4º SERVIÇO NOTARIAL Prof. Josephat Vieira de Albuquerque - TITULAR Rua União da Progressão, 92 - 2857 - 50.010-300 - Recife / PE Fone: (81) 324.5225 / 324.2271 - Fax: 324.5000 - e-mail: qubn@pe.com.br</p>	<p>NOTAS: Escrituras, Testamentos, Procurações, Reconhecimento de Fimado e Autenticações de Cópias</p>
---	--

Reconheço a firma de: ROBERTO JOSÉ SCHULER
 RECIFE/PE, 17 DE ABRIL DE 2008.
 Op.: 5

JOSAPHAT VIEIRA DE ALBUQUERQUE
 SUBSTITUTO

Exat.: R\$ 2,38 - TGR R\$ 0,48. Válido somente com o selo.



O Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil é uma instituição educacional da esfera eclesial, reconhecida pela ASTE (Associação de Seminários Teológicos Evangélicos) e pela ABIBET (Associação Brasileira de Instituições Batista de Ensino Teológico). Aos concluintes dos estudos aqui realizados, desde a vigência da lei 9.394/96 (LDB), o possível aproveitamento em cursos reconhecidos poderá ser feito com base em experiência extra-escolar (inciso X do Art. 3º ou parágrafo 2º do Art. 47 da LDB) ou em conformidade com o Parecer CNE/CES 63 de 19/02/1994.

ANEXO E – Declaração do orientador do doutorado livre em Teologia, STBNBDECLARAÇÃO

Conheço o Dr. Jilton Moraes de Castro há muitos anos. A formação acadêmica dele inclui o Bacharel em Teologia, bem como o Mestrado em Teologia e Doutorado em Teologia, cursos que ele completou no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil na cidade de Recife, Pernambuco. Tive o privilégio de ser professor de várias matérias dele no Mestrado e no Doutorado. Também servi como orientador principal da tese de doutorado dele. Ele tem uma capacidade muito grande, e nas matérias que fez comigo escreveu obras que mais tarde foram publicadas em três livros na área dos estudos dele. Posso afirmar com ênfase total que o Dr. Jilton foi o mais brilhante aluno que tive ao longo da minha carreira de professor, entre alguns milhares de alunos do bacharel, mestrado, e doutorado.

Os cursos que o Dr. Jilton fez tanto no Bacharel como no Mestrado e Doutorado foram muito bons e sérios, comparáveis aos cursos das melhores universidades do Brasil ou de qualquer outro país. Eu sei comparar porque fiz o Bacharel em Artes na Universidade de Baylor, em Waco, Texas, me formando em 1952. Depois fiz o Mestrado em Divindades no Southwestern Baptist Theological Seminary, Fort Worth, Texas, Estados Unidos (Seminário Teológico Batista do Sudoeste) curso que terminei em 1956, e o Doutorado em Teologia (terminado em 1965) e o Doutorado em Filosofia (terminado em 1976). Este seminário é um dos mais conceituados nos Estados Unidos e no mundo. Também servi como professor assistente no mesmo seminário nos anos de 1957-1959, e professor visitante nos anos de 1975-76, 1979, e 1985-1986, dando aulas no Mestrado em Divindades e uma matéria no curso de Doutorado em Ministério. Vim para o Brasil no ano de 1959, e servi como professor no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil no Rio de Janeiro, RJ, de 1961 a 1996. Nestes anos dava aula de tempo integral, a não ser nos anos sabáticos, que passei no Seminário de Fort Worth, Texas. Depois de me aposentar no final de 1996, servi durante os anos de 1998 a 2002 como professor adjunto no mesmo Seminário de Texas, dando aulas no curso de Mestrado e também um ano dando aula para alunos do Doutorado em Filosofia, bem como duas matérias no curso de Doutorado em Ministério. Nos últimos anos servi como supervisor de campo de dois alunos do doutorado e de alguns alunos de mestrado. No percurso da minha vida também dei aulas de Mestrado em Teologia na Faculdade Teologia de São Paulo e o Seminário Teológico Batista de Manaus, Amazonas.

Além destes cursos fiz pós-graduação na Texas Christian University, Fort Worth, Texas, e na University Houston (Texas), e fiz o curso de um ano na Escola de Línguas, que na época estava em Campinas, São Paulo. Há quase dez anos fui eleito membro correspondente da Academia Evangélica de Letras do Brasil, com sede na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

Se precisar de mais informação sobre o Dr. Jilton, terei muito prazer em fornecer outros dados a respeito dele.



Jerry Stanley Key
 6000 Meredith Lane
 Fort Worth, Texas 76134-2509
 Telephone: (817) 420-9076

15. OFÍCIO DE NOTAS BARRA DA TIJUCA-RENATO JORDÃO BUSSIÈRE-RE
 Av. das Americas, 500 Bl11 loja 106 Downtown (021) 3154-7161
RECONHECO POR SEMELHANÇA a(s) firma(s) de:
 JERRY STANLEY KEY.....
 SELO(S): SCG60584 - Rio de Janeiro, 27 de Maio de 2009
 FUNPERJ:0,18 FUNDEPERJ:0,18 FETJ:0,73 EMOL:3,68 TOTAL: 4,77 da verda
 Em Testemunho
 <E -ALEX JOSE TORRES DOS ANJOS - ESCRIVENTE AUTORIZADO



ANEXO F – Doutorado livre em Teologia, STBNB



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PÓS – GRADUAÇÃO *LATO SENSU*
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
DAS ARTES E DAS RELIGIÕES

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que JILTON MORAES DE CASTRO, foi meu aluno no Programa de Pós-Graduação (Doutorado) em Teologia no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil no período de 1991 a 1993. Declaro ainda que participei da banca examinadora que lhe concedeu o título de Doutor em Teologia. Enquanto seu professor, pude observar sua habilidade em combinar os aspectos teóricos da sala de aula com as experiências práticas de resoluções de problemas, adaptando soluções e criando novos caminhos para importantes estudos de caso. Em sua trajetória acadêmica o Dr. Jilton Moraes de Castro sempre demonstrou espírito cooperativo e procedimento exemplar na convivência com seus pares.

Recife, 14 de dezembro de 2009.



Paulo Donizeti Siepierski

Coordenador do Curso
Prof. Dr. Paulo Donizeti Siepierski

Pós-Doutorado na University of Notre Dame – EUA (1996-1997)
Presidente da Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos – ASTE (1994-1995)
Presidente da Associação Brasileira de História das Religiões – ABHR (2003-2005)
Coordenador do Curso de Licenciatura em História – UFRPE (2001-2004)
Pró-Reitor de Extensão da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE (2004-2009)

SARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL
12º DISTRITO JUDICIÁRIO
POÇO DA PANELA
Pça. Casa Forte, 305 - Recife-PE

RECONHEÇO A(S) FIRMAS(S)
Paulo Donizeti Siepierski
04.01.10

VALIDO SOMENTE COM O SELO DE
AUTENTICIDADE E FISCALIZAÇÃO

Ana Paula de Souza Lima
Rute Costa Rego Lima - OFICIAL
Ana Paula de Souza Lima - SUBSTITUTA

ANEXO G – Doutorado livre em Teologia, STBNB**SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NORTE DO BRASIL**

Rua Padre Inglês, 243 – Boa Vista – Recife, PE – CEP: 50.050-230
 Tel.: (081) 3423-3277 - Fax: 3423-1212 - C.G.C. 10975720/0001-26
 E-mail: secgeral@seminariodonorte-stbnb.br - Fundado em 1º de abril de 1902

Nome: JILTON MORAES DE CASTRO

Filiação: Agenor Moraes Filho e Jovenilha Moraes de Castro

Data de nascimento: 21 de abril de 1946

Cidade: Maceió

Estado: AL

HISTÓRICO ESCOLAR

ANO	SEM	DISCIPLINA	HC	CH	NOTA
CURSO: DOUTORADO E M TEOLOGIA					
1990	1º	Pregação Para Hoje	03	45	10
1990	2º	As Parábolas de Jesus	03	45	9,8
1991	1º	Estudo na Literatura Paulina	03	45	10
1991	1º	Pregação dos Profetas	03	45	10
1992	1º	Variedade na Pregação Bíblica	03	45	10
1992	1º	A História do Discurso Missionário no Brasil	03	45	9,2
1992	2º	Filosofia da Música Sacra	03	45	10
1992	2º	Grandes Pregadores e Sua Pregação	03	45	10
1993	1º	Tese: "O VALOR DA BREVIDADE PARA A RELEVÂNCIA DA PREGAÇÃO HOJE – Ensaio a partir de uma análise crítica no trabalho homilético de David Mein"	12	180	A
Banca Examinadora:					
Dr. Jerry Stanley Key (Orientador)					
Dr. Paulo Wailler da Silva					
Dr. Paulo Donizétti Siepierski					

<p>TABELIÃO JOSAPHAT ALBUQUERQUE - 2º SERVIÇO NOTARIAL Sítio: José de Albuquerque - TITULAR Rua: D. João de Albuquerque, 75 - CEP: 50.010-200 - Recife / PE Fone: (51) 3221-3228 / 3221-3271 - Fax: 3424-5231 - e-mail: jose.albuquerque@brtur.com.br</p>		<p>NOTAS: Escrituras, Testamentos, Procepções, Reconhecimentos de Firmas, e Autenticações em Copias.</p>
<p>Reconheço a firma de: ROBERTO JOSÉ SCHULER, ADELMA DE SOUZA MACEDO</p>		
<p>RECIFE/PE, 07 DE ABRIL DE 2008.</p>		
<p>Op.: 5</p>	<p>JOSADAK OLIVEIRA VIEIRA DE ALBUQUERQUE SUBSTITUTO</p>	
<p>Empl.: R\$ 4,76 - TSNR R\$ 0,96. Válido somente com o selo.</p>		<p>TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO Selo de Autenticidade e Fidedignidade RECIFE PE ANOREG-PE FIRMA 2 34023364</p>

Obs.: Data de formatura: **22 de junho de 1993**
 Grau recebido: **DOUTOR EM TEOLOGIA**
 Conceito "A" = **excelente**

REQUISITO ACADÊMICO:

Curso anterior: Mestre em Teologia	Ano de conclusão: 1983
Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil	Recife
Instituição	Cidade
	PE
	Estado

Recife, 2 de abril de 2008

<p>4º OFÍCIO</p> <p><i>Adelma de Souza</i> _____ Secretária Geral</p>	<p>4º OFÍCIO</p> <p><i>Roberto José Schuler</i> _____ Diretor Geral</p>
---	---

ANEXO H – Doutorado livre em Teologia, STBNB

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NORTE DO BRASIL

Reflexão, Fé e Serviço – Fundado em 01 de abril de 1902

Doutorado em Teologia

Ata de Defesa de Tese do Doutorado em Teologia do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil. Aos 18 dias do mês de junho do ano de 1993, às 10h, na sala Dickson, local aberto ao público, o Doutorando JILTON MORAES DE CASTRO foi submetido à Defesa de Tese, como exigência para obtenção do grau de Doutor em Teologia. A exposição e defesa do tema "O VALOR DA BREVIDADE PARA A RELEVÂNCIA DA PREGAÇÃO - ENSAIO A PARTIR DE UMA ANÁLISE CRÍTICA NO TRABALHO HOMILÉTICO DE DAVID MEIN" foi feita diante da Banca Examinadora composta pelos Doutores Jerry Stanley Key (Orientador), Paulo Wailler da Silva, e Paulo Donizéti Siepierski. Concluída a defesa, após breve intervalo, em secreto, a Banca Examinadora chegou a um consenso, conferindo-lhe o conceito A (excelente). Para constar, eu, Adelma de Souza Macêdo, Secretária do STBNB, lavro a presente ata, que assino, com o Orientador, membros da Banca Examinadora e Doutorando.

Recife, 18 de julho de 1993

Adelma de Souza Macêdo
Adelma de Souza Macêdo – Secretária

Jerry Stanley Key
Dr. Jerry Stanley Key – Orientador

Paulo Wailler da Silva
Dr. Paulo Wailler da Silva – Orientador Local

Paulo Donizéti Siepierski
Dr. Paulo Donizéti Siepierski

Jilton Moraes de Castro
Jilton Moraes de Castro - Doutorando

1º OFÍCIO DE NOTAS
BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL
AUTENTICAÇÃO

18 OUT 2007

AUTENTIQUE ESTA CÓPIA DUB CONFIRE
COM O ORIGINAL EM 1993-94
TABELA DE PREÇOS DE SERVIÇOS



ANEXO I- Doutorado Livre em Teologia, STBNB

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NORTE DO BRASIL

DIPLOMA

O Diretor Geral, no uso de suas atribuições, tendo em vista a conclusão do curso de Doutorado em Teologia no 1º semestre de 1993 e colação de grau em

22 de junho de 1993, confere o título de Doutor em Teologia a

Silton Moraes de Castro

filho(a) de Agenor Moraes Filho e Jovenilha Moraes de Castro, nascido(a) em

Maceió - AL no dia 21 de abril de 1946, e outorga-lhe o presente Diploma

a fim de que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas legais.

Recife, 19 de fevereiro de 2003



[Signature]
Presidente do Conselho Administrativo

[Signature]
Diretor Geral

2ª via

Diplomado

ANEXO J – Coordenador dos cursos livres de Teologia,STBNB



Direção Geral

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NORTE DO

Rua Padre Inglês, 243 – Boa Vista – Recife, PE – CEP 50050-230.

WWW.seminariodonorte-stbnb.br – e-mail: reitoria@seminariodonorte-stbnb.br

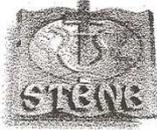
DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que o Professor Dr. JILTON MORAES DE CASTRO atuou como Coordenador dos cursos de bacharel, mestrado e doutorado em Teologia deste Seminário, no período de 1995 a 2001.

Recife, 16 de outubro de 2008

Prof. Dr. Roberto José Schuler
Diretor Geral

ANEXO K – Diretor geral da FTBB, DF



SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NORTE DO BRASIL

*Reflexão, Fé e Serviço – Fundado em 01 de abril de 1902**Doutorado em Teologia*

Ata de Defesa de Tese do Doutorado em Teologia do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil. Aos 18 dias do mês de junho do ano de 1993, às 10h, na sala Dickson, local aberto ao público, o Doutorando JILTON MORAES DE CASTRO foi submetido à Defesa de Tese, como exigência para obtenção do grau de Doutor em Teologia. A exposição e defesa do tema "O VALOR DA BREVIDADE PARA A RELEVÂNCIA DA PREGAÇÃO - ENSAIO A PARTIR DE UMA ANÁLISE CRÍTICA NO TRABALHO HOMILÉTICO DE DAVID MEIN" foi feita diante da Banca Examinadora composta pelos Doutores Jerry Stanley Key (Orientador), Paulo Wailler da Silva, e Paulo Donizéti Siepierski. Concluída a defesa, após breve intervalo, em secreto, a Banca Examinadora chegou a um consenso, conferindo-lhe o conceito A (excelente). Para constar, eu, Adelma de Souza Macêdo, Secretária do STBNB, lavro a presente ata, que assino, com o Orientador, membros da Banca Examinadora e Doutorando.

Recife, 18 de julho de 1993

Adelma de Souza Macêdo
Adelma de Souza Macêdo – Secretária

Jerry Stanley Key
Dr. Jerry Stanley Key – Orientador

Paulo Wailler da Silva
Dr. Paulo Wailler da Silva – Orientador Local

Paulo Donizéti Siepierski
Dr. Paulo Donizéti Siepierski

Jilton Moraes de Castro
Jilton Moraes de Castro - Doutorando

1º OFÍCIO DE NOTAS
BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL
AUTENTICAÇÃO

18 OUT 2007

AUTENTIQUE ESTA CÓPIA DUB CONFIRE
COM O ORIGINAL EM 1993-94
TABELA DE PREÇOS DE SERVIÇOS



ANEXO L – Professor e capelão da Faculdade Evangélica de Taguatinga, DF



Faculdade Evangélica de Taguatinga

Declaração

Declaramos a quem possa interessar que a Sr. JILTON MORAES DE CASTRO, portador do RG. 4.613.538 SSP/DF e CPF: 030.372.234-72 é nosso funcionário desde 01/02/2007, contrato para exercer a função de professor, e que desde 01/02/2008 passou a exercer a função de Capelão

Para maiores esclarecimentos nos colocamos a inteira disposição no nº. 61-34911620 Ramal 219.

Por ser verdade e para que possua os efeitos legais firmamos o presente.

Brasília-DF 06 de Outubro de 2008.

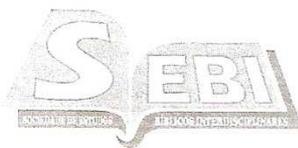


T. B. Domingues

Tatiane Batista Domingues
Faculdade Evangélica de Taguatinga
Gerente de Recursos Humanos
CNPJ: 08.958.350/0001-77



ANEXO M – Professor da Sociedade de Estudos Bíblicos Interdisciplinares, Taguatinga



SOCIEDADE DE ESTUDOS BÍBLICOS INTERDISCIPLINARES

Faculdade de Teologia

CNPJ 97.548.932/0001-05

QNA 36, casa 16, 72.110-360 – Taguatinga-DF

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, **Jilton Moraes de Castro**, compõe o corpo docente dessa instituição sendo suas aulas ministradas no sistema presencial e a distancia (EAD), com início de suas atividades em janeiro/2011.

Taguatinga-DF, 21 de novembro de 2013.



Alex Wellington Vasconcelos
Alex Wellington Vasconcelos Barboza
Diretor Faculdade de Teologia

ANEXO N – Professor do Seminário Presbiteriano de Brasília, DF



Brasília, 23 de abril de 2010.

DECLARAÇÃO

Declaramos para os fins que se fizerem necessários, que o Prof. Dr. Jilton Moraes de Castro ministrou nesta Instituição o curso de Pregação e Exegese, no programa de Pós-Graduação em Teologia Bíblica com duração de 40 horas/aula.


Marcos Alexandre dos Reis Guimarães Faria
Diretor Geral

Seminário Presbiteriano de Brasília
Rev. Marcos Alexandre dos Reis G. Faria
Diretor Geral

ANEXO O – Professor visitante no curso de mestrado livre em Teologia, STBE**SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA EQUATORIAL - STBE**

BR 316, KM 01, 6241. Castanheira. CEP 66645-003. Belém-PA. Fone(s): (91) 3235-1605/1522.

Fax: (91) 3245-1174 / stbe@stbe.org.br / www.stbe.org.br

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins que, **JILTON MORAES DE CASTRO**, foi professor visitante, ministrando a disciplina Homilética, no curso de Mestrado em Teologia, no ano de 2000.

Sendo esta a expressão da verdade, firmamos a presente declaração.

Belém-PA, 06 de janeiro de 2009.

Dr. D. B. Riker -- B.A.; M.Div.; M.A.; Ph.D.
Diretor Geral / Professor de Teologia Sistemática
Seminário Teológico Batista Equatorial
Faculdade Teológica Batista Equatorial
Endereço: BR 316, Km 01, Castanheira,
Belém, Pará. CEP 66645-003. BRASIL

ANEXO P – Professor visitante no curso de mestrado livre em Teologia, STF, CE

Seminário Teológico de Fortaleza
Igreja Presbiteriana Independente do Brasil

D E C L A R A Ç Ã O

Declaramos a quem interessar possa que o Dr. **JILTON MORAES DE CASTRO** ministrou um curso de Homilética no Programa de Mestrado oferecido por este Seminário, no período de 19 a 23 de novembro de 2001.

Por ser verdade firmo a presente em,

Fortaleza, 23 de novembro de 2001.


Rev. **Aúreo Rodrigues de Oliveira**
Presidente

ANEXO Q – Professor visitante no curso de mestrado em Teologia, Campbellsville University, KY, USA



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DO PARANÁ

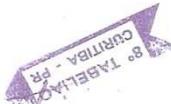
DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que **JILTON MORAES** ministrou a disciplina A COMUNICAÇÃO DA MENSAGEM BÍBLICA no curso de mestrado em Teologia Aplicada da Faculdade Teológica Batista do Paraná, no sistema modular, em julho de 2003.

Outrossim, afirmamos que o livro *Homilética: da pesquisa ao púlpito*, da autoria de Jilton Moraes, publicação das Edições STBNB, faz parte da bibliografia complementar da disciplina de Homilética de nosso curso de Bacharelado em Teologia, e o mesmo pode ser encontrado e consultado em nossa biblioteca.

Curitiba, 12 de dezembro de 2007.

Jaziel Guerreiro Martins
Jaziel Guerreiro Martins
Diretor Geral



TABELIONATO FERREIRA
8ª OFICINA DE NOTAS
DREAS RIBAS FERREIRA JUNIOR

Reconheço e dou fe até) firma(s) de:
LLSFWxL17-JAZIEL GUERREIRO MARTINS...
por SEMELHANÇA.

Em testemunho da verdade.
Curitiba, 19 de Dezembro de 2007

118-BUSLANE RIBEIRO DE NOUVA
EGREMENTE

Rua Dr. Murici nº. 468
JORNAL 25-1900 Fax: 3025-1929
CURITIBA-PR



“ Para uma grande vocação, o melhor preparo ! ”

ANEXO R – Professor visitante no curso de mestrado livre em Teologia, FTB Paraná, Curitiba, PR



1 University Drive
Campbellsville, Kentucky 42718-2799
(270) 789-5000 • (800) 264-6014
FAX (270) 789-5020
<http://www.campbellsville.edu>

Office of the President
(270) 789-5001

April 22, 2003

Dr. Jilton Moraes de Castro, President
Faculdade Teologica Batista de Brasilia
Brasilia – DF – Brazil 70354-110

Dear Dr. Moraes:

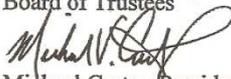
It is with sincere appreciation that the Board of Trustees and the Administration of Campbellsville University acknowledge your participation as a visiting professor of Theology during the spring of 2003. It is quite an honor to have a visiting professor that is the current president of one of the Baptist Seminaries of Brazil. It is especially an honor to have the president of the Baptist Seminary in Brasilia, the capitol of Brazil, as a visiting scholar.

The Theology students in CHS 553 and CHS 353 Ministry of Proclamation and Worship will benefit greatly from your experience and expertise. The three books that you have authored in this important field provide an in-depth base of knowledge that make you uniquely qualified to teach the subject.

It is quite a sacrifice for you and your wife to leave important work in Brazil and serve the students of Campbellsville University. It is clear that both students and faculty of the School of Theology are benefiting from your sacrifice. The Board of Trustees and the Administration of Campbellsville University wish you well as you return to your position as president of the seminary in Brasilia.

Sincerely,


Jerry Bennett, Chair
Board of Trustees


Michael Carter, President
Campbellsville University


Frank Cheatham
Vice President for Academic Affairs

**ANEXO S –Professor visitante no curso de mestrado livre em Música Sacra, STBSB,
Rio de Janeiro, RJ**



**SEMINÁRIO TEOLÓGICO
BATISTA
DO SUL DO BRASIL**
Curso de Pós-graduação

DECLARAÇÃO

Declaro que o prof. *Jilton Moraes de Castro* atuou no Mestrado desta instituição nos dias 5 a 9 de fevereiro de 2007, como docente da disciplina **Música e Pregação na Igreja**, totalizando 20 horas-aula de atividades.

Rio de Janeiro, 31 de maio de 2007

Prof. Ms. *Theógenes Eugênio Figueiredo*
COORDENADOR

ANEXO T – Bacharel em Teologia, FACETEN, parecer 063/2004**FACETEN**

Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil

ISEF - Instituto Superior de Educação FACETEN

Credenciamento Portaria N.º 2739 do dia 27/09/02 D.O.U.

Autorização Portaria N.º 1433 do dia 12/06/03 D.O.U.



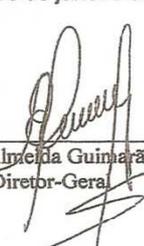
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FACETEN

CERTIDÃO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Certificamos para os devidos fins que, **JILTON MORAES DE CASTRO**, portador da cédula identidade de N.º **4.613.538** SSP/PE e CPF **030.372.234-72**, concluiu o **CURSO DE GRADUAÇÃO BACHAREL EM TEOLOGIA**, conforme o procedimento do parecer 063/2004 para que possa gozar de todas prerrogativas legais.

Por ser verdade, dato e assino.

Taguatinga-DF, 18 de janeiro de 2013



Enock Almeida Guimarães
Diretor-Geral

OBS: Histórico Acadêmico em anexo.

**FACETEN**

Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil

ISEF - Instituto Superior de Educação FACETEN

Credenciamento Portaria N.º 2739 do dia 27/09/02 D.O.U.

Autorização Portaria N.º 1433 do dia 12/06/03 D.O.U.

ISEF

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FACETEN

Nome: JILTON MORAES DE CASTRO

Sexo: Masculino

Filiação: AGENOR MORAES FILHO e JUVENILHA MORAES DE CASTRO

RG: 4613538 SSP/PE

CPF: 030.372.234.-72

Nascimento: 02/10/1958

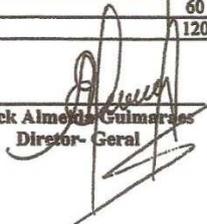
-Curso: BACHAREL EM TEOLOGIA "INTEGRALIZAÇÃO DE CRÉDITOS"

Carga Horária: 2.540.horas

Modalidade de Ingresso: Vestibular

Data de Ingresso: fevereiro de 2008

Ano/Semestre	Disciplina	CH	Crédito	Média	Situação
2008/1	Biologia	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2008/1	Introdução à Filosofia	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2008/1	Metodologia Científica I	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2008/1	Língua Portuguesa	80	04	10,0	Aprovado
2008/1	Hermenêutica	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2008/2	História Judaica	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2008/2	História da Filosofia Antiga	60	04	10,0	Aprovado
2008/2	Lógica	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2008/2	Língua Hebraica	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2008/2	Introdução à Sociologia	60	04	10,0	Aprovado
2008/1	Introdução à Psicologia	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2008/1	Filosofia da Religião	60	04	10,0	Aprovado
2008/1	Teologia Própria	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2008/1	Tipologia Bíblica I	80	04	Aproveitamento	Aprovado
2008/1	Apologética	40	04	Aproveitamento	Aprovado
2009/2	Tipologia Bíblica II	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2009/2	Língua Grega	60	02	Aproveitamento	Aprovado
2009/2	Antropologia Filosófica	60	04	10,0	Aprovado
2009/2	Geo - História Bíblica	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2009/2	Ética Cristã	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2009/1	Antropologia Cultural	60	04	10,0	Aprovado
2009/1	Filosofia da Educação	60	04	10,0	Aprovado
2009/1	Eclesiologia	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2009/1	Crisitologia	80	04	Aproveitamento	Aprovado
2009/1	História do Cristianismo Patrístico	80	04	Aproveitamento	Aprovado
2009/2	História da Igreja Cristã Moderna e Contemporânea	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2009/2	Didática Geral	60	04	10,0	Aprovado
2009/2	Antropologia Bíblica	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2009/2	Administração Eclesiástica	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2009/2	Direito Eclesiástico	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2010/1	Missiologia e Evangelismo	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2010/1	Angeologia	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2010/1	Psicologia da Religião	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2010/1	Educação Cristã	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2010/1	Pneumatologia	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2010/2	Homelética e Retórica	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2010/2	Sotereologia	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2010/2	Escatologia	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2010/2	Heresiologia	60	04	Aproveitamento	Aprovado
2010/2	Monografia	120	08	Aproveitamento	Aprovado


 Enock Almeida Guimarães
 Diretor - Geral

AV. dos Bandeirantes, 900 - Pricumã - Boa Vista - Roraima
 Tel.: (95) 3625-5477 / 3625-5262 CEP: 69309-100

ANEXO U – Utilização do livro Homilética: da pesquisa ao púlpito em curso de Homilética nos Estados Unidos.

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que, nas classes da disciplina Homilética que tenho ministrado, no curso Leadership Certificate, na cidade de Pompano Beach, FL, nos Estados Unidos, um Curso oferecido pelo New Orleans Baptist Theological Seminary, para ensino teológico em língua portuguesa, segundo documento anexo, tenho lançado mão do livro *Homilética da pesquisa ao púlpito*, da autoria de Jilton Moraes de Castro, como livro texto. Pelo excelente conteúdo e pela cuidadosa apresentação didática, o livro sido uma preciosa ferramenta usada por todos os alunos do Curso.

Recife, 17 de novembro de 2007



Ney Silva Ladeira
Ney Silva Ladeira

Professor do Leadership Certificate
 New Orleans Baptist Theological Seminary

Doctor of Ministry (formatura em 14 de dezembro próximo)
 Southeastern Baptist Theological Seminary – Wake Frest, NC

Bacharel e Mestre em Teologia
 Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil – Recife – PE

Bacharel em Administração
 Universidade de Pernambuco

